

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**IMPrensa e Educação: A DIFUSÃO DAS PRÁTICAS ESCOLARES NO
JORNAL GAZETA SOCIALISTA (1948-1958)**

Geane Corrêa dos Santos

**São Cristóvão – Sergipe
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**IMPrensa e Educação: A DIFUSÃO DAS PRÁTICAS ESCOLARES NO
JORNAL GAZETA SOCIALISTA (1948-1958)**

Geane Corrêa dos Santos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, com vistas à obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel André Berger.

**São Cristóvão – Sergipe
2009**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, Geane Corrêa dos
S237i Imprensa e educação : a difusão das práticas escolares no
jornal Gazeta Socialista (1948-1958) / Geane Corrêa dos
Santos. – São Cristóvão, 2009.
192 p. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-
Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e
Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Miguel André Berger

1. Educação. 2. Historiografia educacional – Sergipe. 3.
Imprensa – Jornal Gazeta Socialista. 4. Dantas, Orlando. I.
Título.

CDU 37(813.7)(091):070

história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Este trabalho é dedicado aos meus pais José Américo e Otacília, pelo esforço e orações feitas durante todo o sofrido processo, à minha irmã Clécia, pela infinita preocupação e atenção na leitura de cada edição; aos meus irmãos Dênis e Douglas, pela vontade de que o nada interferisse no sucesso e conclusão da pesquisa; às minhas tias, especialmente Hortência, “titia”. Elas sempre fazem tudo o que está ao alcance, para o sucesso dos sobrinhos.

Agradecimentos

Ao Divino Ser Supremo, pelas graças concedidas.

Aos meus familiares - pai, mãe, irmãos, e tias, pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador, Professor Dr. Miguel André Berger, pela paciência, carinho, respeito e colaboração em todos os momentos do labor. Por suas preciosas sugestões durante a (re) construção do trabalho; em cada reunião, uma iluminação.

Ao Professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, que deu luzes à pesquisa. Pelas suas preciosas contribuições em todas as etapas da (re) escrita. Pelo incentivo dado a minha vontade de pesquisadora, desde a graduação, quando o ritmo da pesquisa ainda era muito mais imaturo do que agora.

À Professora Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, entre outras coisas, por suas relevantes e minuciosas observações, durante a Disciplina História da Educação Brasileira

À Professora Dr^a. Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do Nascimento seu estímulo, carinho, atenção e bom humor foram pontuais na trajetória.

Aos demais professores do Núcleo de Pós-Graduação em Educação.

Aos colegas do curso. O respeito, colaboração, partilha e a descontração, sem dúvida marcaram a nossa convivência. Alguns nomes, evidentemente foram muito especiais: Sônia Albuquerque, e Fernanda Lima, por uma amizade construída desde o início da pesquisa, quando nos conhecemos como alunas especiais da disciplina ministrada pela professora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e mais tarde, tivemos a oportunidade de vivenciar o fortalecimento dessa amizade, durante a disciplina ministrada pelo Professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento. O nosso contato, admiração mútua, e as viagens para os congressos representam um capítulo na nossa história.

À Marlaine Lopes, pelo cuidado, atenção e solidariedade demonstrados desde o início do curso. Suas reflexões foram muito relevantes durante o convívio.

À Solyane Lima, Magno Francisco, Anne Emilie, vocês foram marcantes durante as leituras e releituras de textos.

As amigas Élia Barbosa de Andrade, amizade que vem crescendo desde a graduação, e Maria Jeane pela sinceridade estabelecida desde a adolescência.

Ao Senhor Edson da secretaria do NPGEd, pela atenção, colaboração e seu destacado bom humor e seriedade sempre necessários, e Geovânia, por suas preciosas observações e informações.

À Luana Moura e Genilson Santos Rocha (Geo) colegas de trabalho: paciência, amizade e cumplicidade.

Aos que estiveram presentes na trajetória: Mariângela Dias, Maria do Socorro Lima, Ana Paula (Paulinha), Maria José Dantas, Maria Lúcia Marques, Nadja, Denilsa Oliveira e Célia Maria dos Santos Bomfim, evidentemente, cada uma de todas vocês teve uma representação ímpar, na árdua caminhada.

RESUMO:

Este trabalho tem como principal objetivo verificar como a educação sergipana foi divulgada através do jornal “Gazeta Socialista”, entre os anos de 1948 e 1958, observando a partir daí, de que maneira as práticas culturais escolares, os profissionais da educação e as instituições escolares foram discutidos. O aporte teórico da Nova História Cultural foi marcado pelo diálogo com Roger Chartier (1997), (1990) e (2002); Jacques Le Goff (2003) e Peter Burke (1992) para a apreensão dos elementos da referida corrente de pensamento historiográfico. Utilizou autores da historiografia educacional para entender o seu processo de desenvolvimento, entre eles Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão (2001) e Vidal e Faria Filho (2005). A imprensa foi compreendida a partir de Sodré (1999); Martins (2001) e Luca e Martins (2007), Guaraná (1925), Araújo (1993), Nascimento e Freitas (2001) e Thétis (1993). O trabalho observou que durante o período analisado o jornal destacou o ensino profissionalizante, as festividades escolares, a realização de congressos de estudantes, como relevantes para a sociedade e se preocupou bastante com o desempenho da Escola Industrial de Aracaju e do Instituto de Educação Rui Barbosa, valorizou o trabalho de profissionais da educação e lançou protestos contra a precariedade do ensino primário.

Palavras-chave: historiografia educacional, “Gazeta Socialista”, Orlando Dantas, imprensa, práticas culturais.

ABSTRACT: This work has the objective of checking how education in Sergipe was publicized through the newspaper “Gazeta Socialista”, between the years of 1948 and 1958, observing, how school cultural practices; professional education and schools institutions were shown.. Theoretical support New Culture History was marked by dialogue with Roger Chartier (1992, 1990, 2002); Jacques Le Goff (2002) and Peter Burke (1992, 1989) to apprehend the elements of historiografic thought. It used education’s historiografic authors to understand the process of development, between Eliane Marta Teixeira Lopes and Ana Maria de Oliveira Galvão (2001) and Vidal and Faria Filho (2005). The press was understood by Sodré (1999); Martins (2001) and Luca and Martins (2007), Guaraná (1925), Araújo (1993) Nascimento e Freitas (2001) and Nunes (1983). The work noticed during the analysed period the news highlighted vocational teaching, the school’s celebrations, students brings, relevant for society and worried very much with activity of Industrial Aracaju School and Rui Barbosa Education Institute, it valued the professional of education and protested against the bad situation of primary school.

Key-words: educacional historiography, “Gazeta Socialista”, Orlando Dantas, press, cultural practices.

SUMÁRIO

Lista de siglas e abreviaturas

Lista de figuras

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO I	
A imprensa escrita	21
Os impressos como práticas sociais	25
 CAPÍTULO II	
Orlando Dantas - perfil biográfico.....	36
A “Gazeta Socialista”	57
 CAPÍTULO III	
As publicações da primeira fase da “Gazeta Socialista”	78
As publicações da segunda fase da “Gazeta Socialista”.....	87
A educação sergipana na “Gazeta”	90
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 128
 REFERÊNCIAS	 132
 ANEXOS	 150

Lista de siglas e abreviaturas

PSB – Partido Socialista Brasileiro.

UND – União Democrática Nacional.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

PDPH – Programa de Documentação e Pesquisa Histórica.

DHI – Departamento de História.

NPGED – Núcleo de Pós-Graduação em Educação.

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

BPED – Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea.

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe.

SAME – Serviço de Assistência à Mendicância.

Lista de figuras

Figura 1: fotografia de Orlando Dantas

Figura 2: edição do jornal “Correio de Aracaju”, divulgando a diplomação de Leandro Maciel, quando foi eleito governador do Estado de Sergipe, em 1955.

Figura 3: primeira página da primeira edição da “Gazeta Socialista”, do dia quinze de maio de 1948.

Figura 4: comunicado do PSB aos seus membros.

Figura 5: página do jornal destinada às notícias do PSB.

Figura 6: primeira edição de janeiro de 1956.

Figura 7: coluna “Gazeta na sociedade” de 1949.

Figura 8: coluna “Lar e sociedade” de 1958.

Figura 9: coluna: “Panorama político” de 1958.

Figura 10: coluna “Papel carbono” de 1958.

Figura 11: coluna “Buraco de fechadura” de 1956.

Figura 12: campanha para eleger Orlando Dantas, prefeito de Aracaju, 1958.

Figura 13: primeira página da primeira “Gazeta de Sergipe”, de junho de 1958.

Figura 14: gráfico do percentual das publicações durante o ano de 1948.

Figura 15: texto que divulgou o objetivo do PSB, na área cultural.

Figura 16: gráfico do percentual das publicações durante o ano de 1949.

Figura 17: gráfico do percentual das publicações durante o ano de 1950.

Figura 18: gráfico do percentual das publicações durante o ano de 1951.

Figura 19: gráfico do percentual das publicações durante o ano de 1952.

Figura 20: edição do mês de agosto de 1952.

Figura 21: gráfico do percentual das publicações durante os anos de 1956, 1957 e 1958.

Figura 22: editorial da primeira edição do ano de 1956.

INTRODUÇÃO

A introdução de novos objetos e de novas fontes na pesquisa histórica foi possibilitada pela revolução historiográfica proporcionada pela Escola dos Annales, movimento francês ocorrido no alvorecer do século XX. A partir deste movimento, o passado pode ser interpretado através de fontes que ultrapassam as fronteiras do documento escrito e oficializado. Fontes iconográficas, orais, fotográficas e outras, cuja subjetividade e interpretação possibilitam reconstruções de histórias da arte, das crenças, das modas, das guerras, dos homens, das mulheres, das crianças - estas últimas não privilegiadas durante muito tempo pela historiografia. Tais fontes emergiram, fornecendo inúmeras informações a respeito de acontecimentos distantes no tempo. A adoção das fontes dilatou a produção historiográfica e proporcionou o conhecimento da trajetória de grupos e agentes sociais descurados pela pesquisa científica.

A historicidade permite a inclusão, no campo da ciência histórica, de novos objetos da história: o *non-événementiel*; trata-se de acontecimentos ainda não reconhecidos como tais – história rural, das mentalidades, da loucura, ou da procura de segurança através das épocas (LE GOFF, 2003, p.20).

A multiplicidade dos objetos abriu um leque de possibilidades e em decorrência desafiou as análises e colaboraram para a ampliação do conhecimento historiográfico. “A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental de seus historiadores” (LE GOFF, 2003, p.52). É o historiador quem retira do silêncio as fontes que localiza, seleciona e interroga.

A leitura de novas fontes e tomada de novos objetos começou a ser empreendida sob a Nova História Cultural derivada do movimento dos Annales. Esse movimento, para além da história dos grandes vultos e dos grandes acontecimentos, possibilitou a apreensão de documentos e fontes que, devidamente inquiridos e analisados, permitiriam interpretações de ordem variada. A partir da divulgação de uma revista, a Revista dos Annales, a pesquisa documental se tornou multidimensional. “A revista, que tem hoje mais de sessenta anos, foi fundada para promover uma espécie de história continua, ainda hoje, a encorajar inovações” (BURKE, 1992, p.11). Além disto, esse

movimento apresentou razões para estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento para a construção de análises e reconstrução dos acontecimentos.

A divulgação da revista dos *Annales* alargou, portanto, as fronteiras da pesquisa histórica. Tal documento, significativo das fronteiras em pesquisas de História, ecoou sobre os estudos em História da Educação. Assim, fica evidente que “A história da educação também tem acumulado um amplo repertório de pesquisas sobre práticas educacionais” (OLIVEIRA, 2003, p.122). Práticas de leitura, preceptoria e educação feminina exemplificam a recorrência na historiografia educacional que, como um desdobramento da história cultural, também pode ser lida a partir da perspectiva de Castanho (2006):

A história cultural continuará sendo história cultural, interessada no estudo da “teia simbólica” tecida pelas sociedades humanas. A história da educação seguirá sendo história da educação, preocupada com o estudo no tempo e no espaço do fenômeno educativo. Mas, ao estudar as práticas e representações dos atores, instituições educativas, a história da educação estará filtrando para dentro de seu próprio campo, numa espécie de processo osmótico, temáticas e olhares antes específicos da história cultural, não importa em qual das modalidades [...] (CASTANHO, 2006, p.159).

A absorção dos aspectos, ou peculiaridades da História Cultural pela História da Educação, abraça as fontes e, nessa perspectiva, a imprensa escrita se destaca, sobretudo, por se configurar uma exploração recente no campo.

A imprensa acompanha o desenvolvimento sócio-cultural e, segundo Araújo e Gatti Júnior (2002), consegue criar um “espaço” ao dialogar com o público.

A imprensa é uma representação que instaura a sua presença. Na compreensão de Roger Chartier, a imprensa é algo público fundamentalmente oposto ao particular:

Se por oposição às opiniões particulares, sempre instáveis, incertas, locais a “opinião pública” apresenta estabilidade, certeza e universalidade, é fundamentalmente à imprensa que ela deve essas características. Permitindo a comunicação sem a presença, constituindo um tribunal invisível e imaterial, cujos julgamentos, fundamentados na razão, se impõem a todos (CHARTIER, 2003, p.24).

A imprensa possibilita um diálogo coletivo com o fato que discute e apresenta. Ela dá o seu testemunho com a propriedade de quem trafega por todas as instâncias sociais. Surge mais um aspecto de sua relevância como fonte e objeto de análise, ela é um forte instrumento difusor de idéias.

Foi graças ao periodismo que se operou na história e na historiografia uma mudança revolucionária. Apesar de a revolução historiográfica ter sido provocada a

partir de uma publicação periódica, os estudos que privilegiam os periódicos como seus objetos e fontes ainda estão em expansão. Na produção historiográfica educacional a utilização dos impressos ainda é tímida:

A história do ensino, não tem se limitado à história das instituições escolares, do pensamento pedagógico ou de alguns movimentos educacionais, como era comum se fazer. Recentemente tem crescido o interesse, por exemplo, pelas práticas escolares cotidianas (LOPES e GALVÃO; 2001:51).

Tão útil quanto a imprensa escrita para a historiografia é também a oralidade, que talvez seja o método mais antigo de se fazer história. Segundo Meihy (1996) “É comum dizer que a história oral é tão velha quanto a própria história” (MEIHY, 1996, p.19). Valorizada, esquecida, revalorizada e renovada, a oralidade busca através de narrativas, realizar uma reconstituição de acontecimentos. “A história oral pura trabalha apenas com os depoimentos” (MEIHY, 1996, p.20). Assim, é importante esclarecer que este texto não se deteve aos limites da oralidade, ela foi utilizada como mais um recurso.

A história oral, na modernidade, segundo Meihy (1996), nasceu durante a primeira metade do século XX, e encontrou no jornalismo um relevante instrumento de renovação: “O jornalismo, portanto, foi um significativo degrau para o avanço da história oral” (MEIHY, 1996, p.19). De acordo com Meihy, a história oral encontra-se dividida em fases e a mais moderna está representada pela renovação através do jornalismo.

A utilização da oralidade contribuiu para iluminar algumas searas da pesquisa, tais como o surgimento do objeto desta análise.

Diante disso, é necessário esclarecer que o objeto do texto apresenta como tema a educação pública aracajuana, buscando aprender de que forma as instituições escolares e o trabalho dos profissionais da educação foram levados ao conhecimento da sociedade através do jornal.

O objetivo principal da presente investigação é empreender uma análise dos textos publicados pelo jornal “Gazeta Socialista” a respeito do cenário educativo em Aracaju, entre os anos de 1948 e 1958. A partir daí foram verificadas quais as instituições escolares mais discutidas no jornal durante este período. As práticas escolares mais destacadas nessas fontes também foram investigadas; finalizando, as lentes desta sondagem se voltaram para as publicações que divulgaram os acontecimentos educacionais no interior do Estado.

A análise partiu do pressuposto de que os responsáveis pela editoração e circulação de um periódico buscam ou detêm representatividade na sociedade, na qual se inscrevem e para a qual escrevem. As instituições escolares, compreendidas como órgãos construtores da cidadania vêm, nos interlocutores da imprensa, agentes que podem contribuir para os sucessos ou insucessos experimentados por elas ao longo de sua trajetória. Sob este ângulo é importante pontuar o posicionamento do objeto deste estudo.

Desde que começou a circular, em 1948, o jornal evidenciou ter uma preocupação com os rumos da educação sergipana. O ano escolhido para encerrar a investigação corresponde também ao período em que o jornal substituiu o seu título para “Gazeta de Sergipe”. Empreender uma análise que elenca a imprensa escrita como fonte e objeto para tentar compreender o desenvolvimento do processo educacional sergipano no momento em que o século XX deixava para trás a sua juventude e começava a experimentar as transformações da maturidade, justifica a escolha.

Tendo em vista o fato de as verdadeiras mudanças não ocorrerem com a virada de um século, mas no decorrer dele, a pesquisa supôs que relevantes transformações tenham alcançado o fenômeno educativo ao que a imprensa esteve atenta para registrar os fatos.

A compreensão inicial para a investigação é que, decorrente da necessidade de se estabelecer dentro da imprensa sergipana, a “Gazeta Socialista” tenha procurado atingir todos os segmentos sociais e, percebendo a relevância das discussões em torno da educação, como a aprovação Lei de Diretrizes e Bases Nacionais, se manifestou a favor da causa educacional sergipana, colocando em relevo o nome do seu principal mantenedor, o empresário Orlando Dantas.

A trilha da pesquisa educacional, por meio dos impressos é incipiente em Sergipe. A imprensa escrita representada pelo jornal “Gazeta Socialista” ainda não foi chamada a depor sobre o tema. Tais fatores motivaram a escolha que, inicialmente, selecionava um período bem mais dilatado, abraçando também a época de circulação do jornal circulou com o título de “Gazeta de Sergipe”; ou seja, de 1948 até 1980 – década em que aconteceu o falecimento do seu idealizador, Orlando Dantas. Entrementes, o olhar vigilante do Prof. Dr. Miguel André Berger, propôs o recuo. O mesmo olhar provocou um redirecionamento nos objetivos que pretendiam também investigar as práticas cotidianas escolares através do jornal.

Em relação a esse impresso, encontramos um trabalho desenvolvido no Departamento de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, por Flávia Martins e Joana Cortês (2003), para a realização de um trabalho intitulado “Memórias empoeiradas da Gazeta de Sergipe”, no qual é possível encontrar informações sobre a abertura, a composição e o funcionamento da “Gazeta de Sergipe”; entretanto, tais registros tratam de período posterior (1958 e 2001), ao marco temporal aqui estabelecido, por isso não foi necessário utilizá-lo. Além disso, o trabalho apresenta discussões sobre os principais colaboradores do jornal, o teor das colunas, o maquinário e a técnica de impressão utilizada pelo jornal.

Além de trabalhos como esses, existem também abordagens que destacam o radiojornalismo. Somam-se a estes, os textos jornalísticos produzidos por alunos. Textos que procuram apreender a atividade educacional sergipana veiculada por jornais não foram localizados, sobretudo a respeito da “Gazeta Socialista.”

A pesquisa foi realizada com base nas fontes pesquisadas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, na Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea e no Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Quanto as fontes impressas, foram observadas quinhentas e vinte edições, entre os anos de 1948 e 1958, desse total, cento e oitenta textos continham informações referentes ao cenário educacional sergipano, com cento e doze textos, no total das publicações e, entre esses, noventa e cinco serviram para a análise. Sobre as fontes, é relevante elucidar que muitas delas, estavam em completo estado de fragilidade e decomposição. No IHGS e APES, quase todas as edições do ano de 1948 estavam em estado parcial de desintegração, impossibilitando o manuseio, entretanto ainda foi possível fazer uma leitura das edições, complementando as informações, ora em um acervo, ora em outro.¹

A partir do ano de 1949, as condições físicas das fontes começaram a apresentar melhoras na aparência. Porém, em função da própria fragilidade do suporte, a pesquisa sofreu restrições para fazer a leitura em dez edições dos anos posteriores a 1949. As fontes referentes aos anos entre 1950 e 1958 não apresentaram dificuldades para leitura e manuseio, contudo, na Biblioteca Pública Epiphâneo Dórea, não foi localizada nenhuma edição do ano de 1952.

¹ A imagem da figura 3, no segundo capítulo foi adquirida junto ao acervo do IHGS, entretanto a figura utilizada nos elementos pré-textuais desse trabalho, pertence ao acervo do APES.

Além da análise do impresso, duas entrevistas foram realizadas. Os depoentes, Iêda Dantas Brandão, filha de Orlando Vieira Dantas, e Luiz Antônio Barreto forneceram informações relevantes. “É através dos testemunhos, das vozes do passado, que se edificam as análises historiográficas, independentemente de sob qual viés interpretativo o trabalho seja elaborado” (SANTOS, 2002, p. 31). Neste sentido, as entrevistas realizadas tiveram o objetivo de esclarecer o que o documento escrito não revelou, diante disso, é importante considerar que:

As entrevistas, como todo testemunho, contém afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informação, e podem fornecer-nos informações válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra fonte humana (THOMPSON, 1992, p. 315).

O acervo do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe – Programa de Documentação e Pesquisa Histórica – DHI/ PDPH, é detentor de muitos textos que se lançaram sobre os periódicos. Uma parcela muito significativa desta produção delimita a análise dentro do século XIX e discute temas como escravidão, cinema, direitos trabalhistas, a questão indígena através da imprensa e revistas de educação. Os trabalhos que se debruçam sobre os impressos publicados durante o século XX, seguem numa direção de encontro ao tema educacional, mas, ao que se pôde constatar nenhum dos trabalhos se dedicou ao objeto em questão.

O Núcleo de Pós-Graduação em Educação, da mesma Universidade, abriga textos que tratam dos impressos: “Revista Litterária do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe” é o resultado da pesquisa realizada por Maria Lúcia Marquez Cruz e Silva (2004) que pôde, a partir da análise de uma revista, compreender o processo de divulgação de um novo modo de pensar a educação, através das representações dos seus sócios e produtores.

Considerando as relações de força e disputa dentro do campo, tal como compreende Bourdieu (2005), foi necessário ouvir a opinião de quem não alimentou simpatia por Orlando Dantas, mas não em forma de entrevistas. O reverso de opiniões, constatado no jornal “Correio de Aracaju”, órgão de imprensa udenista, representante do grupo liderado por Leandro Maciel, revelou atritos esses dois políticos.

Alicerçado sobre a Nova História Cultural, este texto dialoga com Roger Chartier (1987, 1990, 2002), discutindo as categorias de representação, apropriação. Representação tal como concebe Chartier é uma construção relevante para o campo, pois, dentro dele, elas se defrontam, marcando os limites dos agentes do campo. Representações que se pretendem demonstradoras da realidade para a qual a

apropriação de idéias e valores concorrem bastante. Comunga com Pierre Bourdieu (1982, 2005) as idéias de símbolo, na perspectiva de que o capital simbólico é resultante de um acúmulo de elementos que denunciam a origem social e escolar dos indivíduos; *habitus*, compreendendo-o como um bloco de disposições que o indivíduo adquire e um elemento regulador de comportamentos dentro do campo; e o conceito do próprio campo, sobretudo, porque é no campo que o exercício das forças se estabelece, nele além dos conflitos, o capital simbólico se exercita e aí, as representações se estabelecem mais evidentemente. Paul Thompsom (1992) e Carlos S. Bom Meihy (1996) também forneceram apreensões importantes para a utilização do recurso da oralidade na pesquisa. É a partir da perspectiva de Chartier (2007), sobre materialidade escrita, que a pesquisa observa o suporte das fontes e se apropria da noção de espaço e representação compreendida por Michel de Certeau (2008) para discutir alguns aspectos da publicação. O farol de método indiciário aceso por Carlo Ginzburg (1989) clareou a busca das fontes. Sérgio Castanho (2006), também conduziu a reflexão pelas searas da história cultural. A compreensão da trajetória de intelectuais foi possível sob o entendimento de Jean François Sirinelli (1996, 1998). Norbert Elias (1993) foi fundamental para o entendimento dos princípios de civilidade, sob a perspectiva de uma evolução intelectual do ser humano.

A partir do trabalho de Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão (2001), o texto discute a historiografia educacional, Luciano Mendes de Faria Filho e Diana Gonçalves Vidal (2005) colaboraram com suas apreensões a respeito da utilização das fontes impressas na historiografia educacional e da imprensa como fonte para a História da Educação. O contexto nacional do campo historiográfico educacional também é analisado a partir da compreensão de Hilsdorf (2003). Gilberto Freyre (1998) demonstrou como os impressos foram utilizados como fontes durante o crepúsculo do Brasil imperial, enquanto Ana Luiza Martins (2001), esclareceu sobre os impressos do Brasil republicano; Nelson Werneck Sodré (1999) e Tânia Regina de Luca (2006), contribuíram para o entendimento do desenvolvimento da imprensa no Brasil. Rocha Franca (2008), também colaborou para a compreensão do pensamento educacional brasileiro.

Ana Luiza Martins e Tânia Regina de Luca (2008) também colaboraram, demonstrando como a imprensa, desde a sua criação, foi sendo objeto e sujeito da história. Jorge Carvalho do Nascimento e Itamar Freitas (2002) auxiliaram na compreensão da utilização dos impressos em Sergipe. A apreensão feita por Nascimento

(2008) sobre os impressos durante o século XIX em Sergipe foi importante para maior clareza sobre a utilização dos impressos na sociedade sergipana da época. Acrísio Tôrres Araújo (1993) conduziu a pesquisa pela trilha do desenvolvimento da imprensa sergipana e Armindo Guaraná (1925) apresentou observações relevantes sobre esse desenvolvimento. A contribuição prestada por Barreto (2007) ultrapassou as fronteiras da história da imprensa em Sergipe e se estendeu a alguns momentos de tensão protagonizados pelo diretor do objeto desse estudo e outros personagens do cenário sergipano. Maria Thétis Nunes (1984) também expôs sobre o periodismo sergipano. A discussão de temas destacados pelo jornal, também foi acompanhada por Souza (2003), e Berger (1995), para o esclarecimento de temas preocupadamente discutidos pelo jornal.

O desenrolar de alguns aspectos políticos em Sergipe foi feito a partir dos estudos realizados por José Ibarê da Costa Dantas (1989, 2004). Esses estudos pontuaram momentos importantes para esta pesquisa. A partir da investigação realizada por Teresa Cristina Cerqueira da Graça (2002), foi compreendido o cenário aracajuano dos anos 50 do século XX.

Dois discursos depuseram sobre a figura em torno da qual funcionou o jornal “Gazeta Socialista”. O primeiro deles foi proferido por Orlando Dantas no ano de 1967, na Câmara de Vereadores de Aracaju, ao receber o título de cidadão aracajuano, no qual depõe sobre si. O segundo foi pronunciado por Thétis Nunes, em 1983, quando tomou posse da cadeira de nº 39, em substituição ao jornalista, falecido um ano antes.

Em Sergipe, a “Gazeta Socialista” foi um veículo de comunicação que demonstrou muito interesse pelos assuntos ligados à educação. Nessa perspectiva, entende-se “[...] que a utilização da imprensa, como objeto de análise, em muito enriquece a observação histórica, principalmente no que concerne à educação [...]” (ARAÚJO e GATTI JÚNIOR, 2002, p.72). Os primeiros exemplares da “Gazeta Socialista” começaram a circular ainda durante a primeira metade do século XX; assim, boa parte dessas fontes primárias já se encontra em estado delicado.

O foco dessa discussão nasceu durante a primeira metade do século XX, alegando estar à disposição da juventude estudantil e aberto a todos àqueles que quisessem lutar por melhorias no cenário educacional sergipano. Neste sentido, este jornal chamou a atenção por divulgar notas – grandes e pequenas- a respeito da educação e de estudantes sergipanos instigando uma investigação a fim de comprovar a sua proposta inicial.

A pesquisa, através da imprensa escrita, representada pelo jornal “Gazeta Socialista”, aguardava inquérito para poder preencher espaços historiográficos na área da educação. A possibilidade de empreender uma investigação historiográfica a partir da imprensa representa uma novidade também para quem ora se curva sobre a produção da peridiocidade.

O periódico em questão demonstrou, desde o ano de sua criação, preocupação em divulgar o que estava ocorrendo no universo educacional sergipano, e ao mesmo tempo, abria espaço para que as pessoas ou grupos sociais diretamente ligados às escolas, ou não, pudessem se posicionar. A destacada atuação da “Gazeta Socialista” revela a sua importância para a historiografia educacional, sobretudo quando se considera que:

O avanço dos estudos em História da Educação no estado de Sergipe, na última década, permite, provisoriamente, uma única conclusão: há muito por fazer, por cada época tem de reescrever a história, sendo impossível um resultado definitivo ou uma síntese final (NASCIMENTO, 2003, p. 72).

Segundo Nascimento (2003), em Sergipe, algumas instituições apareceram como editores de textos de História da Educação; dentre elas, a que tem o maior número de publicações é a Universidade Federal de Sergipe, e entre os jornais que têm tido uma preocupação neste sentido foi a “Gazeta de Sergipe”, derivada da “Gazeta Socialista”.

O muito por fazer, compreendido por Nascimento (2003), pode ser interpretado também como empreender uma melhor observação da imprensa no sentido de retirar-lhe a maior quantidade possível de informações, sobre vários aspectos do fenômeno social. Diante da clareza de que a imprensa é um tipo de fonte muito recorrente em pesquisas historiográficas, é preciso aproveitá-la na historiografia educacional.

Apesar da compreensão de Nascimento (2003) sobre a larga utilização dos jornais como fontes e falta de destaque para a intencionalidade do impresso, aqui, foi necessário elucidar algumas publicações, devido ao fato de o jornal ser um órgão genuinamente partidário:

Dentre as fontes mais recorrentes, os jornais aparecem como o documento de maior utilização por esse tipo de trabalho. A estes, os autores conferem um caráter de imparcialidade e apresentam seu testemunho como a legítima e exclusiva opinião da sociedade, uma espécie de voz inquestionável da opinião pública. Não acentuam a intencionalidade, interesses e compromissos dos editores e demais produtores de textos jornalísticos, não costumam revelar as instituições e os homens que dirigem os jornais (NASCIMENTO, 2003, p.67).

Entretanto, destacar a intencionalidade de cada uma das notas divulgadas, poderia contribuir para ultrapassar algumas fronteiras do texto como: objetivos, marco temporal e desviar o rumo da investigação; entretanto, em alguns momentos, foi necessário.

A pesquisa compreendeu que manter os dirigentes e jornalistas deste órgão no anonimato não seria possível, uma vez que ela buscou apresentar a postura do jornal diante do processo educacional. Neste sentido precisou conhecer quem o idealizou. O historiador evoca os personagens que lhe ajudarão a reconstruir o acontecimento sobre o qual se debruça.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, destaca a imprensa, pontuando o momento de surgimento, ampliação e sua utilização como fonte e objeto de pesquisas. O segundo se dedica à figura de Orlando Vieira Dantas, destacando sua atuação política, intelectual e empresarial. Nesta perspectiva, ficaram registrados também os enfrentamentos ocorridos entre Orlando Dantas e outros personagens sergipanos, fazendo uma abordagem sobre a criação do Partido Socialista Brasileiro em Sergipe. No terceiro capítulo, está empreendida a análise das práticas escolares, as instituições de ensino mais recorrentes e questões de maiores destaques no campo educacional, durante os anos de 1948 e 1958.

CAPÍTULO I

A imprensa escrita

O cenário europeu do século XVII, marcado por transformações científicas e culturais através de movimentos como o Humanismo, o Iluminismo e a Reforma Religiosa, perceberam, na força dos impressos, um instrumento de difusão dos seus ideais. Os periódicos se tornaram muito presentes na vida das pessoas logo depois da invenção da imprensa por Gutenberg e marcaram, significativamente, os traços das transformações testemunhadas na Europa. A certidão de nascimento dos impressos é européia.

A importância do jornalismo começou a adquirir maior destaque desde o século XVIII, quando, em países como a França e a Inglaterra, os periódicos começaram a se expandir: “No século XVIII, os jornais se tornaram cada vez mais influentes, com a proliferação de periódicos” (BURKE, 2003, p. 34). Segundo Burke, neste período, “Gazetas de notícias impressas, registradas por primeira vez na Alemanha em 1609, ganharam impulso na República Holandesa em princípios do século XVII e no século XVIII já estavam espalhados pela maior parte da Europa” (BURKE, 2003, p.152).

Os periódicos encontraram, nos séculos XVII e XVIII, o seu melhor momento de ampliação. Segundo o jornalista Eduardo Franciscato, “[...] o final do século XVII conduz diretamente para a expansão do jornalismo no século seguinte” (FRANCISCATO, 2005, p.28). A expansão do movimento conhecido como imprensa pode ser explicada também pelo forte ideário contido em cada folheto colocado em circulação, além das razões mercantilistas.

O reflexo da expansão da atividade jornalística fez aparecer, no Brasil, algumas tentativas de instalação da imprensa as quais foram logo reprimidas. De acordo com Nelson Werneck Sodré: “Em 1706, sob os auspícios do governador Francisco de Castro Morais instalou-se no Recife pequena tipografia para impressão de letras de câmbio e orações devotas. A Carta Régia de 8 de junho do mesmo ano, entretanto, liquidou a tentativa” (SODRÉ, 1999, p.17).

A instauração da imprensa oficializada no Brasil Colônia ocorreu no raiar do século seguinte por ocasião da transferência da Corte Portuguesa para as terras pertencentes à Coroa, na América. “A imprensa surgiria, finalmente, no Brasil – e ainda, desta vez, a definitiva, sob proteção oficial, mais do que isso: com o advento da Corte

de D. João” (SODRÉ, 1999, p.19). Assim, por decisão Real, foi instalada uma oficina onde seriam impressos livros e outros registros sob fiscalização:

Dessa oficina, a 10 de setembro de 1808, saiu o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Era um pobre papel impresso, preocupado quase tão somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4º, poucas vezes mais, semanal de início, trissemanal depois, custando a assinatura semestral 3\$800. E 80 reis o número avulso, encontrado na loja de Paul Martin Filho, mercador de livros. Dirigia este arremedo de jornal frei Tibúrcio José da Rocha (SODRÉ, 1999, p.19).

Segundo Sodré (1999), esse órgão da imprensa oficial não conseguia atrair a atenção do público e, tão pouco, seria essa a intenção dos seus fundadores. O fato é que, logo após a criação, outros títulos começaram a surgir no território brasileiro.

O nascimento da atividade jornalística sergipana está situado nos idos Oitocentos, com a criação do *Recopilador Sergipano*, da cidade de Estância. Guaraná (1925) esclareceu que Antônio Fernandes da Silveira “fundou e redigiu: *Recopilador Sergipano*. Periódico. Estância 1832-1834. O primeiro número é de setembro daquele anno.” (GUARANÁ, 1925, p.23). É consoante que o Monsenhor Silveira deu a largada na produção periódica em Sergipe, não apenas Guaraná (1925), mas Araújo (1983) também comentou sobre essa paternidade; entretanto, Barreto (2008), afirmou que já houve uma tentativa nessa direção:

No passado mais remoto, por volta dos anos de 1730/1740, houve uma tentativa de organização de uma tipografia em Sergipe, chegando a ser publicadas umas “gazetas”, consideradas infames e subversivas, atribuídas ao padre Eusébio Elias Laços Lima, vigararia de Itapirucu de Cima, agregado a Freguesia de Lagarto (BARRETO, 2008, s/n).

Nunes (1984), também se referiu à origem da imprensa sergipana:

Em Estância, onde a imprensa sergipana lançara as suas raízes com o *Recopilador Sergipano* (1832-1834) e com a instalação da Tipografia do Silveira, circularam, nos primeiros anos de 1850, o *Squarema*, de orientação política, e o *Urtiga*, de fundo humorístico [...] (NUNES, 1984, p.86).

A presença de jornais em outras cidades, como São Cristóvão, foi delimitada dentro do século XIX, quando circulou o “*Correio Sergipense*” e também Laranjeiras, em que muitos títulos marcaram presença já na primeira metade do referido século:

Em Laranjeiras, diversos jornais surgiram a partir de 1841, com o aparecimento de *O Monarquista Constitucional*, seguido de *O Triunfo* (1844), *Pedro II* (1844), *O Guarany* (1847), *O Telégrafo* (1848), *O Observador* (1851-1853) e *Voz da Razão* (1854-1856) (NUNES, 1984, p.87).

A partir desse momento, por todo o território, surgiram títulos em sua maioria com vínculo político. O quadro foi se transformando ao longo do tempo e, já no século XX, acompanhando o processo de evolução, Barreto (2008) informou também que:

No contexto da imprensa sergipana, os jornais evoluíram em sua periodicidade de modo a circularem diariamente, exceto as segundas-feiras. Isto, no entanto, não garantiu que os diários, que antes eram vespertinos e hoje madrugam, tivessem a hegemonia do público. (BARRETO, 2008, s/n).

Nos periódicos, estabeleceram-se conflitos; sobretudo, os conflitos políticos. Sobre os debates e enfrentamentos políticos através da imprensa sergipana nos Oitocentos e início dos Novecentos, Araújo (1993) elencou os jornais e os debates ocorridos nos periódicos durante tal período. Em decorrência, definiu Sergipe republicano como uma “Terra de jornais, foi também terra de jornalismo rude, agressivo” (ARAÚJO, 1993, p. 19). O criador da imprensa sergipana, segundo esse autor, foi um homem partidário: “Muito cedo, envolveu-se nas lutas políticas locais. Também na corte. Desde 1822, ano da independência. Era um patriota, um eloquente tribuno político” (ARAÚJO, 1993, p. 21). A imprensa é, por excelência, uma tribuna, um instrumento de luta:

As lutas de representações têm tanta importância para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1987, p.17).

É compreensível que tantos embates tenham sido a marca de uma sociedade em plena transformação pela busca de uma identidade nacional, para os quais os periódicos desempenharam uma função determinante, colocando em relevo personagens de influência. Foi num clima de embates políticos que a imprensa se oficializou no Brasil Oitocentista:

A mistura entre os dois problemas, o da Independência e o da liberdade, denuncia a complexidade da fase política, explica enganos individuais, justifica mudanças de posição nas figuras mais destacadas e reflete-se de imediato na imprensa (SODRÉ, 1999, p.47).

Com a chegada do século XX, os nomes mais protuberantes na política foram, lentamente, esmaecendo das páginas dos jornais sergipanos e o cenário nacional testemunhou mudanças marcantes em todos os setores:

A chegada do século parecia anunciar mais do que uma simples mudanças no calendário; tratava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo regado com lucros das exportações. Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração (LUCA, 2006, p.137).

Para acompanhar tão intenso processo de transformação, a imprensa sentiu a necessidade de mudar a sua configuração. Algumas dessas mudanças no setor, já começaram a ser sinalizadas desde o final do século anterior; porém, segundo Sodré (1999), a passagem do século foi decisiva:

A passagem do século, assim, assinala, no Brasil, a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função (LUCA, 2006, p. 137).

Enquanto no âmbito nacional a imprensa seguia o compasso da transformação e agitava-se em torno da substituição das técnicas de fabricação, em Sergipe ocorreu uma perda de efervescência na área. Segundo Nunes: “A imprensa, porém, perdera muito da vitalidade e espírito combativo que a tinha caracterizado” (1984, p. 220). Esse entendimento é contrário ao de Barreto (2008) que afirma: “No século XX rarearam tais publicações editadas em torno de figuras de políticos, ou de intelectuais, e apareceram os jornais semanais e quinzenais, que fizeram nome.” Foi justamente durante a primeira metade do século XX, que surgiu, no espaço sergipano, um periódico de caráter combativo, trazendo o título de “Gazeta Socialista”, ligado a um partido político e se auto-afirmando como tribuna da população em geral. Esse periódico será objeto de análise do capítulo três.

Os impressos como práticas sociais

As sociedades vivenciam o poder da palavra cotidianamente. As organizações sociais estão submetidas ao uso freqüente da palavra e também da escrita; assim, a representação da palavra dita e escrita pode ser compreendida como elemento condutor de atitudes, manipulador de grupos sociais. Considerando-se que as relações sociais se sustentam em torno do que é erguido, estabelecido e mantido pela própria sociedade, tais relações ocorrem em função do uso da palavra, da interpretação da fala, dos discursos e, sobretudo, da escrita.

A prática da escrita se fez imprescindível para as sociedades poderem firmar contratos, estabelecer acordos, além da necessidade de registrar acontecimentos para a posteridade, se bem compreendermos a explicação de Chartier sobre a escrita:

O medo do esquecimento obcecou as sociedades européias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fizeram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer (CHARTIER, 2007, p.9).

As falas e argumentos podem ser proferidos por diferentes segmentos sociais e têm seu reflexo imediato em diferentes momentos. Muito do que é dito, ou proposto, pode causar mudanças culturais. Dentro de uma sociedade, as instituições recebem o impacto das transformações sociais; inclusive, a escola. A transmissão das mudanças culturais ocorre, sobretudo, através da imprensa.

Sobre o medo que Chartier (2007) aponta, é possível compreender que, o que acometeu a Europa, no momento de aparição da imprensa e do jornalismo, mais que uma questão psicológica, foi uma necessidade diante do avanço tecnológico e cultural, reflexo do novo molde comportamental, compreendido, nesse estudo, como processo de avanço das práticas culturais; ou seja, aquilo o que Elias (1993) chamou de civilidade, processo que operou mudanças, inclusive de conduta como resposta a fatores externos ao homem: “Porque é precisamente em combinação com o processo civilizador que a dinâmica cega dos homens, entremisturando-se em seus atos e objetivos, gradualmente leva a um campo de atuação mais vasto [...]” (ELIAS, 1993, p.195). É necessário compreender que a criação da imprensa e do jornalismo foi efeito de um processo assistido pela Europa, durante os séculos XVII e XVIII, envolvendo religião,

política, ciência, comércio e informação. O fruto do processo de civilidade dotou as sociedades de compilações que, na atualidade, informam não apenas sobre o que aconteceu em um setor social, mas em vários ao mesmo tempo.

O texto da imprensa escrita exerce sobre a população um poder emblemático e, muitas vezes, serve para inculcar valores ou reforçar práticas já estabelecidas que conferem “[...] à linguagem e, de modo mais geral às representações, uma eficácia propriamente simbólica de construção de realidade” (BOURDIEU, 1998, p. 81). Dessa maneira, o jornal tem a propriedade de elencar hierarquias, supor, propor, criticar; enfim, mover o capital social. As representações sociais influenciam a ação educativa, gerando uma cultura escolar própria. É uma representação pública que produz e inculca práticas através das épocas. Aos poucos a imprensa foi se ajustando à sociedade:

[...] a necessidade tornada virtude, produz estratégias que embora não sejam produto de uma aspiração consciente de fins explicitamente colocados a partir de um conhecimento adequado das condições objetivas, nem uma determinação mecânica das causas, mostraram-se objetivamente ajustadas à situação (BOURDIEU, 1990, p. 23).

Aquilo que é dito pelas instituições escolares contribui para moldar comportamentos e, à luz disto, ergue-se outra argumentação, mais abrangente e incisiva, por vezes, a depender do objetivo, mais eficaz, próprio da atividade jornalística. Apesar disso, é importante considerar que: “A eficácia das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece a quem a exerce como podendo exercê-la de direito [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 95). O princípio gerador do discurso jornalístico incorpora necessidades e atende aos princípios de manutenção e construção de interesses para os quais tantos entendimentos concorrem:

As páginas dos jornais estão repletas de informações e de opiniões que atestam interesses difusos, pendulando entre a formação de uma opinião pública de adesão e outra destinada a ajudar na compreensão dos fatos (BARRETO, 2008, p. s/n).

Quando as opiniões diversificam, mudanças ocorrem, costumes são alterados; “O equilíbrio está no jornalismo que forma opinião no sentido de cada leitor ter possibilidade de compreender e assimilar os fatos” (BARRETO, 2008, s/n). A cultura produtora de intelectualidades e mentalidades se reproduz, pois “são muitas as influências que entrecruzam no espaço” (CHARTIER, 2002, p.33). As práticas

culturais, a simbologia e a representação demarcam o comportamento coletivo e são fundamentais para a construção social.

Os impressos também se tornaram práticas sociais e, como tais, passaram a representar fontes importantes para análises. Em primeira instância, a produção historiográfica se preocupou em escrever a história dos impressos e, posteriormente, depois a história através dos impressos, abraçando as revistas, as quais “em especial foram pólos aglutinadores de propostas estéticas [...]” (LUCA 2006, p.25). Ultrapassando as fronteiras da estética, as revistas contribuíram para as práticas sociais e, assim, a historiografia foi presenteada com mais uma fonte para análise. Esse gênero da periodicidade já serviu para estudos de costumes e práticas culturais, como é o caso do trabalho realizado por Ana Luiza Martins (2001), que se curvou sobre as revistas da cidade de São Paulo durante os primeiros tempos republicanos.

Dentro da historiografia educacional, as revistas já foram utilizadas para análises, como é o caso da Revista do Ensino, Órgão Oficial da Diretoria de Instrução do Estado de Minas Gerais, analisada por Vidal e Faria Filho (2005). O cenário educacional mineiro também foi interpretado através da revista “A Escola”, por iniciativa de José Carlos Souza Araújo (2002), que o fez com o intuito de destacar a revista como fonte historiográfica na área educacional. De acordo com esse historiador, a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos também já foi objeto de várias análises.

Esse campo já reuniu um número significativo de publicações; entretanto, para elencá-los e discuti-los, seria necessário um capítulo especial. Partindo do entendimento de que as revistas não fazem parte do centro desta análise, tal espaço não foi aberto.

A utilização dos impressos pela historiografia educacional no estado mineiro é destacada; em São Paulo as publicações também já elencaram a educação através da imprensa, como é o caso do estudo realizado por Bruno Bomtempo (2008), sobre o jornal “O Estado de São Paulo”. Esse tipo de pesquisa já começou a despontar, também, no ambiente sergipano. Os impressos – revistas e jornais – já foram analisados no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, com trabalhos que discutem o tema específico da área.

Nascimento (2008) se debruçou também sobre os impressos buscando apreender o movimento para o escotismo. Também pesquisou sobre a imprensa durante o século XIX, fazendo uma análise da produção e tiragem dos impressos:

Dentre os novos objetos sobre os quais os estudos de História têm se debruçado a partir de vertentes inspiradas pela História Cultural, o impresso é, certamente, um elemento da maior importância. Assim é fundamental buscar a compreensão acerca da trajetória das coleções de livros, revistas e jornais, tentando construir uma História que remeta a práticas editoriais envolvendo não apenas editores, mas também leitores, produtores de capas, repórteres, ilustradores (chargistas, cartunistas, desenhistas etc.), fotógrafos, redatores, escritores, poetas, articulistas, *designers*, columnistas especializados (moda, vida social, esportes, erotismo, política, Escotismo), publicitários, gráficos e anunciantes, dentre outros (NASCIMENTO, 2008, s/n).

As publicações desse pesquisador fazem relevantes observações sobre a utilização dos impressos. Tais estudos são relevantes para o esclarecimento sobre a imprensa como uma relevante prática social.

Sobre as revistas, é relevante destacar o trabalho realizado por Nascimento e Freitas (2002), de rastreamento e catalogação de revistas publicadas em Sergipe. O trabalho, iniciado no ano de 2001, localizou cento e trinta e cinco revistas e inventariou os títulos publicados entre 1890, com a Revista Literária do Gabinete de Leitura da cidade de Maruim²; e 2002, com a Revista do Colégio de Procuradores³. A busca foi parte de um projeto denominado “Catálogo de Revistas Sergipanas” e localizou títulos e números com publicações variadas.

De acordo com Nascimento e Freitas (2002), foi durante o século XIX que as revistas se consagraram. Apesar da existência de um editor de revistas no interior do estado, ainda em 1890⁴, as publicações deste gênero somente se efetivaram em Aracaju, no início do século XX: “Em Aracaju, o hábito de publicar revistas foi inaugurado em 1902 com a revista literária *Cenáculo*, que anunciou-se, inicialmente, como revista semestral” (NASCIMENTO e FREITAS, 2002, p.179). Somente após trinta e dois anos, entrou em circulação o primeiro periódico sergipano voltado para a educação:

O primeiro periódico sergipano exclusivo voltado para problemas específicos da educação começou a circular em 1934 e manteve-se em atividade durante seis anos. A revista *Sergipe Artífice* era o porta-voz da Escola de Aprendizizes Artífices de Sergipe e discutia problemas ligados a formação da classe operária, publicando trabalhos de alunos e professores, especialmente aqueles que traziam discussões a respeito da instituição (NASCIMENTO e FREITAS, 2002, p.181).

² Esse periódico foi objeto de estudo da pesquisa realizada por Maria Lúcia Marques Cruz e Silva no ano de 2006.

³ Sobre esse impresso, não foi localizado nenhum estudo dentro do Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

⁴ O Gabinete de Leitura de Maruim.

Não foi localizado nenhum trabalho historiográfico educacional que tenha essa revista como objeto de estudo; porém, dentro da linha da periodicidade, no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, há estudos sobre jornais e revistas.

O primeiro gênero foi analisado por Ana Luzia Santos “Educação na imprensa católica: as representações do jornal ‘A Defesa’ sobre a formação da juventude” (1960-1969), (2008); os demais se curvaram sobre revistas. Um deles foi o trabalho feito por Maria Lúcia Marques Cruz e Silva (2006), que empreendeu uma investigação sobre a Revista Literária do Gabinete de Leitura da cidade de Maruim- SE, e tem o título de “Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1910): subsídios para a história dos impressos em Sergipe” e, o outro, é de autoria de Maria José Dantas (2008), que se dedicou a analisar quais as contribuições da revista “Escola Nova” para a área educacional no Brasil.

Os impressos, que antes seduziram leitores, agora seduzem a pesquisa científica, configurando-se no que se pode chamar de reverso da moeda: se antes os periódicos seduziam os leitores, divulgando ciência e costumes; agora seduz a ciência, que se utiliza dos impressos para analisar as práticas culturais.

Apreendendo sobre os jornais, depreende-se que foi a partir da década de 70 do século XX, que esses periódicos ganharam mais visibilidade como objetos de pesquisas. Segundo Luca (2006), os impressos começaram a ser interrogados sobre alguns aspectos do Brasil Imperial, das práticas implantadas durante o Estado Novo e do operariado através de teses de publicações acadêmicas, as quais se debruçaram sobre o cenário paulistano. De acordo com a autora, tantos outros temas já tiveram como suporte os textos da imprensa por todo o país, como literatura, gênero, infância e política. Este, aliás, sempre caminhou ao lado da imprensa, tendo-a numa constante relação de amor e ódio.

A recente pesquisa em História da Educação no Brasil também tem se servido de um volumoso *corpus* documental, pois a ampliação das fontes teve reflexo forte no campo, principalmente, depois da institucionalização dos cursos de pós-graduação na área, segundo afirmam Vidal e Faria Filho (2005):

A partir do fim anos de 1960 e 1970, com o surgimento dos programas de pós-graduação em educação no país [o da Pontifícia Universidade católica (PUC) do Rio, e, 1965, e o da PUC-SP, em 1969, foram os primeiros a se constituir] e dos anos de 1980, com a criação do Grupo de Trabalho “História da Educação” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 1984, e do Grupo de estudos e pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), em 1986, cresceu substantivamente a produção de trabalhos em história da educação no Brasil (VIDAL e FARIA FILHO, 2005, p.73).

A década de 60 do século XX foi marcada pela aprovação dos cursos de pós-graduação e pela discussão da Lei nº 4.024 de vinte de dezembro de 1961 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, fruto de um debate situado em 1948 com a proposta do então ministro da Educação, Clemente Mariani. O debate em torno da assunção da educação pelo Estado agrupou nomes como Gustavo Capanema e Almeida Júnior: “A orientação geral do anteprojeto resultou da discussão entre duas correntes: uma composta pelos ‘centralizadores’ e outra pelos ‘autonomistas extremados’ (GANDINI, 1995, p.198). A lei provocou um conflito “ideológico” que envolveu grupos políticos, religiosos, intelectuais e educadores. Os dois últimos grupos engrossaram um movimento para defender o ensino público. Foi um momento de agitação no cenário nacional que envolveu vários nomes de relevo no debate. Segundo Hilsdorf (2003):

Esse movimento foi liderado pelos educadores da “geração dos pioneiros” e outros intelectuais, professores, estudantes e lideranças sindicais da época, tendo como centro irradiador a USP, congregando-se entre eles: Florestan Fernandes, J. E. R. Villalobos, Roque S. M. de Barros, Fernando Henrique Cardoso, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, M. Brejon, Laerte R. de Carvalho e outros (HILSDORF, 2003, p. 110-111).

Essa pesquisadora também coloca que, entre o final da década de 60 e início de 70 do século XX, o sistema de ensino foi sacudido por mais reformas que resultaram, entre outras coisas, na reorganização do sistema universitário de 1968 que:

[...] fez a adequação das universidades brasileiras ao projeto educacional tecnomilitar do período, de aumento da produtividade com contenção de recursos, implantando as bases de uma organização estrutural [...] (p. 126).

Ou ainda, o ensino secundário que foi agitado em 1971 com a implantação de:

“[...] escolas de 1º Grau, para ministrar um curso único, seriado, obrigatório e gratuito de oito anos de duração, resultante da reunião dos antigos grupos escolares e ginásios, e definiu o 2º Grau como curso

profissionalizante, para formar técnicos para as indústrias, mas com o objetivo não explícito de contenção das oportunidades educacionais, isto é, de diminuir a pressão por vagas no ensino superior (HILSDORF, 2003, p.126).

Foram tempos de muitas agitações em torno do sistema de ensino, movimentações que renderam substanciosas pesquisas na historiografia educacional.

Embora seja recente, a pesquisa educacional apresenta temas considerados tradicionais dentro da historiografia, a eles estão sendo acrescentados os temas e fontes mais recentes. “A história do ensino não tem se limitado à história das instituições escolares, do pensamento pedagógico ou de alguns movimentos educacionais, como era comum se fazer” (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 52). A historiografia educacional conseguiu se estabelecer no campo científico e apesar da sua jovialidade: “[...] depois de um longo itinerário, acaba também por se constituir como campo autônomo, dotado de objeto próprio, ainda que tangenciando outras disciplinas históricas ou com elas caminhando” (CASTANHO, 2006, p.154). Brandão comunga com essa idéia ao defender que:

A pesquisa em educação depende fundamentalmente de outras áreas. Ela não consegue encaminhar a maioria dos seus problemas sem o concurso das áreas da psicologia, sociologia, história, antropologia, filosofia, etc (BRANDÃO, 2000, p.64).

Devido à sua imaturidade, o repertório de fontes ainda é muito amplo e mesmo aquelas que já foram exploradas ainda não foram esgotadas. Por esse prisma é relevante pontuar a observação de André (2000):

Se a pesquisa educacional brasileira ainda não chegou à maturidade, faz-se necessário fomentar um debate, calcado no estado atual da questão para se criar alternativas que a façam crescer e fortalecer para atingir a maioridade com vigor e o respeito devidos (ANDRÉ, 2000, p.17).

É preciso concordar com a autora, no sentido de tornar a pesquisa mais vigorosa para o qual a alternativa de fontes concorre muito.

As pesquisas mais recentes no campo têm denunciado que não apenas os regimentos escolares, as leis e outras fontes educacionais têm declarações a fazer sobre processos educacionais.

Os historiadores da educação têm, cada vez mais, considerado que para se entender os processos de ensino nas diferentes épocas, não basta investigar como a organização da escola foi-se transformando ao longo do tempo – baseando-se para isto nas leis, reformas,

regulamentos programas, etc. Nem é suficiente apenas estudar o que pensavam e o que propunham educadores ilustres ou escrever em muitos casos uma história dos projetos, ou seja, uma história do que deveria ter sido. Os historiadores têm considerado que é preciso também tentar penetrar no dia-a-dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor (a) aluno e aluno (a) aluno (a), os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação e de punição [...] (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 52).

Impõe-se assim, a necessidade de seguir a trilha das práticas escolares cotidianas, penetrar na cultura escolar através de várias fontes, para que se estabeleça outra leitura a respeito dos processos educativos e que novas interpretações sejam feitas. “Investigar o passado implica o estudo da imprensa. Ela compartilha da cotidianidade em que se dá a história” (ARAÚJO, CARVALHO e GONÇALVES NETO, 2002, p. 96). O cotidiano abriga inúmeros acontecimentos dentro dos quais podem ser localizados vários temas para análises:

[...] a utilização da imprensa, como objeto em muito enriquece a observação histórica, principalmente no que concerne à educação: normalmente a imprensa é utilizada apenas como um recurso complementar, porém nos últimos anos vem contribuindo sobremaneira para novos estudos ligados ao campo educacional (2002, p.72).

Uma boa demonstração da utilização da imprensa como fonte foi dada por Diana Vidal e Faria Filho (2005) sobre a receptividade de duas propostas de reforma para o ensino, ocorridas em dois estados diferentes do Brasil no início do século XX. Situados na mesma região e vizinhos, os Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais se manifestaram de modo diferente às proposições feitas por Fernando de Azevedo e Francisco Campos, respectivamente. A apreensão do fato foi feita a partir do uso dos impressos. As propostas foram apresentadas no momento em que se comemorava o centenário da Lei de 1827.

As propostas de reforma tinham traços em comum, porém um diferencial talvez tenha marcado a receptividade de cada uma; enquanto no Rio de Janeiro, Azevedo propunha a reformulação do ensino, rompendo totalmente com o passado; em Minas Gerais, Francisco Campos idealizou uma reforma que não abolisse totalmente o antigo sistema educacional:

No caso do Rio de Janeiro, que estava produzindo-se como marco na constituição de um sistema educacional, a Reforma Fernando de Azevedo constituía um discurso que ao mesmo tempo projetava um

novo futuro para a educação pública e pretendia romper com as iniciativas anteriores (VIDAL e FARIA FILHO, 2005, p.8).

Ao passo que em Minas Gerais a idéia de Francisco Campos de reforma no ensino não buscava um novo rumo para a educação sem, no entanto romper com as tradições educacionais:

Diverso parecia ser o caso da reforma mineira. Num discurso articulado ora pela idéia de uma *escola moderna*, ora pela de uma *escola antiga*, os reformadores mineiros se propunham a superar o passado e a construir um futuro grandioso. No entanto, não o faziam baseados em uma ruptura com a tradição e com o passado educacionais. Mais do que isso, buscava-se afirmar a inovação dentro de uma tradição, o que dava lugar a uma leitura muito mais indulgente da escola antiga do que aquela de Fernando de Azevedo (VIDAL e FARIA FILHO, 2005, p. 8).

A apreensão desta colocação revela que jornais e revistas são fontes que denunciam, interrogam, acolhem ou repudiam. A imprensa tem forte poder de conduzir opiniões, postular costumes e reafirmar tradições. A aceitação da reforma do ensino primário, em Minas Gerais, não rompia totalmente com o antigo sistema educacional - o que, provavelmente, agradava aos dirigentes políticos. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, a proposta de Azevedo era romper totalmente com o antigo e instaurar o novo. Idéias diferentes, receptividade diferentes. Não seria estranho visualizar o sistema de ensino como um reprodutor do sistema vigente. A instauração do novo com raízes no antigo é consoante com a idéia de Bourdieu e Passeron (1982):

Considerando-se as condições históricas e sociais que definem os limites da autonomia relativa que um sistema de ensino deve à sua função própria definido ao mesmo tempo as funções externas de sua função própria, todo sistema de ensino se caracteriza por uma *duplicidade funcional* que se atualiza plenamente no caso dos sistemas tradicionais em que a tendência para a conservação do sistema e da cultura que ele conserva encontra uma exigência externa de conservação social (BOURDIEU e PASSERON, 1982, p.108).

Enquanto no Rio de Janeiro a proposta feita por Fernando de Azevedo foi apresentada sem projeção na imprensa; no Estado mineiro, Francisco Campos testemunhou a receptividade da sua proposta atrelada à festa de comemoração da primeira reforma no ensino primário:

As notícias do evento circularam na capital, principalmente por meio da imprensa oficial. Desta queremos destacar dois veículos: o órgão oficial do Estado, o jornal *Minas Gerais*, e a *Revista do Ensino*, órgão oficial da Diretoria de Instrução do Estado. Ambos, naquele momento estavam sendo amplamente mobilizados como estratégia de

divulgação da reforma educacional que se pretendia [...] (VIDAL e FARIA FILHO, 2005, p. 9-10).

A comemoração do centenário da Lei de 1827 e a reforma proposta, naquele momento foi destacada nos impressos. No jornal, o fato chegou a ecoar por quatro dias consecutivos, e conseguiu das revistas, publicações especiais dedicadas à ele:

O *Minas Gerais* publica, pelo menos nos dias 14,15, 16, e 17 de outubro, notícias do evento sendo, que nos 15 e 16, boa parte do jornal é ocupada por elas. Já a *Revista do Ensino* tem um número especial publicado, tendo em vista os festejos, o de número 23, e o número imediatamente posterior, o 24, referente ao mês de novembro, é em boa parte, dedicado às notícias e às repercussões das comemorações, trazendo também um grande número de fotografias (VIDAL e FARIA FILHO, 2005, p. 10).

Em análise, Vidal e Faria Filho (2005) discutem os motivos que conduziram os textos de repercussão para os jornais; enquanto que os textos de visibilidade da festa foram pensados para as revistas. Também percebem a presença dos profissionais da educação envolvidos nestas publicações por meio dos textos e dos registros fotográficos contidos nos impressos.

Esse debate, estabelecido como ilustração, partiu do entendimento de que um estudo, que trata da utilização da imprensa como fonte e objeto, precisa manter um diálogo com outras pesquisas que também discutam sobre o tema. O Estado de Minas Gerais tem se destacado nessa perspectiva.

No cenário paulista, é possível situar o texto de Bomtempi (2008), sobre o ensino moral e cívico, em 1914, através do jornal “O Estado de São Paulo”, concluindo que:

[...] o ensino moral e cívico foi um dos tópicos escolhidos pelo editor para compor o inquérito sobre a instrução pública no estado, talvez por ser ele, como afirma já na primeira entrevista, “objeto de críticas”. Em outra oportunidade, encontrada na entrevista feita com João Lourenço Rodrigues, Mesquita aponta a questão do ensino moral e cívico como “importantíssima”, “talvez vital”, para “insuflar às gerações novas uma alma mais nova, mais disciplinada, mais forte, mais bela; mais capaz de dedicação à Pátria”. Os entrevistados mostram-se de acordo com a importância do tema, uma vez que nenhum deles a questiona, e apenas três não se manifestam. Grande parte dos que se ocupam desse ensino preferem tratar dos dois, “moral” e “cívico”, em separado, embora reconheçam que esses deveriam “marchar juntos” nas escolas primárias e secundárias (BOMTEMPI, 2008).

A utilização dos jornais como fontes e como objeto ainda é incipiente, entretanto alguns sinais já começam a ser vislumbrados. A historiografia educacional já demonstra interesse em ter, a partir dos estudos sobre os periódicos, informações sobre a órbita educacional brasileira.

Capítulo II

Orlando Dantas: perfil biográfico

Antes de seguir a trilha das práticas de educação através da “Gazeta Socialista”, é preciso fazer a apresentação, não apenas do personagem que a idealizou, mas também do próprio jornal.

Orlando Vieira Dantas (figura 1), nasceu na cidade Capela – SE, em 28 de setembro de 1900 da união conjugal entre Manoel Correia Dantas e Adelina Vieira Dantas, família ligada ao setor empresarial canavieiro. Aos nove anos de idade, foi morar na cidade de Divina Pastora-SE, em companhia dos seus pais, onde iniciou sua atividade política e empresarial. A herança agro-industrial e o convívio com seu pai foi aos poucos, delineando o seu perfil político enquanto colaborava com a administração dos negócios familiares.

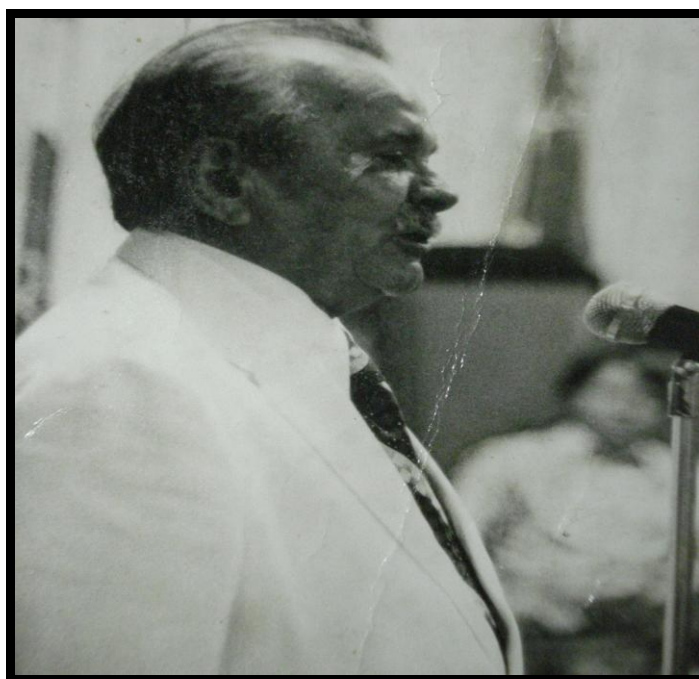


Figura 1: Orlando Dantas.

Acervo: Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura

Fez boa parte dos estudos em Sergipe: “Orlando Dantas estudou no Ateneu e fez, na Politécnica do Rio de Janeiro, o curso de engenheiro, abandonando antes do término” (BARRETO, 2007, p.126). A vida colegial sergipana lhe deu a oportunidade de assinar as suas primeiras publicações através de jornais:

Cursei os Colégios Saleziano, Raymundo Firpo e Tobias Barreto. No Colégio do Professor Zezinho Cardoso, participei de um jornal escrito à mão, pronunciava conferências nas datas festivas, com outros colegas. Aos domingos, Virgílio Maynard, secretário do Diário da manhã, acolhia meus trabalhos literários com compreensão e inteligência (DANTAS, 1967, p.03).

Foi também estudante do Colégio Ypiranga, em Salvador. Homem definido de várias maneiras - por admiradores, adversários, colegas de trabalho e intelectuais. Elaborou a própria definição descrevendo seu ócio:

Nas horas de lazer fui um estudioso, leitor assíduo de literatura, de história, economia e sociologia. Tinha, como tenho, a convicção de que o estudo, a cultura são armas de trabalho, instrumentos de compreensão do homem e do mundo (DANTAS, 1967, p. 04).

Uma das mais destacadas definições foi proferida pela professora Maria Thétis Nunes, durante o seu discurso de posse na Academia Sergipana de Letras, em 1983, quando assumiu a cadeira de número 39, antes ocupada por Orlando Dantas, um ano após o falecimento do jornalista:

Podemos defini-lo como um dos poucos componentes da inteligentzia sergipana, entendida esta como compreendo aquele tipo de intelectual interessado na produção e difusão de idéias que contribuem para a reforma social ou para o processo revolucionário, aquela parte da nação que aspira a pensar com independência (NUNES, 1983, p.85).

Refletir o comportamento e formação de Orlando Dantas é compreender uma atitude considerada contraditória. Uma vez nascido no seio da aristocracia canavieira, desde a sua juventude, demonstrou interesse em reduzir diferenças sociais: “A inquietação foi, realmente o traço marcante da personalidade de Orlando Dantas” (NUNES, 1990, p. 86). Talvez este seja um dos motivos que o fizeram adentrar no universo político sergipano, durante a maturidade, levantando a bandeira do socialismo em Sergipe, ao mesmo tempo em que controlava os negócios da família. Segundo Iêda Dantas Brandão⁵, Orlando Dantas sempre foi determinado e persistente naquilo no que pretendia:

Ele foi... Sempre tomou conta, depois que o pai dele morreu, antes mesmo, já tomava conta da Vassoura [Usina Vassoura]. Ele com o irmão. Depois... Ele era assim idealista. Era idealista. Ele quando pensava numa coisa ele fazia. Tinha a Usina Vassouras, em Divina Pastora. Era uma região assim: aqui estava a cidade de Divina Pastora toda rodeada de outras fazendas, de outras usinas.⁶

⁵ Iêda Dantas Brandão é filha de Orlando Dantas

⁶ Cf. BRANDÃO, Iêda Dantas. Entrevista concedida no dia quinze de outubro de 2008

Além de gerenciar o empreendimento familiar, também se dedicou à política desde muito cedo. Aos trinta e cinco anos de idade foi eleito prefeito da cidade de Divina Pastora, cargo que renunciou durante a implantação do Estado Novo:

Na política cometi alguns equívocos, pelo entusiasmo que as transformações sociais provocaram no meu espírito e no meu temperamento sensível, sempre confiante nas reformas e em sua aceitação geral (DANTAS, 1967, p.5).

É possível depreender que a inquietude somada ao espírito de transformação o conduziu ao inevitável encontro e afeição com o universo político, levando-o a defender o que considerava como princípio de democracia, e anos mais tarde, aumentou o seu empenho de “[...] levar aos trabalhadores urbanos e rurais, o sentido de uma luta esclarecedora dos caminhos que se abriam aos povos mais jovens” (DANTAS, 1967, p. 5). A preocupação com a juventude foi um dos elementos que marcaram a trajetória política desse homem.

Indubitavelmente, a ascensão do seu pai, Manoel Correia Dantas, à chefia do Estado, no ano de 1926, foi um marco no início de sua carreira política. Manoel Dantas, já experimentado no universo político, foi eleito presidente do Estado e governou entre 1926 e 1930, quando foi deposto pela Revolução de 1930:

Parente de Coelho e Campos, amigo dos sobreviventes da revolução de Fausto Cardoso, deputado em várias legislaturas, Manoel Dantas ascendeu na cena política como candidato a governo, vitorioso nas urnas. A Revolução de outubro de 1930 depõe Manoel Dantas que deixou o Estado para nunca mais voltar, morrendo em Minas Gerais (BARRETO, 2007, p.126).

A ascensão de Manoel Correia Dantas ao governo e o declínio imposto pela revolução foram acompanhados de perto por dois homens importantes para a sua vida política naquele momento: Orlando Dantas e Leandro Maynard Maciel. O primeiro, filho do então presidente do Estado; e o segundo, secretário de Estado na gestão. De acordo com Barreto:

Orlando Dantas e Leandro Maciel dividiram, praticamente o espólio político de Manoel Dantas, cabendo ao segundo organizar um partido- o primeiro PSD e por ele concorrer ao senado, na Constituição de 1934. Orlando Dantas, que ajudou Leandro e participou da fundação do partido não foi candidato (BARRETO, 2007, p.126).

Depois da deposição de Manoel Correia Dantas, os dois personagens se estabeleceram no cenário público sergipano; entretanto, enquanto Orlando Dantas se firmou na atividade jornalística e política, Leandro Maciel trilhou o caminho apenas da

política se candidatando e apoiando candidatos. O mesmo ambiente político e cultural incidu sobre eles, atestando as palavras de Elias (1993): “Do mesmo molde social emergem seres humanos mais ou menos bem-estruturados, tanto os “bem-ajustados” como os “desajustados”, num espectro muito amplo de variedade” (ELIAS, 1993, p. 204). A estreita relação de amizade e cordialidade entre eles foi se desfazendo devido a opção partidária de cada um.

A década de 30 do século XX os lançou ao poder público, efetivamente. Leandro Maciel ocupou uma cadeira na Câmara Federal para uma gestão de dois anos:

Com a redemocratização de 1933/1934 ajudou a criar um partido político, o Partido Social Democrático, o primeiro da sigla PSB ao lado de Luiz Garcia, que se elegeu Deputado Estadual Constituinte, Pedro Diniz Gonçalves Filho, que presidiu a Constituinte estadual, Orlando Dantas e de outras figuras sergipanas, sendo eleito Constituinte, cumprindo o período de 15 de novembro de 1933 a 30 de abril de 1935, como Senador, permanecendo na legislatura ordinária, de 4 de maio de 1935 a 9 de novembro de 1937, quando Getúlio Vargas decretou o Estado Novo, em 10 de novembro de 1937 encerrando as atividades legislativas no país (BARRETO, 2007, p. 198).

Em seguida, Orlando Dantas passou pela experiência de se tornar prefeito da cidade de Divina Pastora - SE, em 1935. O tremor político desta época⁷ afastou Leandro Maciel das atividades parlamentares. Enquanto isso Orlando Dantas se firmava no campo jornalístico: “O longo período de ditadura de Vargas deu a Orlando Dantas a oportunidade de firmar-se no jornalismo e de participar da vida intelectual do Estado” (BARRETO, 2007, p.126). O jornalismo foi compreendido por Maria Thétis Nunes como o campo que conseguiu aproveitar melhor o desempenho do intelectual:

O jornalismo seria o campo que melhor absorveu essa inquietação, esse inconformismo, levando-o a editoriais vigorosos e famosos, denunciando a corrupção, a prepotência, as injustiças dos detentores do poder, os crimes impunes (NUNES, 1983, p.86).

Por outra via, Leandro Maciel “alimentou como pôde a continuidade do seu grupo político e, quando o processo de liberação foi desencadeado, incorporou-se ao movimento democrático, participando da formação da UDN em 1947 [...]” (BARRETO, 2007, p.225).

O retorno de Leandro Maciel ao universo político, na década de 40 do século XX, foi marcado pela criação da sigla partidária UDN - União Democrática Nacional, sigla que o elegeu Deputado Federal em 1946; segundo Barreto (2007), o mais votado

⁷ O Estado Novo decretado em 10 de novembro de 1937.

do Partido. A UDN congregava alguns partidos e, assim, reunia em torno de si, nomes do cenário político sergipano. Os acordos políticos firmados pela UDN ocasionaram uma ruptura dentro do bloco e, dessa cisão, nasceu a Esquerda Democrática - um desdobramento da UDN - depois transformada em Partido Socialista Brasileiro - PSB, por Orlando Dantas: “Fundador da Esquerda Democrática, lista pela qual foi eleito deputado à Assembléia Constituinte de 1947, e mais tarde transformada em Partido Socialista Brasileiro” (BARRETO, 2007, p.127). Os sinais do fim de um relacionamento consolidado começavam a ser vislumbrados.

A soma de alguns sentimentos desencadeou, posteriormente, uma rivalidade forte entre os dois. A relação entre eles pode ser compreendida a partir do pensamento de Sirinelli, como uma relação dentro da qual: “Além da atração e a amizade e, *a contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenharam igualmente um papel às vezes decisivo” (SIRINELLI, 1996, p.205). Além de caminharem com orientações políticas diferentes, sentimentos endossaram a separação: “Orlando ressentia-se de não haver herdado o potencial político de seu pai, enquanto Leandro que vivia com Manuel Dantas, conseguiu se firmar muito bem na política”.⁸ Coube a Leandro Maciel administrar a experiência obtida junto ao pai do seu, agora adversário e despontar no universo político sergipano na década de 40 do século XX: “Dessa maneira, os conflitos interpessoais de princípios da juventude, que modelaram a estrutura da personalidade, continuam a perturbar ou mesmo a destruir os relacionamentos de adultos com outras pessoas” (ELIAS, 1993, p.205). Some-se a isso o fato de ser descendente de um grupo familiar ligado à política, o que, de alguma forma, para a sua identidade com o campo: “[...] primo do Interventor Augusto Maynard Gomes, Leandro Maciel ingressou na política, elegendo-se deputado federal em 1930, para um mandato até 32” (BARRETO, 2007, p.198). Mas foi durante a década de 40 do século XX, que o seu nome despontou: “Na UDN, pontificava Leandro Maynard Maciel, homem já vivido na política, desde quando fora secretário de obras na gestão de Manoel Dantas, o último governante da República Velha” (DANTAS; 1989:121). Dentro do processo de fortalecimento e busca por adesões, a UDN perdeu uma fatia significativa do seu grupo a partir do qual receberia, posteriormente, ataques ferrenhos:

⁸ Cf. BARRETO, Luiz Antônio. Entrevista concedida no dia 05 de fevereiro de 2009.

Enquanto isso a Esquerda democrática, com seu projeto de socialismo democrático, desligava-se da UDN e concorria aos cargos eletivos com candidatos próprios, inclusive para governador, através do usineiro Orlando Dantas (DANTAS, 1989, p.121).

No realinhamento político ocorrido em 1947, a União Democrática Nacional se aliou ao PCB - Partido Comunista do Brasil, com o intuito de eleger seu candidato, Luiz Garcia - que mais tarde se alternou com Leandro Maciel no poder. À medida que tais acordos transcorriam, Orlando Vieira Dantas, juntamente com a Esquerda Democrática, grupo com muita autonomia dentro da UDN, desligou-se da União Democrática Nacional:

Enquanto isso, a Esquerda Democrática, com seu projeto de socialismo democrático, desligava-se da UND e concorria com candidatos próprios, inclusive para governador, através do usineiro Orlando Dantas (GAZETA SOCIALISTA, 1989, p.157).

Esse momento foi assim descrito pelo próprio Orlando Dantas:

O Partido apareceu numa fase realmente difícil, porque no período de agitação eleitoral. Ocasão própria para o ingresso de indivíduos oportunistas fantasiados de socialistas, ou de simpatizantes, sem a devida capacidade de luta e sem compreensão dos nossos altos objetivos (DANTAS, 1948, p.01).

Conforme já foi apresentado, da Esquerda Democrática, surgiu o PSB – Partido Socialista Brasileiro. Foi através dessa sigla partidária que Orlando Dantas ocupou lugar no poder legislativo estadual e federal;

Em 1946, elegeu-se Deputado Estadual e em 1950, Deputado Federal. Sua passagem pelo Legislativo foi atuante, desassombrada, na apresentação ou na defesa de projetos como reforma agrária, reforma bancária, organizações partidárias e sindicais, e sobretudo na criação da Petrobrás, enfrentando com galhardia e coragem, os entreguistas a serviço do capital internacional (NUNES, 1990, p.86).

Quanto à sua passagem pelo legislativo, Orlando Dantas compreendeu assim:

Eleito deputado estadual para a legislatura de 46 à 51 trouxe para a Assembléia Legislativa uma soma de conhecimentos que provocaram debates, estudos e, contribuíram para a modificação política da época. Sempre vigilante, exerci com imparcialidade, com isenção de ânimo, o cargo, preservando a ordem, combatendo erros, apontando soluções. A repercussão dessas atividades parlamentares abriram-me o caminho da Câmara Federal. Eleito em 50, já com experiência parlamentar, tive uma posição objetiva e coerente, de respeito, de trabalho efetivo, constante. Na defesa de teses, no revigoramento de atitudes nacionalistas, nas lutas pelo monopólio do petróleo, com a criação da Petrobrás, no combate aos Acôrdos Militares, no elucidamento dos propósitos que me conduziram às Reformas Agrárias, bancária e Administrativa, na defesa do Controle Cambial, do Monopólio do

Seguro de Acidentes pelos IAPS, da aprovação de uma Lei sobre greve que servisse ao País e às classes trabalhadores. Os fatos ocorrentes no estado foram levados pela minha voz ao conhecimento do País. Sempre em análises sociológicas, onde os fundamentos históricos não escapavam. Fui deputado brasileiro. E não catador de verbas, eleitoreiro, subalterno à política de campanário. Não consegui reeleger-me (DANTAS, 1967, p.5-6).

Firmadas no final da década de 40 do século XX, as divergências se agravaram durante a década seguinte, configurando-se na formação de um novo jogo de forças, tal como entende Chartier:

Quando o equilíbrio das tensões que permitia a perpetuação de uma formação social se encontra quebrado - quer porque um dos adversários/parceiros se tornou demasiado poderoso, quer porque um novo grupo recusa a sua exclusão de uma partilha estabelecida sem ele -, é a própria formação que assenta num novo equilíbrio das forças e numa figura inédita das interdependências (CHARTIER, 1990, p.103).

De lados opostos, dentro deste movimento, estavam o deputado federal Orlando Dantas, grande defensor do nacionalismo e, no bloco antagônico, os representantes udenistas, à exceção de Seixas Dória⁹. O grupo udenista, que fazia frente ao governo Vargas - com quem Orlando Dantas tinha afeição, abraçando a causa do empreendimento petrolífero nacional - tentou assumir o governo do Estado no ano de 1950, o que ocorreu quatro anos depois, quando o pleito conduziu Leandro Maciel ao poder. Foi um momento particularmente tenso: “A UDN era acusada, nacionalmente, como responsável pelos episódios desgastantes, que levaram o Presidente Getúlio Vargas ao suicídio” (BARRETO, 2007, p.199). O mandato de governador teve início com a sua imagem afetada pelos acontecimentos.

Discutir a trajetória de Orlando Dantas põe em relevo os momentos de conflito que vivenciou, dificultando demarcar - quais foram - se houveram limites entre o jornalista e o político: “O estudo dos intelectuais como atores do político é portanto complexo” (SIRINELLI, 1996, p.244). Compreender a atividade político-empresarial e intelectual desse homem demanda maior atenção ao seu círculo de amigos de onde saíram os principais nomes que lhe impuseram e aos quais impôs enfrentamentos.

Um dos políticos sergipanos severamente combatidos por ele foi, sem dúvida, aquele que nasceu com ele no campo político e despontou no grupo udenista: Leandro Maciel.

⁹ Apesar de fazer parte do grupo udenista, Seixas Dória foi um nacionalista convicto e sempre teve muita aproximação com Orlando Dantas.

Leandro Maynard Maciel (figura 2) era natural da cidade de Rosário do Catete - SE. Seus pais, Leandro Siqueira Maciel e Ana Maynard Maciel, investiram na sua educação conferindo-lhe uma boa formação: “Estudou as primeiras letras em sua terra natal, seguindo depois para Salvador, onde estudou no Ginásio Marista e na Escola Politécnica da Bahia, quando graduou-se em Engenharia Civil” (BARRETO, 2007, p. 198). Destacado no cenário político sergipano e nacional foi eleito governador do Estado, em 1954. Na imprensa, foi muito bem conceituado através do órgão de imprensa udenista, o jornal “Correio de Aracaju”.

Apesar do quadro nacional, “Leandro Maciel foi além do seu partido e tornou-se uma legenda entre os que seguiam sua liderança. Dizia-se, então que em Sergipe não havia udenismo, mas leandrismo” (BARRETO, 2007, p. 203). Nacionalmente, o seu nome foi representativo dentro da política, chegando a ser lançado na chapa de Jânio Quadros no início dos anos 60 do século XX, momento em que Jânio se lançou candidato à presidência do país.



Figura 2: Leandro Maciel no noticiário do jornal “Correio de Aracaju”, quando foi diplomado governador em 1955. **Acervo:** IHGS.

Eleito governador, no ano de 1955, teve o seu governo sobressaltado pelo reflexo do suicídio de Vargas que ecoou no país. Em Sergipe, a responsabilidade da fatalidade incidiu sobre os udenistas que sofreram retaliação: “Forças do Exército intervieram e evitaram a invasão da Rádio Liberdade, veículo da UDN e da residência de Leandro Maciel” (DANTAS, 2004, p.128). Durante o restante da década de 50 do século XX, os udenistas responderam de todas as formas à “má vontade” dos seus adversários.

“Mas essa rivalidade, condição própria do poder absoluto, pode e deve ser perpetuada pelo soberano, que ao jogar sucessivamente um grupo contra o outro, reproduz “o equilíbrio de tensões! Necessário à forma pessoal do monopólio de dominação (CHARTIER, 1990, p.1074).

Os opositores se manifestaram, sobretudo através da imprensa. O clima em Sergipe era de insegurança, ameaças e medo. De acordo com Dantas (2004), no momento em que tomou posse do governo em trinta e um de janeiro de 1955, Leandro Maciel realizou obras relevantes para o Estado, como a conclusão do aeroporto e a rede elétrica; porém, o seu governo foi marcado também por um clima tenso e de perseguições políticas. Os assassinatos de udenistas influentes¹⁰ acentuaram a representação de uma administração truculenta por causa da “[...] busca aos supostos criminosos numa perseguição desenfreada e, por si, arbitrária” (DANTAS, 2004, p. 131). A imagem de um governo arbitrário foi, aos poucos, consolidando-se; e os adversários, vigilantes e implacáveis estabeleceram sérios combates aos atos do governo, sobretudo, através da imprensa.

Uma visualização do clima, que envolveu o cenário sergipano na época, foi dada pela “Gazeta Socialista” ao criticar o momento de julgamento - ou da tentativa - dos responsáveis pelo assassinato de Josué Modesto dos Passos:

A sociedade sergipana precisa reagir contra esse modo de vida que envolve o Estado, intranquilizando seu povo, com lutas pessoais, de caráter violento, sem respeito à personalidade humana, sulcando os campos sociais com ódio que destrói os princípios de solidariedade e a ambição que se transforma em instrumento de prepotência. O papel de cada um de nós será, no seu partido, na sua casa, no seu trabalho de esclarecer e conduzir todos aqueles que se desviaram da rota certa do bom viver da sociedade, para o campo das lutas pessoais. Sergipe deve erigir a justiça como patrono dos que sofrem na sua liberdade de agir, pensar e andar. O Poder Judiciário não pode continuar a ser um

¹⁰ Josué Modesto dos Passos, em Ribeirópolis e Carlos Firpo em Aracaju. Maiores informações consultar Dantas (1989, 2004).

prolongamento dos Governos preocupados com os aspectos subalternos da vida. Os elementos mais capacitados intelectualmente e moralmente precisam reagir contra esse estado de intranquilidade que reina entre nós dia a dia se agravando sem uma saída honrosa para uma sociedade que requer sossego para o seu desenvolvimento cultural.

Não sabemos situar com precisão o estado cultural do nosso povo, frente a maneira com que fazem política os partidos e os homens públicos. O chefe do Poder Executivo devia se debruçar sobre os acontecimentos políticos ocorridos na última década e refletir na melhor maneira de acabar com esse tipo de política, tão asqueroso como repugnante aos foros civilizados de um povo que sempre se orgulhou da inteligência e cultura dos seus homens.

O sr. Leandro Maciel iniciou a sua vida pública no governo do presidente Manoel Dantas. Govêrno que se conduziu, dentro da precariedade da sua época, como um padrão de moralidade pública. Govêrno que não transigiu com desonestos, que não confabulou com pistoleiros e assassinos, que não subornou juízes, que não fez clientela eleitoral às custas do erário público. Quem não se lembra do seu combate ao cangaceirismo, do número de criminosos presos em fazendas de figuras das mais destacadas da nossa sociedade? A ação daquele governo enérgico, justo e honrado, limpou o território sergipano dos maus elementos e elevou a política a política do Estado ao nível de respeito mútuo que as autoridades devem aos cidadãos. E naquela época não havia partidos nacionais, voto secreto e as facilidades de transporte que são uma maravilha para a preparação da opinião pública. Um homem de tradição de convicção e de princípios, deu um tom alto, de moralidade e respeito ao Estado.

Agora, o que assistimos boquiabertos? Houve um crime bárbaro em Ribeirópolis e o governo em vez de procurar os elementos essenciais para que a justiça puna os criminosos, transformou o fasto lamentável em pretexto político para a destruição dos adversários. De erro em erro, os fatos ocorridos são os testemunhos da incapacidade governamental para libertar-se dos complexos eleitoreiros. Não há, e é necessário confessarmos, grandeza na ação do Govêrno, quando arma cangaceiros para destruir outros que armaram na defensiva. É da competência dos Poderes Públicos o roteiro que servirá para os cidadãos para sua vida diuturna. Govêrno que não tem coragem de traçar, no emaranhado político, rumos definitivos de sua orientação, está capacitado a assistir sua própria débâcle.

Pela segunda vez, a Justiça Pública de Frei Paulo tenta realizar o júri para a condenação ou liberdade dos réus do crime de Ribeirópolis. E por falta de garantias, os jurados em número suficiente, deixaram de atender às imposições da lei, com receio de coações policiais. O Dr. Juiz de Direito, Mário Lobão, moço culto e inteligente, mandou ao Tribunal de Justiça do Estado o seu protesto contra a falta de garantias para que o ato público se realizasse com tranquilidade e segurança, solicitando ainda o seu desaforamento. Os advogados dos réus solicitaram garantias federais, uma vez que desaforamento só poderá ocorrer dentro da própria Comarca.

Frei Paulo tem sido teatro de comédias que bem poderão transformar-se em tragédias. Francisco Passos, no último dia do júri, estava com algumas dezenas de homens armados, às barbas da polícia e do próprio Secretário de Segurança Pública. Para que e por que? Não queremos endossar as notícias do provável assassinato do deputado

Baltazar dos Santos, antes do júri, nem tão pouco a chacina de que seriam vítimas os réus, no caso de serem absolvidos. Mas, condenamos o faccionismo das nossas autoridades, a falta de energia para impor respeito aos atos do Poder Jurídico e desarmar os cangaceiros que infestam o nosso infeliz Estado (DANTAS, 1956, p.1).

Além de apontar deficiências no governo, o jornal ironizou o governador, ao lembrar com quem aprendeu a administrar o poder público. Claramente afirmou que não foi durante a gestão de Manoel Dantas que Leandro Maciel conheceu as práticas de suborno e semelhantes.

Sobre o assassinato do prefeito da cidade de Ribeirópolis, o jornal "Correio de Aracaju" respondeu com semelhantes acusações:

A história política de nossa terra tem mais um covarde assassinato. As balas traiçoeira de pistoleiros assalariados pela fúria homicida dos que não sabem perder, atingiram um homem indefeso, no recesso do seu próprio lar, quando tranquilamente escutava um programa radiofônico.

Crime tipicamente político, planejado friamente, constitui crime libelo contra aqueles que vivem clamando contra imaginárias violências do atual governo. A esta altura [] Sergipe inteiro está convencido de que o Governador Leandro Maciel tem chegado ao extremo da tolerância, recebendo embora como vem recebendo, iterativas provocações dos próprios responsáveis pela onda de crime e terror que há anos vem enlutando Sergipe e nos envergonhando frente a Nação (MENDONÇA, 1955, p.1).

O "Correio de Aracaju" respondeu às agressões feitas através da imprensa do PSB, acusando o grupo adversário de empreender a marcha da calúnia contra o governo:

O esperado vai acontecendo porque Leandro Maciel está varrendo da administração os incapazes de servir ao povo. O esperado vai acontecendo porque Leandro Maciel está congregando os bons elementos e expurgando os maus. O esperado vai acontecendo porque Leandro Maciel vai caminhando sempre para a frente, sem esbarrar, com vontade de vencer todos os obstáculos e alcançar objetivos salutareos. O esperado vai acontecendo porque Leandro Maciel na sua gloriosa marcha não está dando "bolas" aos insultos e infâmias, calúnias e injúrias que são vomitadas diariamente por culpados e cúmplices, ou por malandros desocupados. O esperado vai acontecendo porque o povo está condenando os desaforos escritos por aqueles que perderam para sempre a "marmita" onde faziam a "comidela" de todo dia. O esperado vai acontecendo, porque cada dia que passa vão ficando definidos os campos para o julgamento inapelável do povo. O esperado vai acontecendo, porque já se observa que os incapazes que nos governaram perderam cinquenta [cinquenta] por cento do prestígio que desfrutavam antes das mesas redondas (CORREIO DE ARACAJU, 1955, p.1).

A troca de agressões se estabeleceu explicitamente. O Correio de Aracaju sempre notificou sua indignação diante da ofensiva do adversário na primeira página. Normalmente, o texto não possuía assinatura e ficava localizado logo abaixo do nome da mesa diretora, formada por Carvalho Deda – diretor; Teixeira Machado - gerente. Os textos sempre se referiam aos adversários da seguinte forma:

A mentalidade desses politiqueiros que abusam da tribuna das prerrogativas que o povo, que o povo inadvertidamente lhes concedeu através de urnas livres, para atacam a autoridade, visando por essa forma indecente, impressionar a opinião pública, já está sendo marcada no conceito do povo que vem acompanhando com interesse a marcha dos acontecimentos. Está marcado no conceito do povo sergipano, que esses protetores de pistoleiros assalariados, são mais perigosos que os seus repelentes protegidos (CORREIO DE ARACAJU, 1955, p.1).

Entre os órgãos de oposição estavam o “Diário de Sergipe” e a “Gazeta de Sergipe”. Nos dois jornais, Orlando Dantas expressava sua indignação: “Na chefia, Orlando Dantas imprimiu orientação de análises e denúncias contundentes, especialmente das práticas udenistas, dos quais não aceitava nem divulgar suas versões” (DANTAS, 2004, p.131). Esse fato demonstrou o grau de intolerância com o grupo adversário. A “Gazeta de Sergipe” ganhou esse título, em 1958, e desde que se chamava “Socialista” já tinha o perfil contundente. Nas páginas da “Gazeta Socialista”, há o testemunho de que Orlando Dantas estava firme na linha de combate ao governo, não apenas tratando das questões criminais. O jornal foi, além de instrumento de luta, uma forma de realização pessoal. A maneira encontrada pela direção do jornal para se fazer presente e atuante como homem público, foi a vigília e a denúncia:

Procurei realizar-me politicamente, com a fundação da GAZETA DE SERGIPE. Jornal que se tornou o paladino das liberdades, o eco das inspirações populares, o instrumento de reformas das nossas velhas estruturas econômicas e sociais. Combatendo os crimes, a ação danosa dos “prepotentes”, cuja ambição desmedida, odienta, fortalecera a corrupção e aumentava o campo das negociatas, foi na verdade, como o é, a garantia da sociedade do trabalho fecundo de todas as atividades públicas e privadas (DANTAS, 1968, p.6).

Após de um intervalo de três anos inativa, a “Gazeta”, que entrou em recesso em dezembro de 1952, voltou a funcionar em janeiro de 1956, quando já havia transcorrido um ano do governo udenista.

Ao ser reaberto, o jornal fez agressões ao governo e aos componentes do grupo de oposição:

Depois de um ano de governo era de se esperar que as cousas estivessem em ordem no Estado. Com efeito, o Sr. Leandro Maciel empenhou-se a fundo em determinadas obras, na esperança de grandes recursos financeiros fossem carreados dos cofres federais para o Estado. E animado de realizar um programa que deixasse os babaquaras de boca aberta, afundou-se na construção de estradas e rodagens, pontes, desmonte do morro do Bonfim, aterro dos alagados do Bairro Industrial, compras de casas compreendidas na zona do referido morro.

Realmente graças a intervenção do senador Lourival Fontes, vinte milhões de cruzeiros foram liberados no ano passado e trouxeram certo alívio às aventuras do engenheiro governador. Mesmo assim as finanças estadual andam à matroca. Os adiantamentos feito pelo Estado para o andamento das obras federais delegadas, importam em VINTE MILHÕES DE CRUZEIROS; a dívida da CHESF, de fornecimento de energia elétrica, é maior de TRÊS MILHÕES E SEISCENTOS MIL CRUZEIROS, inclusive de juros de mora de 1% ao mês. Desde novembro que o Estado não paga a energia que compra, arriscando assim, a vida pública a sérios atropelos, senão a um completo fracasso com a síncope das atividades privadas[...] (DANTAS, 1956, p.1).

Sobre o clima de violência em todo o Estado, a “Gazeta Socialista” afirmou:

A nossa confiança dos srs. Leandro Maciel e Heribaldo Vieira sofrera nesta semana um colapso. Todavia ainda vamos persistir em restabelecê-la. Depois do espancamento do Sr. Pedro Gonçalves e do incêndio da casa do Sr. Baltazar Santos (Ceará) e das promessas do governo de abrir inquérito rigoroso e adotar medidas de punição e prevenção para os criminosos, recrudesceram, mais ainda as violências naquele município de campos talados pelas volantes de contratados.

Não sabemos até que ponto o Governo Estadual pretende deixar que se processem eternas vinganças de desafetos políticos, que se sucedem no poder, lembrando as épocas mais tristes na monarquia (DANTAS, 1956, p.1).

Além de órgão partidário, o jornal representava, para Orlando Dantas, um instrumento de luta; por essa razão, pôs o seu nome em evidência pública:

A Gazeta era, em certa medida, quase um partido, uma cátedra, um meio de formar uma opinião pública em permanente mobilização. Denunciou crimes, apurou abusos, fiscalizou administrações, de forma corajosa e por isso mesmo enfrentou a ira dos criticados, as ameaças dos poderosos, e a suspeita dos governos militares, chegando a ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional (BARRETO, 2007, p.128).

Depreende-se daí que Orlando Dantas se tornou, acima de tudo, uma figura polêmica em torno da qual gravitava boa parte das agitações do período.

As formas de se estabelecer no jogo depreendem conhecimento/percepção das regras e representação de cada pessoa ou grupo, posto que

Numa formação como esta a construção de cada indivíduo situa-se sempre no cruzamento da representação que ele dá de si mesmo e da credibilidade atribuída ou recusada pelos outros a essa representação (CHARTIER,1990, p.112).

Na luta pelo estabelecimento no campo, os agentes se utilizam dos mecanismos e representações de que são detentores como armas contra os agentes adversários. Sobre isso é importante considerar o entendimento de Pierre Bourdieu (2005), quando se refere ao campo como um lugar propício para a ocorrência das relações conflituosas.

É no campo que há o exercício das relações de força, por isso mesmo pode ser compreendido como um lugar conflituoso, cuja representação dos agentes torna-se mais ou menos significativa dentro da trama. Bourdieu compreende que os agentes do campo devem estar “[...] inseridos na estrutura e em posições que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (BOURDIEU, 2004, p. 29). O campo político é, por excelência, um campo tenso. Nele, a rede de afinidades e o circuito de influências conduzem atitudes e despertam sentimentos. Decorrente daí, desencadeiam-se poderes, não apenas poderes políticos, mas também e, principalmente, poderes simbólicos. Tal associação político↔simbólico/simbólico↔político encontra-se nas relações de poder e, dentro delas, podem ser localizados os meios de comunicação, que há muito sinalizam como destacados e eficazes métodos de difusão, combate e conformação. Situamos aqui os elementos que conduziriam o comportamento político dos grupos opositores e mantenedores de meios de comunicação. Todos esses elementos, também a partir do entendimento de Duby (1998), devem ser compreendidos como uma cultura política:

O que significa concretamente que uma cultura política é um conjunto de representações que une um grupo humano no plano político, isto é, uma visão do mundo partilhada, uma leitura comum do passado, uma projeção no futuro vivida em conjunto (DUBY, 1998, p. 414).

A imprensa escrita e a imprensa falada foram os instrumentos de “luta armada.” Em resposta, ameaças e desmerecimentos - inclusive morais - tentaram desgastar a imagem de Orlando Dantas através da emissora de rádio “Liberdade”, pertencente aos seus inimigos políticos.

Depois de atacar severamente o governo de Leandro Maciel, empreendendo severas críticas através do seu órgão de imprensa, Orlando Dantas, consolidando o perfil

de denúncia e investigação, tornou-se alvo. Temas particulares e muitíssimo delicados fizeram de Orlando Dantas alvo de depreciações – inclusive morais- da emissora de rádio Liberdade através da voz do locutor Silva Lima.

Segundo Luiz Antônio Barreto¹¹, Silva Lima pregava contra Orlando Dantas por diferenças políticas entre as pessoas para quem trabalhava¹² e o referido jornalista “Silva Lima era baiano. Veio para Sergipe e trabalhou como locutor. Atuou primeiro na rádio Difusora e depois na Rádio Liberdade, que era da UDN. Ele bateu muito em Orlando através da Rádio.”¹³ O posicionamento crítico e investigativo adotado pela “Gazeta” de Orlando gerou muito incômodo para a oposição que lançou mão dos recursos disponíveis para lhe responder.

Numa rede de intrigas, todos os agentes envolvidos ou interessados, na derrocada do adversário, são convidados pelo jogo para agirem na depreciação do outro. A “Rádio Liberdade” soube tirar proveito da antipatia existente entre o jornalista Hugo Costa e Orlando Dantas:

“O problema de Orlando era com Hugo Costa. Hugo Costa foi utilizado pela rádio contra Orlando. No passado ele trabalhou no Diário de Sergipe, no Correio de Aracaju e escrevia os textos políticos para a Rádio Liberdade, textos que eram lidos por Silva Lima, muitos deles contra Orlando Dantas.”¹⁴

A rede de intrigas tinha o claro objetivo de depreciação política e, neste meandro, mais pessoas foram utilizadas para o combate. Diante dessa exposição, é preciso ter a compreensão de que as pessoas envolvidas nessa rede de conflitos orbitavam no meio intelectual para o que concorriam com sua parcela: “O meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas de seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente” (SIRINELLI, 1998, p.265). Uma das nuances dessa aquarela foi oferecida por Antônio Garcia Filho.

O Médico Antônio Garcia Filho também cruzou a trilha dos desafetos de Orlando Dantas ao longo de sua vida. Aliados na fundação do jornal “Gazeta Socialista”, Antônio Garcia Filho chegou a ser diretor do jornal no período entre setembro de 1948 e julho de 1949. Também foi membro do Partido Socialista Brasileiro, entretanto, devido à bipolarização do final da década de 50 do século XX,

¹¹ Cf. Entrevista concedida no dia 5 de fevereiro de 2009.

¹² José da Silva Lima era funcionário da Rádio Liberdade. Essa Rádio era de propriedade de Albino Silva da Fonseca, do grupo udenista.

¹³ Cf. BARRETO, Luiz Antônio. Entrevista concedida no dia 5 de fevereiro de 2009.

¹⁴ Cf. BARRETO. Op.Cit. 2009. Problemas familiares causaram indisposições entre Hugo Costa e Orlando Dantas.

que congregava em oposição o PSB e PR, de um lado, e, do outro, a UDN. Antônio Garcia Filho, irmão de Luiz Garcia, afastou-se do jornal e da companhia de Orlando Dantas no final da dos anos de 1950:

Do lado oposicionista, sob a coordenação de Leite Neto, ficavam PSD, PR e PSB. Este último desde 1950 vinha formando acordo com o PSD-PR. Dessa forma Orlando Dantas tornou-s deputado federal de 1951 a 1954. Derrotado em 1954, foi cada vez mais identificando-se com a orientação política do PSD, tornando-se como seu jornal, grande crítico da UDN. Em 1958 mudou o título do seu matutino de Gazeta Socialista para Gazeta de Sergipe e voltou a apóias o candidato pessedista [...] (DANTAS, 1989, p.235).

Segundo Ibarê Dantas este foi o momento em que se deu a separação entre o proprietário da “Gazeta Socialista” e seu aliado partidário, Antônio Garcia Filho, com quem comungava dos mesmos ideais: “Essa posição provocou o rompimento de Antônio Garcia Filho, seu companheiro do Partido Socialista, desde a fundação.” (DANTAS, 1989, p.235), que se engajou na campanha para eleger, pela UDN, seu irmão Luís Garcia. Firmou-se assim, mais uma indisposição na vida de Orlando Dantas.

Enquanto Luís Garcia participou da criação da UDN, Antônio Garcia Filho, seu irmão, ajudou a criar o PSB. Foi durante o governo de Luís Garcia que a “Gazeta Socialista”:

[...] firmou-se como o jornal mais combativo e corajoso, exercendo grande influência, concorrendo para o desgaste do domínio da UDN. O partido situacionista tinha a seu favor o Diário Oficial, o Correio de Aracaju e a Folha popular, sendo este de tendência comunista. Entretanto, os três juntos não conseguiram superar a influência da Gazeta” (DANTAS, 2004, p.135).

As maneiras de se estabelecer no jogo são impostas pelas regras do campo. Regras que, apesar de não estarem postuladas previamente, segundo Bourdieu (2005), surgem e são seguidas. Após definidas as regras os participantes atuam com o capital cultural e simbólico de que dispõem. A demonstração do capital simbólico de que dispunha a “Gazeta” delineou sua preponderância sobre os demais jornais da época tornando-o mais creditado, talvez.

Numa formação como esta, a construção da identidade de cada indivíduo situa-se sempre no cruzamento da representação que ele dá de si mesmo e da credibilidade atribuída ou recusada pelos outros a essa representação (CHARTIER, 1990, p. 112).

As regras do campo político impõem divergências e convergências, o que inevitavelmente gera conflitos, tão importantes para que o jogo tenha sua continuidade.

Fica assim postulada a rede de intrigas e influências estabelecida entre pessoas atuantes na mesma estrutura, pessoas detentoras de capital político, proeminentes dentro da estrutura, por sua relação com o outro, ou seja, conflitos de poder que transformaram o campo tenso.

A tensão do ambiente sergipano da época pesou sobre seus agentes de tal forma que havia uma preocupação mútua com os participantes do jogo. Uma boa ilustração dos acontecimentos da época foi dada por Hunald Alencar (1995), que vivenciou a atmosfera densa na companhia de Orlando Dantas:

Ao seguir pelas ruas desertas, veio-me a imagem de seu Orlando Dantas a deixar a redação de volta para casa. Sempre retornava por volta das dez horas, sozinho, sem medo de tocais, Aracaju das quatro esquinas, quem sabe algum adversário político ou qualquer outra gente contrariada, aproveitasse a malquerência? Mas ele ia calmamente, com o se lá no jornal houvesse ficado com seus originais, e ali na rua estivesse a andar o cidadão comum apenas. Verdade é que, às vezes, trazia sob seu paletó branco um resguardado revólver. Se pela rua deserta lhe aparecia algum sujeito malencarado, seu Orlando entreabria o paletó a mostrar seu metafórico revólver – mais de espanto do que bala. Sua verdadeira arma era sua palavra, seu discurso avermelhado – metralhadora implacável a seus adversários políticos de Sergipe e de qualquer canto do planeta, como se o mundo lhe fosse a conhecida província. Ao chegar a sua casa, pelo telefone ditava algumas ordens ao fechamento da edição. Mas aquelas ordens, reparando bem, eram o sinal de que tudo estava sob controle – uma espécie de retribuição a seus discípulos preocupados com sua segurança. Lá no jornal, seu temperamento explosivo era uma mistura de pai e de patrão a cobrar a disciplina, nem mesmo admitindo que um colega chamasse o outro pelo apelido: Chatô! Que Chatô, Ivan! Carlos Alberto é o seu nome!(ALENCAR, 1995, p.85-86).

Tal comportamento é compreensível para alguém com a tal postura:

Tomado de uma responsabilidade singular, Orlando Dantas fazia dos editoriais e das notas que redigia para as colunas, uma tribuna, instrumento de luta, uma ferramenta a serviço da construção de uma nova sociedade para Sergipe (BARRETO, 2007, p.128).

E desse modo:

Denunciou crimes, apurou abusos, fiscalizou administrações, de forma corajosa e por isso mesmo enfrentou a ira dos criticados, as ameaças dos poderosos, e a suspeita dos governos militares, chegando a ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Com suas oficinas invadidas, suas páginas empasteladas, e sob ameaça de “Fogo na Gazeta”, Orlando Dantas desafiou os poderosos enquanto apresentava diagnósticos e planos para o Estado de Sergipe (BARRETO, 2007, p.128).

O jornalista também foi um defensor do desenvolvimentismo do Estado. Promoveu o fomento da economia da cidade de Capela - SE, transferindo para esta cidade a fábrica açucareira que comandava, abrindo possibilidades de renda a boa parte dos trabalhadores do município:

Como empresário empreendeu o projeto de mudança da Usina Vassouras de Divina Pastora para Capela. O arrojado empreendimento o levou a adquirir terras de tabuleiros e utilizá-las pioneiramente, como o plantio de cana. Comprou moendas, caldeiras e outros equipamentos de usinas extintas e preparou a capacidade de moagem de 500 mil sacas de açúcar por ano, o que fazia da Usina Vassoura a segunda maior do Estado (BARRETO, 2007, p.128).

Esse projeto esbarrou diante do golpe de 1964 “[...] quando Leandro Maciel, com quem havia rompido politicamente, comandava o Instituto do Açúcar de Alcool.” (BARRETO, 2007, p.128). Somente com a ajuda do Banco do Brasil, na época dirigida por Camilo Calazans, o projeto foi concretizado.

O envolvimento com as questões de desenvolvimento do Estado deu-lhe destaque como intelectual preocupado com os assuntos da economia sergipana. Os indícios de sua atenção ao quadro econômico em Sergipe estavam situados na série de artigos através dos quais discutia os problemas de economia. A série de artigos tinha o nome de “Aspectos da economia sergipana”. Estes e outros ajudaram a destacá-lo dentro da literatura sergipana. “Em 1944 participa da criação do Centro de estudos Econômicos e Sociais de Sergipe e publica ‘O problema açucareiro em Sergipe’, ensaio que se tornou clássico na bibliografia sergipana” (BARRETO; 2007:126). O mesmo enredo que definiu a história política de Orlando Dantas também lhe deu o contorno jornalístico e literário, fazendo despertar um relevante pesquisador que se dedicou à investigação da vida econômica e política de Sergipe, nasceu então:

[...] A Vida patriarcal de Sergipe, onde tenta captar a realidade social do setor mais importante da economia sergipana, aquele enraizado na imensidão dos verdes canaviais. Nesse livro, ele foi, principalmente, um memorialista (NUNES, 1990, p.87).

Ao lado do escritor despontou o jornalista que fundou o jornal “Gazeta de Sergipe”, segundo ele, com vistas a defender a plataforma de governo do seu pai, o Presidente Manuel Dantas: “No governo do meu pai, 26 a 30, Presidente Manuel Dantas fundei o jornal “Gazeta de Sergipe”, para a defesa do programa governamental. Não tive participação direta no governo” (DANTAS: 1968:4) A empresa jornalística criada por Orlando Dantas, durante a República Velha, possibilitou-lhe ter experiência para, em 1948, abrir um jornal com o título de “Gazeta Socialista”. Provavelmente, tratava-se

da mesma empresa, considerando o seu proprietário, e dez anos depois de se tornar “socialista”, voltou a se chamar “Gazeta de Sergipe”. Surgiu aqui a comprovação de alguns indícios que apontavam para a existência de um grupo jornalístico pertencente à família Dantas antes da criação do título de que se ocupa esta pesquisa.

Para dirimir quaisquer dúvidas, o próprio criador do jornal falou sobre o assunto. Nenhuma transformação radical na proposta do trabalho ficou estabelecida; entretanto, é fundamental para entender o caminho jornalístico percorrido por Orlando Dantas até o momento em que surgiu o objeto sobre o qual se curva este estudo. Foi necessário chegar a este conhecimento “O que caracteriza este saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade [...]” (GINZBURG, 1989, p.152). Embora a pesquisa não seja biográfica, alguns dados com tais características se impuseram. O estudo trata da obra de um intelectual da comunicação, homem político e compositor de relevantes trabalhos literários para Sergipe.

Talvez da sua inquietude fez emergir aquele jornalista que despontou, nos primeiros anos de seus estudos, quando a sua participação no jornal do colégio, com a sua contribuição literária com o matutino “Diário da Manhã”, reforçou o seu espírito jornalístico. Espírito que aflorou, anos mais tarde, impelido pela sua atuação política, por sentir necessidade de criar um órgão tradutor do pensamento socialista, em 1948.

O jornal foi criado para atender a uma necessidade política. Na época, circulavam também jornais que ilustravam a imprensa sergipana, tais como o Diário de Sergipe, órgão do PSD; o Diário Oficial; o Correio de Aracaju e Folha Popular, também ilustravam a imprensa sergipana da época.

No momento em que o capital estrangeiro intensificava a sua atuação no mercado brasileiro e o país respirava o ar do desenvolvimentismo, algumas manifestações partidárias despontaram pelo país. Segundo Graça (2002):

No contexto da modernização que as grandes metrópoles brasileiras experimentaram nessa época, Aracaju, uma cidade pequena situada no Nordeste subdesenvolvido, ainda se conservava provinciana, arraigada a hábitos, atitudes e valores antigos. No entanto, os artefatos e os comportamentos suscitados pela industrialização penetraram no espaço urbano conquistando as camadas médias que, cada vez mais, ampliaram as possibilidades de acesso à informação, ao lazer e ao consumo (p.20).

Este foi um momento crítico no Brasil com as mudanças, estabelecimento de novos acordos e aparecimento de outros órgãos partidários.

Sobredeterminado pelo quadro nacional e condicionado pela estrutura social local, desenvolveu-se a formação dos partidos em Sergipe. Antes mesmo do aparecimento da Lei Eleitoral, que prescrevia a constituição dos partidos de âmbito nacional, já os principais grupos que se articulavam empreendiam esforços no sentido de ramificarem-se por todo o país. Entre esses grupos destacavam-se um governista, que inicialmente se organizava através do PSD e outro oposicionista, constituindo-se numa frente que dera origem à UND (DANTAS, 1989, p. 157).

Introduzido no universo jornalístico e política, Orlando Dantas e engajou na luta por aquilo o considerou como melhoria sócio-cultural:

Suas convicções políticas se ajustaram ao programa da esquerda democrática, surgida em 1945, como consequência da redemocratização do país, tornada depois Partido Socialista Brasileiro, que congregava homens de alta envergadura intelectual e moral, a exemplo de João Mangabeira, Domingos Velascos e Hermes de Lima (NUNES, 1990, p.86).

Orlando Vieira Dantas é um nome destacado em Sergipe devido à sua atuação jornalística, política, intelectual e também empresarial. É pertinente considerar que a sua atuação jornalística foi bastante significativa, exaustiva e até mesmo desgastante; sobretudo, para os seus adversários. O campo jornalístico foi, sem dúvida, aquele que melhor contribuiu para a consolidação do seu nome na história sergipana.

Fatores como a política, a literatura e a herança empresarial contribuíram muito para seu desempenho; entretanto, foi no jornalismo que se sentiu confortável para usar a sua palavra como protesto, em favor do desenvolvimento, apoiando e negando apoios e fazendo denúncias, o que lhe rendeu turbulências afetivas transformadas em verdadeiras inimizades.

O jornalismo calcificou o seu *status* de profissional da área, mas também foi através dele que experimentou o desconforto do meio. Esse é um campo responsável pelos debates da sociedade. Todo grupo social dialoga entre si, mas todos mantêm uma relação estreita com o jornalismo que se posiciona, formando opiniões.

A aquarela pintada por Orlando Dantas dentro do ambiente sergipano, através do seu órgão de imprensa, não ficou situada apenas nas áreas discutidas até o momento. Ao falar através do jornal que estava propondo melhorias para o Estado e empreendendo críticas aos governos adversários, Orlando Dantas ofereceu à historiografia educacional sergipana subsídios para uma análise do quadro educativo durante a passagem da metade do século XX.

Membro da Academia Sergipana de Letras, esse escritor foi também diretor do periódico que circulou sob o título de Momento – Revista Cultural da Gazeta de Sergipe, criado durante a década de 70 do século XX, para o qual pôde contar com o apoio de nomes como Luiz Antônio Barreto e Acrísio Tôrres de Araújo. O seu nome ficou registrado no cenário político sergipano e nacional. Sua obra não se encerrou logo após o seu falecimento, em abril de 1982. Muitos nomes que formaram no jornalismo atualmente foram iniciados por Orlando Dantas dentro do campo:

A Gazeta de Orlando esteve sempre aberta à novas gerações de jornalistas e colaboradores, atraindo jovens que se tornaram, no cotidiano do batente do jornal, nomes respeitáveis da imprensa sergipana, como Ivan Valença, José Carlos Monteiro, Carlos Alberto de Jesus, Ancelmo Góis, Paulo Roberto Dantas Brandão, Lania Duarte, Nino Porto, Célio Nunes, Taís Bezerra, Clara Angélica, Hunald Alencar, José Abud, Jorge Lins e muitos outros (BARRETO, 2007, p.127).

Entre os profissionais citados por Barreto (2007), podemos inserir ele próprio, que iniciou sua atividade jornalística ao lado de Orlando Dantas, em 1964:

Com Orlando Dantas aprendi de tudo de jornal: fui repórter de abastecimento, de política, digravei o jornal, fui promovido a redator e a editor, antes de ter preparado, pessoalmente por ele, para ser editorialista e, enfim, depois de anos seguidos dividindo os dias da semana, na alternância dos textos, substituí-lo, por meses antes de sua morte (BARRETO, 2007, p.133).

Foi através da “Gazeta Socialista”, já transformada em “Gazeta de Sergipe”, que muitos nomes se estabeleceram no jornalismo e outros se destacaram como colaboradores. Ficaram também registrados, para a posteridade sergipana, os embates travados. Sobre a figura de Orlando Dantas, vários conceitos foram erigidos o que lhe conferiu a capacidade de despertar sentimentos como admiração, respeito, ódio, rancor, repulsa. O fato é que não se pode extirpar do seu perfil a coragem, audácia e persistência, usados para qualquer de seus feitos.

A Gazeta Socialista

O jornal surgiu num momento específico para a imprensa e para o jornalismo, quando a editoração de livros já contava com um número de publicações nada inibido sobre a história da imprensa, Luca e Martins (2008) afirmam que a pesquisa sobre a história da imprensa mais do que enumerar periódicos, já fazia a contextualização do que havia sido analisado. Asseguraram também que, no universo acadêmico, os cursos de jornalismo fincavam suas raízes:

Registre-se que na década de 1940 surgiram os primeiros cursos de jornalismo no Rio de Janeiro e São Paulo. O primeiro curso no país foi na Cásper Líbero, em 1947. Mas as escolas de jornalismo só iriam se firmar nos anos 1960 (p.15).

Foi também uma época em que grandes nomes da imprensa brasileira criaram seus jornais, registre-se a criação da “[...] Tribuna da Imprensa, diário de Carlos Lacerda, fundado em 27 de dezembro de 1949[...]” (LUCA e MARTINS, 2008, p.187) e “[...] Última Hora, jornal lançado por Samuel Wainer em 12 de junho de 1951 [...]” (p.187). Coincidentemente, este período corresponde ao tempo de funcionamento da primeira fase da “Gazeta Socialista” sergipana.

O exemplar de número um da “Gazeta Socialista” data do dia quinze do mês de maio de 1948, em que o jornal iniciava a divulgação de uma série de quatorze princípios do Partido¹⁵ ao qual estava vinculado. O jornal circulava semanalmente. O primeiro deles informou sobre o surgimento do Partido:

O Partido SOCIALISTA surgiu com o objetivo de formar uma consciência democrática no Brasil, preparando o povo nos princípios de liberdade, na prática dos preceitos legais, que assegurem o livre debate, o direito de crítica, para a modificação progressiva do nosso sistema econômico vigente (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p.01).

Nos números seguintes, foi registrado o posicionamento do Partido diante de alguns setores sociais como político, o econômico e o cultural. No número quatorze da série ficou claro o objetivo do Partido no setor cultural:

No terreno cultural, o objetivo do Partido é a Educação do povo em bases democráticas, visando a fraternidade e a abolição de todos os privilégios de classes e preconceitos de raça. Se bem pensado,

¹⁵ Foram localizados treze, do total dos princípios divulgados.

verificamos a adoção de tais princípios, como uma evolução completa nos conceitos educacionais sugeridos pelo nosso país, até o presente momento. E não podia deixar de ser assim, porquanto trabalhamos pela substituição do regime capitalista, pelo socialista, muito embora, por processos democráticos de luta política. Por mais que se queira afirmar que a educação que se ministra ao nosso povo é a democrática, os fatos estão contrariando numa inequívoca afirmação, tal assertiva. O ensino no Brasil é privilégio dos ricos, por ser caro e inacessível às classes proletárias. A própria classe média sesbofa por educar alguns de seus filhos mais inteligentes e dentro das piores condições de restrições. Ora, essa orientação é decorrente da estrutura econômica do nosso país, que estabelece privilégios inerentes à burguesia. As poucas exceções não servem senão para comprovar regra geral. Cada dia que se vive, maiores dificuldades maiores dificuldades se anteciparam às classes proletárias, para poderem participar em pé de igualdade, da educação ministrada. O ensino primário atende mal a um quinto da população em idade escolar, e assim mesmo é feito ao sabor da política partidária, de [curral] e campanário. O ensino ginasial, com quanto seja livre, é limitado às possibilidades financeiras dos estados, sempre em regime deficitário, não atende também ao número de escolares carentes de instrução, almeja de sofrer a enurencia dos alunos vindos da própria classe burguesa que desprezam os ginásios particulares também ao crescente encarecimento do ensino. E paz com tais fatores, trabalham as endemias, a deficiência alimentar qualitativa superior, então, todos os esforços da classe proletária e média são superados pelas constantes barreiras que se contrapõem ao desejo de instrução dos alunos mais capazes intelectualmente. Mesmo assim, a marcha das forças proletárias para o poder continua e as tremendas dificuldades opostas pela burguesia estão sendo bombardeadas pelos socialistas até [que] a bastilha educacional seja totalmente destruída. Ora bem se vê que o problema educacional, como a burguesia coloca é pura demagogia, porque os recursos postos à disposição para tais fins, são pequenos e insuficientes, mesmo para mostrar parte da população escolar da classe média, quanto mais do proletariado. É a burguesia não age assim, sendo por instinto de casta, para assegurar aos seus direitos de camaradagem a política do país. O espírito de fraternidade humana não existe e aos preconceitos, de raça bem que persistem na cúpula lutando para se impor, não como na América do Norte, mas como entre nós mesmo, econômica e social. Os negros e os mulatos lutam para conquistar “um lugar ao sol”, graças a perseverança e a inteligência de que são possuídos. Para conseguirmos a democratização do ensino no Brasil não é tarefa fácil, como podem a primeira V. S. a entender alguns. Temos que partir de reformas econômicas que possibilitem meios financeiros, e destruir a separação que existe no ensino, entre os ricos e os pobres. Entre os estabelecimentos para a granfinagem e os criados pelo poder Público para as vítimas do próprio sistema capitalista. Democratização e igualdade de direitos e deveres, para que todos tenham a mesma oportunidade de se educar, instruir e viver, como seres humanos participem das conquistas da civilização. E no Brasil não existe isso. O socialistas formulando as bases de sua luta, dentro desses princípios, evidentemente querem a democratização da cultura e a abolição dos privilégios e das classes nocivas à humanidade (DANTAS, 1948, p. 01).

Considerando que a “Gazeta Socialista” foi criada como órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro, em Sergipe, é importante esclarecer que esta investigação direcionou suas lentes para o que foi publicado no jornal a respeito do universo educacional e estudantil, sem se preocupar com o teor político das publicações.

Na trilha por informações sobre o jornal, surgiu dentro das páginas do próprio jornal a significação ou origem de um verbete do seu título:

“Gazeta” era o nome de uma pequena moeda em curso na República de Veneza no século XVI. Logo que Guttenberg inventou a imprensa, começaram a ser publicadas em várias cidades alemãs e italianas, folhas volantes com informações comerciais e meteorológicas. Em Veneza essas folhas custavam então uma “Gazeta” e acabaram por tomar este nome, adotado também na França, quando no século XVII, foi dado à luz o primeiro jornal francês (GAZETA SOCIALISTA, 1951, p.01).

A “Gazeta Socialista” foi posta em circulação como órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro, o que foi divulgado pelo próprio jornal, em seu primeiro exemplar. Na ilustração, o texto escrito, dentro do espaço destacado, do lado direito pode-se ler: “Gazeta Socialista não precisa de apresentação. Em sendo, como o é, órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro em Sergipe, concluem-se daí as diretrizes de sua luta”. (DANTAS, 1948, p.1). O texto segue esclarecendo sobre o principal foco de combate do jornal e concluiu:

Não entendemos OBJETIVO SOCIALISTA, sem a defesa intransigente dos problemas do proletariado e do povo para as soluções permanentes e estáveis, como também não compreendemos DEMOCRACIA sem a participação direta das amplas massas. Por isto que a nossa luta baseada nos anseios do proletariado e do povo. Com tais auspícios, “Gazeta Socialista” apresenta-se na imprensa sergipana, suscitando dos seus leitores o debate dos nossos problemas, pelas suas colunas de informação, doutrina, divulgação e análise dos fatos (DANTAS, 1948, p.01).

No lado esquerdo, acima, constavam o ano, o número da publicação e o órgão editor. Na outra margem, apresentavam-se os nomes dos dirigentes (figura 3).



Figura 3: Primeira folha da edição número um da “Gazeta Socialista”.

Exemplar do dia 15 de maio de 1948.

Acervo: APES.

Afeito a dividendos públicos e também políticos, o objeto dessa análise representa a idéia de um grupo ou pessoa que estabelece a sua força e influencia a sociedade. Ele “[...] surge como uma seqüência de novas leituras do passado, plena de perdas e ressurreições, falhas de memória e revisões” (LE GOFF, 2003, p.28). Novas leituras e interpretações surgem a partir das fontes da imprensa escrita. Elas dão o seu testemunho em alguns momentos de silêncio de outros registros. Os jornais participam do cotidiano, registrando os fatos imediatamente.

Ao entrar em circulação, em quinze de maio de 1948 a “Gazeta Socialista” possuía o seguinte grupo diretivo: Orlando Vieira Dantas e Antônio Garcia Filho, tendo como gerente José Francisco dos Santos. A edição número um apresentou esses dois nomes como membros da direção, mas o jornal possuía ainda os seguintes colaboradores: José de Freitas Leitão, Humberto Rocha, Emilton José dos Santos, Antônio Rodrigues de Melo, Manuel Ferreira Santos e Hildebrando Souza Lima.¹⁶

A publicação de uma obra conta com a participação de vários agentes quer seja um livro, uma revista e também um jornal: “O processo de publicação, seja lá qual for sua modalidade, é sempre um processo coletivo que requer numerosos atores [...]” (CHARTIER, 2008, p. 13). Curiosamente, um jornal com tantos colaboradores não apresentava assinantes na maioria dos artigos publicados, com exceção de Orlando Dantas que assinou todos os artigos de duas séries – uma sobre o partido e outra sobre aspectos da economia sergipana. Eram textos grandes e destacados que ocupavam a maior parte da primeira página, em geral.

A ausência de assinatura nos artigos causou um pouco de dificuldade, pois, segundo Iêda Dantas Brandão, o próprio Orlando Dantas autorizava que os artigos fossem publicados e ele responderia pelas consequências: “Tudo o que tivesse errado, ele denunciava no jornal. Ele denunciava e tinha isso, quando o artigo era assinado, muito bem, se não assinassem e tivesse qualquer coisa ele era responsável”.¹⁷ Partindo deste entendimento, muitos textos do ano de 1948 são tratados, neste trabalho, como de autoria de Orlando Dantas. Segundo o próprio jornal, sua redação estava situada no centro da cidade de Aracaju – SE.

Os membros da direção da “Gazeta Socialista” também compunham a comissão estadual do Partido Socialista Brasileiro, responsável pela editoração do jornal.

¹⁶ Essa foi a mesa diretora registrada na primeira folha do jornal em maio de 1948.

¹⁷ Segundo a entrevistada, devido à sua postura, Orlando Dantas assumia a responsabilidade das publicações caso houvesse algum problema.

Orlando Dantas, Antônio Garcia Filho. José de Freitas, Humberto Rocha, Emilton José dos Santos, Antônio Rodrigues de Oliveira, José Francisco Santos, Antônio Carlos da Conceição, Humberto Moura, Manoel Laudelino de Melo, Manuel Ferreira Santos, Hildebrando Souza Lima (DANTAS, 1948, p. 04).

Até o primeiro ano de funcionamento, o jornal fez solicitações para que os membros do partido contribuíssem mensalmente com o órgão e também pediu à sociedade uma contribuição financeira através da assinatura: “Gazeta Socialista precisa de seu auxílio – Faça uma assinatura hoje mesmo. Cr\$ 050,00 mensais” (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p.04). Ainda nesse ano, o preço do exemplar aumentou para Cr\$ 1,00 (um cruzeiro), (figura 4):

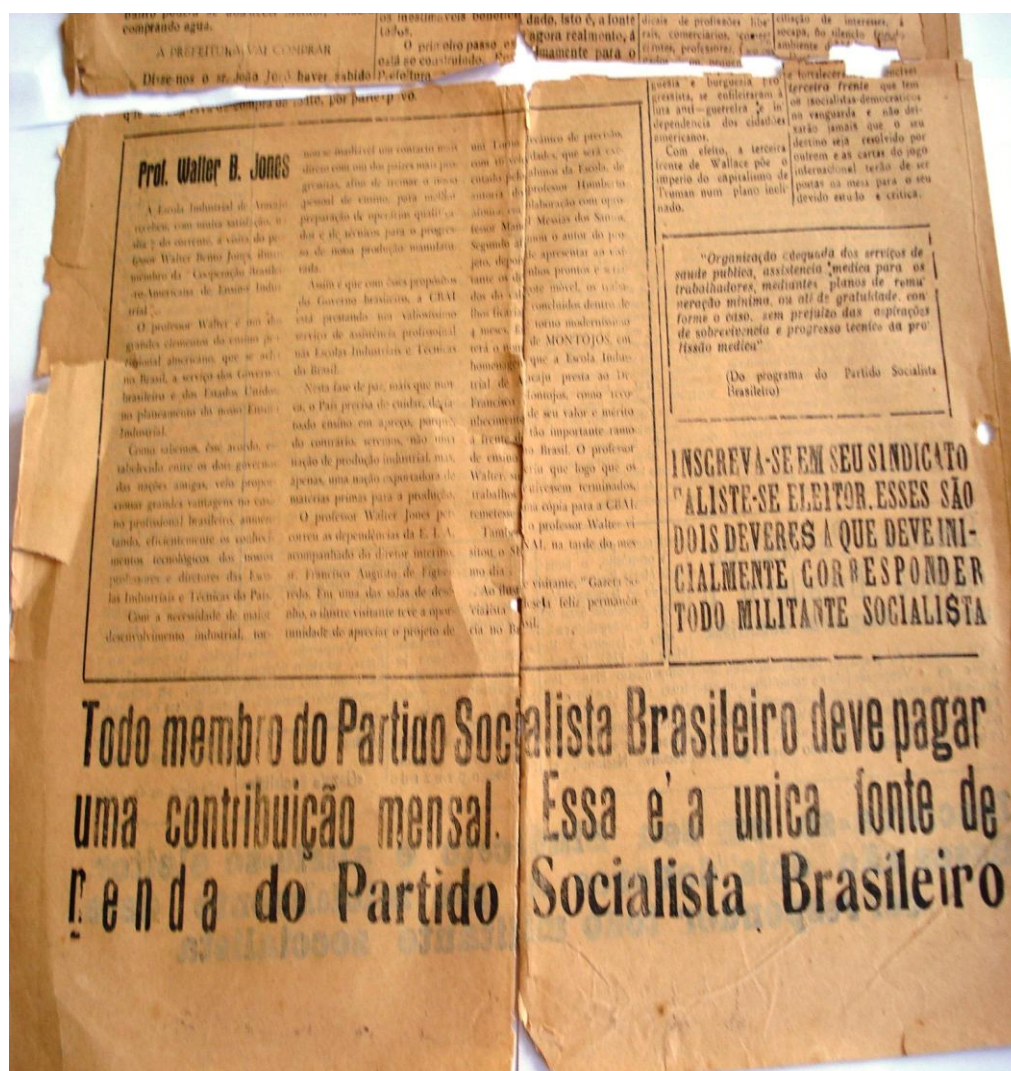


Figura 4: Comunicado do Partido Socialista Brasileiro aos seus membros. 15 de maio de 1948.

Acervo: Arquivo Público do Estado de Sergipe.

As folhas possuíam uma formatação desalinhada, com notas iniciadas na primeira folha continuadas nas folhas seguintes, dando a indicação do número da página que encerrava o texto. O jornal inteiro era composto por quatro páginas. Na primeira folha, o título, centralizado. Do lado esquerdo, junto ao título do jornal, constavam o ano, o número e o órgão responsável pela publicação. No quadro localizado à direita, o jornal dizia que não precisava ser apresentado, pois era o órgão oficial do Partido Socialista Brasileiro.

Até o mês de agosto do ano de sua criação, o jornal manteve a mesma mesa diretora; porém, a partir do mês de setembro, o nome de Orlando Dantas deixou de compor a equipe, devido aos seus compromissos políticos. Os nomes que passaram a figurar no comando da “Gazeta” foram: Antônio Garcia Filho, Manuel Ferreira dos Santos e Emilton José dos Santos, diretor, secretário e gerente, respectivamente.

Durante os anos 50 do século XX, Orlando Dantas foi eleito deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro. Talvez esteja aí a resposta para algumas questões como as mudanças ocorridas na direção do jornal e até mesmo pelo seu fechamento no ano de 1952;

A primeira Gazeta Socialista foi criada em 1948, quando Orlando Dantas era Deputado Estadual, eleito pela lista Esquerda Democrática, embrião do Partido Socialista Brasileiro e funcionou até 1952. Era um órgão partidário e sua atuação certamente ajudou a eleger Orlando Dantas deputado federal, na eleição de 1950. As constantes viagens do deputado e sua presença obrigatória no Rio de Janeiro respondem pelo fechamento do jornal, reaberto, em sua Segunda fase, somente em 13 de Janeiro de 1956 (BARRETO; s.n.t.s/d. DIGITADO).

Durante todo o ano de 1948, algumas edições apresentavam, no alto da folha, acima do título, os seguintes dizeres, “Socialismo e liberdade”, o que ocorreu, principalmente, a partir do segundo semestre.

A folha de número quatro era sempre reservada para as notícias do PSB, (figura 5):



Figura 5: Espaço destinado às notícias do Partido Socialista Brasileiro. 15 de maio de 1948. Acervo: APES.

O fato de possuir um espaço reservado para o noticiário do Partido, as informações sobre o PSB não se restringia apenas a essa seção. Por todo o jornal, notícias sobre o partido eram divulgadas.

O jornal funcionou em duas fases, a primeira de quinze de maio de 1948 até dezembro de 1952; e a segunda fase, de treze de janeiro de 1956 até meados de junho de 1958, quando o matutino passou a circular com o título de “Gazeta de Sergipe”.

No início da circulação se declarou partidário, mas imparcial:

A Gazeta Socialista reaparece com um programa de ação amplo, não obstante ser um jornal partidário. Sem facciosismos, proporcionará ao público sergipano um noticiário abundante, imparcial e completo, trazendo, assim, os seus leitores informados do que se passa em todos os setores da vida social, política econômica e financeira do Estado (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p.1).

Paradoxalmente, foi entre os anos de 1956 e 1958 que o jornal foi muito mais partidário e agressivo; empreendendo críticas ao governo, fazendo denúncias e ironizando os adversários da maneira que considerou mais pertinente.

A edição de número um, de 1948, fez a apresentação do partido na primeira folha, e nas outras três, seguiu fazendo referências ao partido e ao seu principal representante em Sergipe, Orlando Dantas. Durante o ano de 1948, o jornal também divulgou os princípios do Partido Socialista Brasileiro (anexo IV), para conhecimento da população. Entretanto, já na última folha, começou a divulgação dos problemas de infra-estrutura da cidade.

Indefinido em seu formato, o jornal não apresentava seções divididas, à exceção do espaço reservado na página quatro para o Partido Socialista Brasileiro, com o título de “Noticiário do Partido Socialista Brasileiro”. Tal formato foi explicado por Barreto:¹⁸ Os jornais eram feitos com tipos móveis e não tinham uma característica de jornalismo”.¹⁹ A “Gazeta” ganhou uma nova formatação a partir de 1970: “Quem melhorou a feição gráfica do jornal fui eu quando retornei do Rio de Janeiro na década de 70 [1970]”.²⁰ Devido a ausência de organização, a maioria das notas era publicada aleatoriamente exceto os editoriais do primeiro ano de circulação que sempre discutiam problemas referentes à economia ou apresentavam opiniões e propostas do partido.

¹⁸ Cf. BARRETO, Luiz Antônio. 2009. Op. Cit.

¹⁹ Cf. BARRETO, Luiz Antônio. 2009. Op. Cit.

²⁰ Cf. BARRETO, Luiz Antônio. 2009. Op. Cit.

Constantes também foram as notas de cunho sindicalista que talvez tenha sido uma estratégia criada pelo jornal para conseguir a simpatia de muitos trabalhadores do setor industrial, pois, segundo Dantas (2004) o jornal não tinha muito prestígio junto ao grupo.

Orlando Dantas, principal mantenedor do jornal esteve na direção do grupo cada vez que estava afastado das atividades no legislativo estadual e federal, ou seja, entre 1946 e 1951.

O formato do jornal se modificou muito a partir do ano de 1956. Aquele modelo apresentado como primeira edição do jornal cedeu lugar para o formato demonstrado na figura 6:



Figura 6: Edição do dia treze de janeiro de 1956.
Acervo: BPED.

O título do matutino flutuou na folha e conquistou um lugar menos destacado em relação ao primeiro número de 1948, mas permaneceu no alto da folha e logo abaixo, os nomes dos dirigentes.

A apresentação gráfica e circulação variaram entre as duas fases: o modelo composto por quatro páginas tinha uma circulação, depois passou a circular duas vezes durante a semana, mantendo o quarteto de folhas. A partir de 1956, saía três vezes por semana, levando ao público um volume de seis páginas e uma variação maior de colunas.

Entre as colunas havia “Gazeta na Sociedade”, criada em 1950, com feição humorística, contendo também, curiosidades (figura 7):

Gazeta Socialista

«GAZETA» NA SOCIEDADE

BOAS MANEIRAS

Fazer, reamada de joias, uma visita sem importância, não passa de um alarde de ostentação e de vaidade. É mesmo muito mais elegante e aconselhável, a sobriedade.

RIA SE QUIZER

A visita : — A sua patroa está ?

A criada : — Não, senhora, saiu.

A visita : — Onde foi ?

A criada : — Faça o favor de esperar um pouco, que vou perguntar-lhe.

PENSAMENTO

— A der conta os segundos : a felicidade esquece as horas.

Do Finot.

Aniversarios

DIA 2

Completoou anos o sr. Joaquim de Calazans, funcionario publico.

DIA 4— Viu passar mais uma primavera a snta. Genelice Cruz, funcionaria da Delegacia Regional do SESC.

—Aniversariou o sr. Higliberto Couto Junior, residente em Maceió.

—Completoou anos o sr. Carlos Matos, competente tipografo do "Sergipe Jornal".

O aniversariante foi alvo de manifestação de simpatia por parte dos seus colegas e amigos.

mavers; a professora d. Celita de Brito Soares.

DIA 10— Completoou anos o Coronel Freitas Brandão, ex-Interventor Federal em nosso Estado.

—Passou a data de aniversario do sr. João Vieira, funcionario da "Cisla".

—Deflui mais uma primavera, da snta. Maria Auxiliadora, filha de d. Dalila Garcia Ramos.

DIA 11— Completaram anos o goroto Francisco Leite, filho do dr. Francisco Leite Filho; O garoto Honorato Nunes Neto, filho do sr. Pedro Nunes; e o sr. Ariquermes Matos.

Fab Con

A PAD
despedin
cionarios
não paga
mente co
merciario
emprega
para bur
pregados
Firma q
ano de t
antes de
são desp
ma não
maior pa
exigido
maiores
ca naqu
tuem f
Leis Tr
A FAE
tria de o
do os
inclusão
circulaç
cedulas
Mercado
desta for
rios que
minuidos
é que di
recusada
bem não
brica qu
curam a
E some
das disc
guem os
brica ad
foram p

Figura 7: Coluna "Gazeta na Sociedade" de 1949.
Acervo: BPED

Outro exemplo foi a coluna “Lar e Sociedade” por onde, em 1956, eram discutidos os problemas e acontecimentos sociais tendo como colaborador Wellington Elias: (figura 8).



Figura 8: Coluna “Lar e Sociedade”, de 1958.
Acervo: BPED.

Outra variação ocorreu com o espaço onde eram divulgadas as notícias do PSB. Antes ocupavam a metade da folha; posteriormente, foram reduzidas a uma coluna

estreita, mas situada no alto da página. O nome do espaço também sofreu uma brusca modificação o que antes era anunciado como “Noticiário do Partido Socialista Brasileiro”, exclusivo para as notícias do PSB, passou a ser posto como “Panorama Político”, (figura 9) e então, incluíam-se não apenas o que se referia ao PSB, mas tudo que se referisse à política na cidade e no interior do Estado.



Figura 9: Coluna “Panorama político”, 1956.

Acervo: BPED.

Note-se que o jornal era agora composto por seis páginas. As colunas “Buraco de fechadura” e “Papel carbono” também foram espaços criados na “Gazeta” para divulgação de temas variados, inclusive da opinião do jornal. A coluna “Buraco de fechadura”, por exemplo, foi criada em 1956, com o objetivo de manter a sociedade informada a respeito dos principais acontecimentos do meio. Ocorreu que os textos, com contornos, semelhantes também foram publicados em outras seções e a coluna “Papel carbono”, criada em 1958, sempre aparecia na quarta página, variando poucas vezes, (figuras 10 e 11).

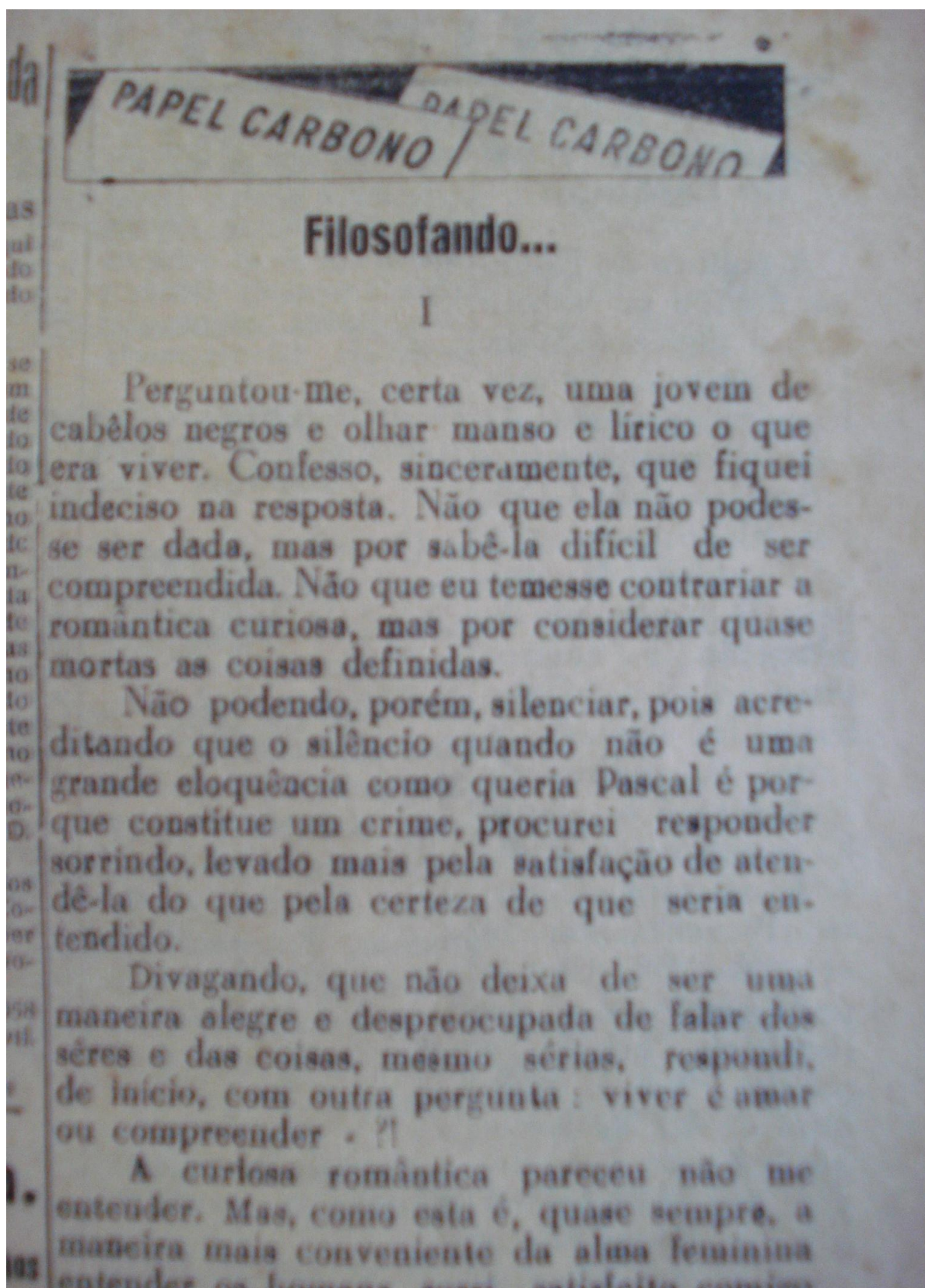


Figura 10: Coluna "Papel carbono", 1958.
Acervo: IHGS.

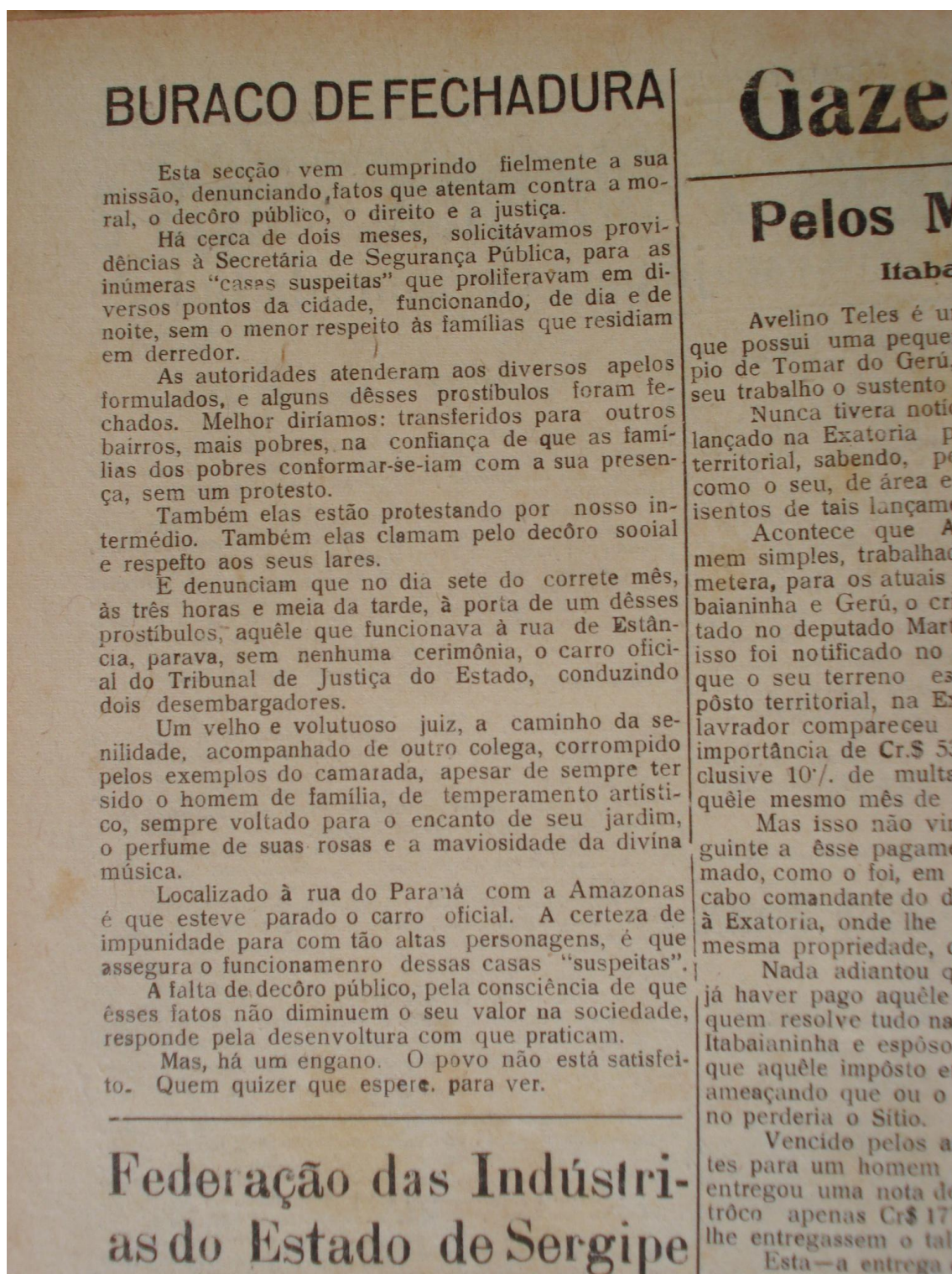


Figura 11: Coluna “Buraco de fechadura”, 1956.
Acervo: IHGS.

Além dessas, havia espaços destinados a divulgar os fatos ocorridos nos municípios com o título de “A Vida nos municípios” – cujo título anterior era “Pelos municípios” e “Espelho da cidade”²¹.

²¹ Vide anexos

Em sua totalidade, as edições se debruçavam mais sobre o universo político. Durante o ano de 1958, o jornal se empenhou na campanha para eleger Orlando Dantas prefeito de Aracaju e, entre os grandes textos de depreciação dos adversários, foram postos textos variados mais resumidos e outros de apologia ao candidato a prefeito, (figura 13). O resultado não foi favorável ao representante socialista. A campanha no jornal tentou convencer os eleitores através de publicações como:



Figura 12: Campanha em favor da eleição de Orlando Dantas para prefeito da cidade de Aracaju em 1958.

Acervo: IHGS.

Em Aracaju, o grupo jornalístico representado por essa “Gazeta” tinha o claro objetivo de traduzir o sentimento do povo sergipano. Esse foi o argumento utilizado pelo Partido Socialista Brasileiro, ao criar a “Gazeta Socialista”. Com essa preocupação, o Partido colocou o jornal à disposição da população no sentido de lutar por uma educação que o jornal chamava de “igualitária”. Assim fica evidente que:

Revestindo a sua atuação duma intencionalidade claramente educativa, o jornal punha em circulação uma série de matérias e assuntos que, em sua generalidade, não deixavam de compor uma

representação sobre suas idéias de reforma das condutas e dos costumes (FARIA FILHO, 2002, p. 135).

Nos anos de 1957 e 1958 não houve grandes alterações na formatação do jornal; entretanto, a partir de junho de 1958 o título foi transferido para “Gazeta de Sergipe”, (figura 13).



Figura 13: Folha do primeiro exemplar da “Gazeta de Sergipe”, 1958.
Acervo: APES.

O jornal adotou o título de “Gazeta de Sergipe”, e com ele circulou até o ano de 2003, quando encerrou as suas atividades.

Postos os perfis do jornal e do jornalista que o moveu, é necessário, pois, discutir o que motivou a pesquisa. As inclinações do jornal sobre a educação sergipana será a ocupação do capítulo que se segue.

CAPITULO III

As publicações na primeira fase da “Gazeta Socialista”

As escolas representam os grandes centros da intelectualidade, do conhecimento e do saber, podendo ser entendidas a partir da perspectiva de Chartier como “[...] representações coletivas, das aparelhagens e das categorias intelectuais [...]” (CHARTIER, 2002, p.33) e são levadas ao conhecimento da sociedade através da imprensa. As representações das escolas e da educação sergipana foram demonstradas através da imprensa. Veremos a seguir como essas representações foram colocadas através da “Gazeta Socialista”.

Dentro de um volume de vinte e oito edições do ano de 1948, dezoito exemplares apresentavam textos, que transcorriam sobre educação e/ou grupo estudantil. Foi possível localizar, entre eles, sete publicações que informavam sobre o ensino profissionalizante e técnico e cinco com informações sobre momentos festivos, envolvendo as inaugurações de cursos e o encerramento do ano letivo. A profissionalização da juventude foi muito destacada. Três números possuíam informações sobre instalações escolares do interior do Estado. O Instituto de Educação “Rui Barbosa” apareceu, lançando um convite para cerimônia festiva. Uma nota denunciou a necessidade de ampliação de um prédio escolar em um bairro da cidade, para assim atender à demanda e evitar transtornos de locomoção para o povo.

Os demais textos se inclinaram sobre temas como economia, política, esporte, notícias nacionais e internacionais, anúncios de produtos. O noticiário político e de economia ocupava quase a totalidade da página, ainda que fosse um texto apenas, sua extensão espremia as demais notas na folha. Diante disso, houve uma grande dificuldade em quantificar as publicações; assim, foi feita uma aproximação dos temas, em função da inconstância que ora apresentava uma quantidade de textos e ora apresentava outra.

Foi observado também que, além da total desorganização da formatação, as publicações também eram inconstantes. Numa visão geral, foi possível quantificar os temas mediante a representação gráfica (figura 15).

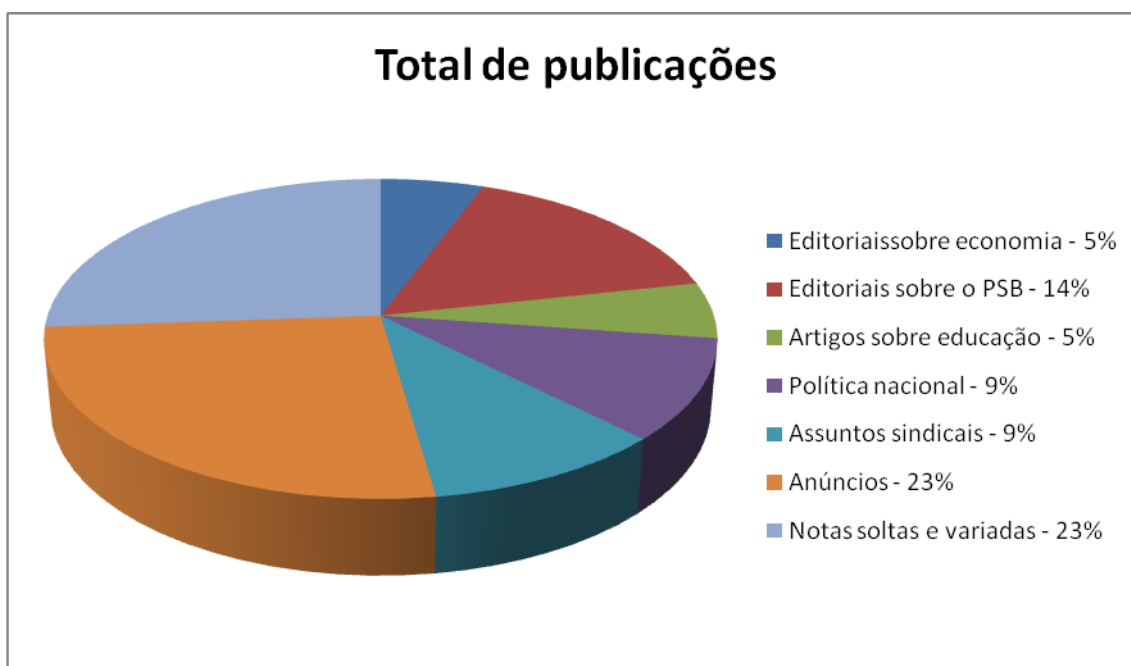


Figura 14: Gráfico das publicações do ano de 1948.

Embora estivesse seguindo a trilha educativa e se debruçando sobre textos com esta vertente, houve a necessidade de analisar alguns comunicados de teor político, pelo fato de informarem sobre a estrutura do jornal.

Dentro do volume analisado, informações relevantes foram extraídas do noticiário político do jornal, uma seção seriada, composta de quatorze volumes²² e publicada com o título de “Partido Socialista Brasileiro”, todos assinados por Orlando Dantas. O primeiro número da série continha informações sobre o Partido Socialista Brasileiro e seus princípios (anexo II). Na publicação de número XIV, o Partido declarou que a sua prioridade cultural²³ era a educação do povo (figura 16):

²² Vide anexos.

²³ Conforme transcrição das páginas 57 à 58 desse texto.

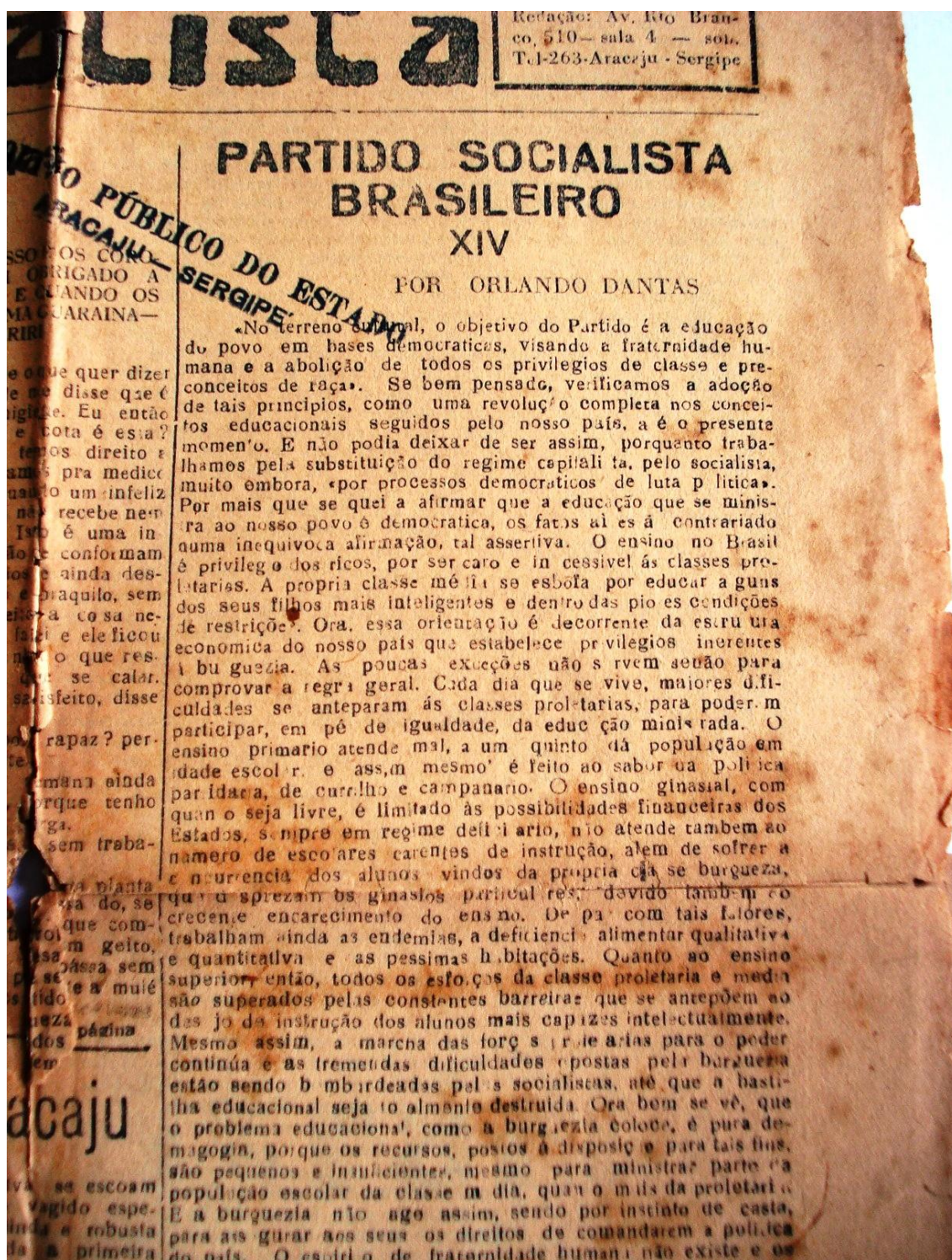


Figura 15: Texto do jornal que divulgou o princípio do PSB, na área cultural.

Edição do dia quatorze de agosto de 1948.

Acervo: APES.

Educação como prioridade também apareceu em uma pequena nota através da qual o Partido elucidou o seu programa na educação e na saúde. Pequenos textos com informações variadas apareceram esporadicamente, como por exemplo, notas sobre

registros de diplomas. Tais publicações não foram analisadas sob pena de resultar em reflexões fluidas e embaraçadas.

Durante o primeiro ano, três temas foram destaque na “Gazeta”: o ensino profissionalizante e técnico, as condições físicas de algumas escolas e o incentivo da luta pela transformação da sociedade. A “Gazeta” também foi enfática na publicação do programa do Partido Socialista Brasileiro, seu editor.

Instituições e pessoas também tiveram seus nomes acentuados, como a Escola Industrial de Aracaju e o Instituto de Educação “Rui Barbosa”, que apareceu uma vez no ano, com uma conceituação elevada, feita pelo jornal. O Curso de Desenho Técnico, oferecido pelo Professor Humberto Moura, dentro das dependências da redação do jornal, foi uma notícia destacada por três vezes, em edições diferentes. O informe do curso foi acompanhado pela conceituação do seu ministrante, Humberto Moura foi descrito pelo jornal como um homem de grandes “méritos morais e profissionais” (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p.01). Depreende-se assim, que valores pessoais também foram divulgados.

Entre os meses de maio e dezembro de 1948, foi localizada uma tiragem de trinta e dois exemplares, a partir dos quais, foi possível apreender o desenvolvimento do processo educacional sergipano, desse ano.

A partir do ano de 1949, houve uma pequena alteração dos temas publicados, próprio jornal, ora abordava mais sobre a política local, ora abordava apenas a política no âmbito nacional. As publicações sobre o ensino e a educação sergipana, foram muito inibidas, diante das demais, conforme ilustração 16:

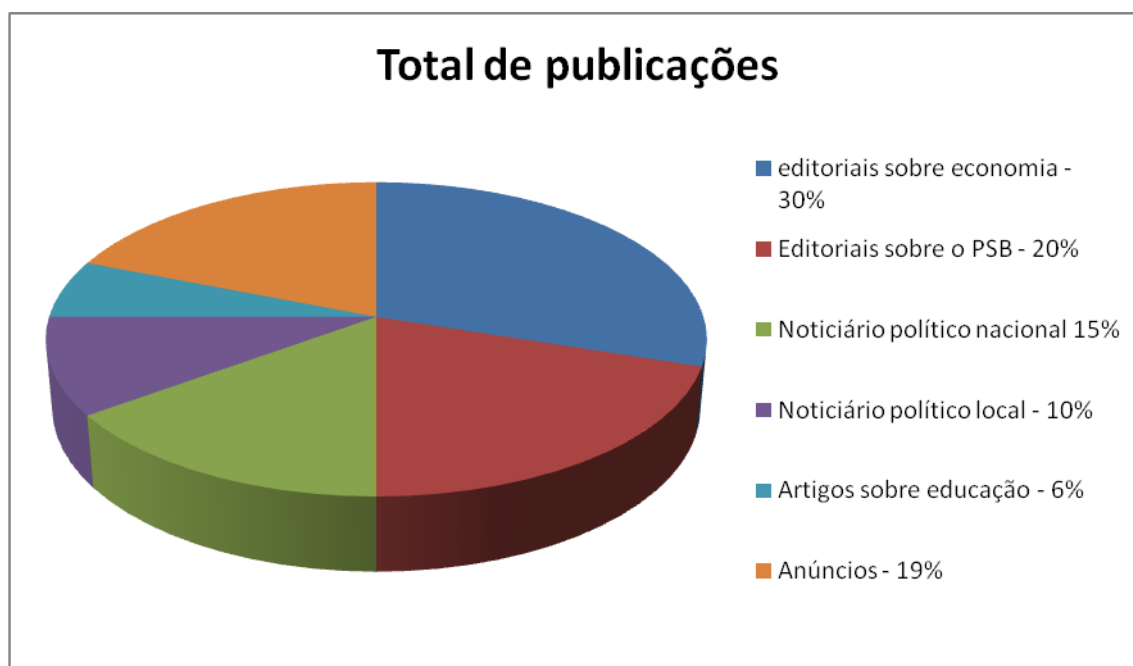


Figura 16: Gráfico das publicações do ano de 1949.

Um número expressivo de fontes referentes ao ano de 1949 foi localizado. Dos quarenta e oito jornais observados, apenas quinze depuseram sobre cursos técnicos, União Nacional dos estudantes, congressos estudantis, homenagens e escolas interioranas. Vale ressaltar que tais textos nunca eram publicados em edições sequenciadas; por vezes, eram discutidos dois ou três desses assuntos em uma edição para logo em seguida haver um silêncio em torno do assunto, e posteriormente, ressurgir, as vezes, dando sequência à mesma discussão.

Os meses entre janeiro e junho, nada depuseram sobre o tema que interessa à pesquisa; em geral, as publicações tratavam de política, economia e variedades.

Apesar de completar um ano de atividade no mês de maio de 1949, foi em fevereiro desse ano, que teve início o ano II do jornal. Entre os meses de fevereiro e junho não foi encontrado nenhum registro sobre o universo educacional. A ausência foi mais significativa, quando observada a sequência da tiragem: em vinte e oito números, não sequenciados, o texto mais freqüente foi o curso por correspondência, de um instituto suíço. O interesse pelas questões que envolviam os estudantes sergipanos ganhou notoriedade no jornal, a partir do mês de julho. Essa realidade impossibilitou a construção de gráficos que expusesse, por edição, o total de publicações acerca da educação.

Quarenta edições foram encontradas entre os meses de janeiro e novembro de 1950. Em trinta e três delas, foi possível situar elementos de análise. O movimento

estudantil, práticas culturais escolares, aniversários de alunos e professores, sugestão para a criação de unidades de ensino municipal, ensino religioso²⁴, foram os temas publicados. Ficaram fora de análise os textos sobre imprensa estudantil, o ensino religioso e o diretório acadêmico, devido ao fato de serem publicações isoladas, que apareceram uma vez no decorrer do ano, além de concorrerem para o fato de que “O excesso de notícias gera a mais extrema confusão e revela o caos de um mundo no qual nada é estável, nem o curso da natureza, nem o destino dos homens” (CHARTIER, 2008, p.145). Seguindo o entendimento do autor, na pesquisa também, o tema educacional foi silenciado em onze números não sequenciados. O noticiário político adquiriu o perfil de manchete, e dentro delas, eram publicadas as informações sobre o cenário nacional e local. Diante da dificuldade de agrupar os temas, a pesquisa tentou aproximar as seções. Vale ainda ressaltar sobre a apresentação disforme do periódico. Muitas edições não publicaram absolutamente nada sobre o ensino sergipano (figura 17).

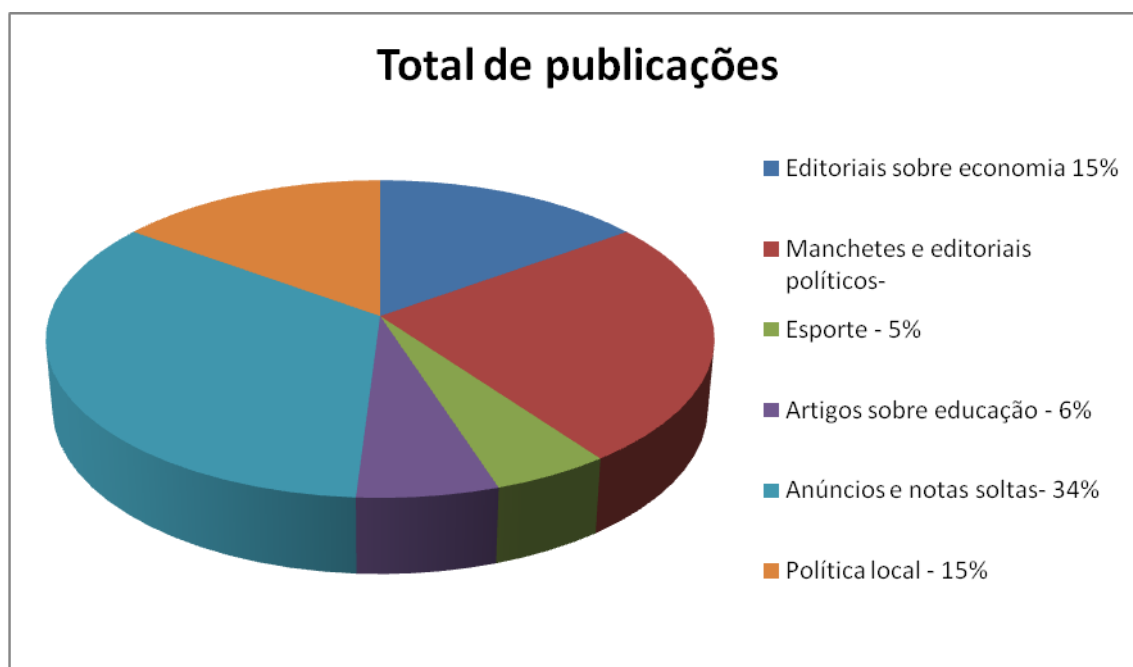


Figura 17: gráfico das publicações do ano de 1950.

²⁴ Sobre o ensino religioso, foi publicado, em maio de 1950, um texto, no qual o deputado Orlando Dantas fez críticas ao projeto enviado pelo executivo pedindo a criação de um cargo de orientador para o ensino religioso. O representante socialista, segundo o jornal, alegou que tal projeto era inconstitucional. O texto informou também que, durante o discurso, o deputado procurou seduzir outros componentes da Assembléia, no sentido de se colocarem contra a criação de tal cargo. Sobre esse assunto, o jornal divulgou apenas dois textos, através dos quais divulgou o pensamento socialista sobre o assunto. A fala do deputado Orlando Dantas, foi debatida duas edições posteriores. Não foi constatado, através do jornal, se o referido cargo chegou a ser criado.

Dentre os trinta e oito jornais encontrados referentes ao ano de 1951, vinte possuíam vinte e três textos informativos sobre as instituições de ensino e pessoas envolvidas na educação.

A União Sergipana dos Estudantes Secundários de Sergipe, festas, festivais estudantis, greve e congressos estudantis, além de instituições de ensino superior foram os principais temas publicados. Seis números não apresentaram nenhuma publicação relevante para a pesquisa.

O percentual das publicações do período foi muito semelhante ao ano anterior, conforme ilustração 18:

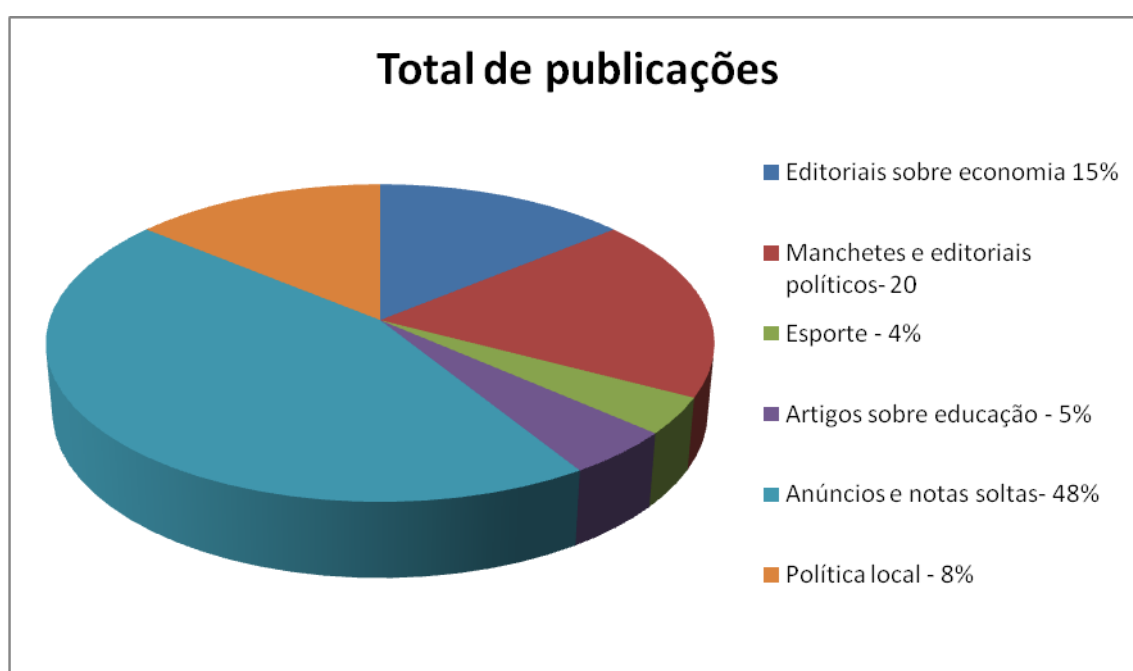


Figura 18: gráfico das publicações do ano de 1951.

Em 1952, apenas trinta edições serviram como fontes. Os sete textos presentes nelas, comentavam acerca de formaturas, diretório acadêmico, matrícula escolar e movimento estudantil, todos com análise empreendida. Note-se que, a partir desse ano, a tiragem passou a ser duas vezes por semana.

Neste período, em todas as fontes analisadas, foi significativa a presença de anúncios de produtos para a venda no comércio, sobretudo, a partir do mês de julho. Além da constante solicitação do jornal aos membros do Partido para contribuírem mensalmente, houve também o apelo à população para fazer assinatura. Uma redução no valor do impresso de 1,00 Crs para 0,50 centavos denuncia a necessidade de ampliação de clientela.

O quantitativo de anúncios aumentou significativamente, posto que as publicações de anúncios ocupavam duas páginas centrais. Depois dos anúncios, os assuntos de política também dominavam o espaço.

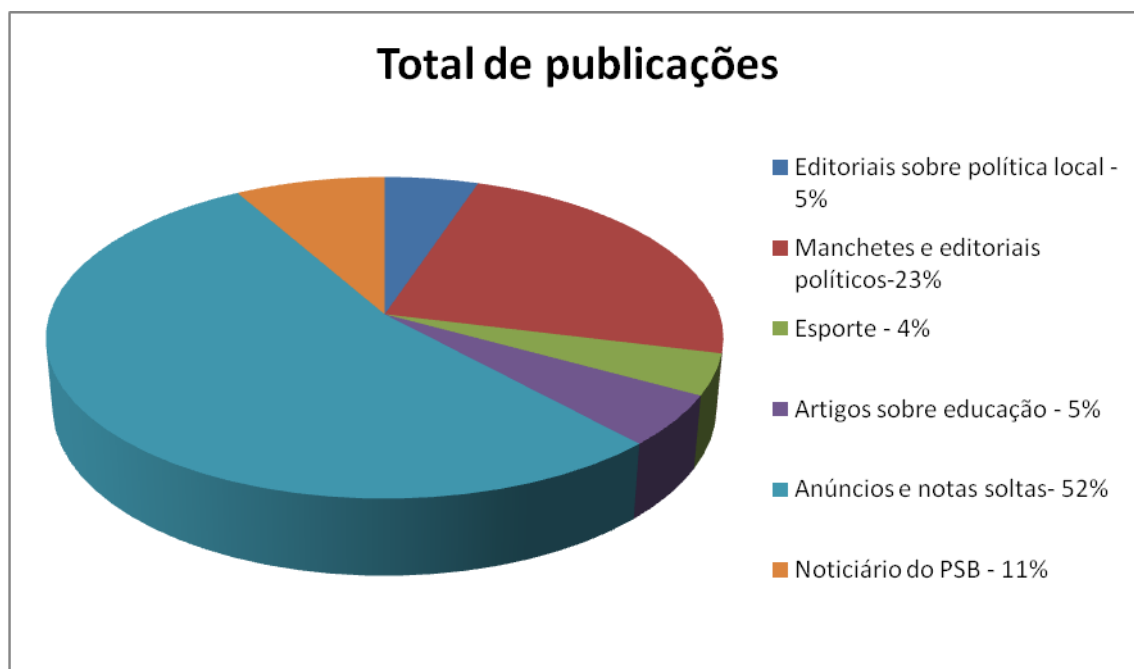


Figura 19: Gráfico das publicações do ano de 1952.

As manchetes políticas, mesmo quando publicadas um único texto, ocupavam mais de uma página, tratando do mesmo assunto e, em sua maioria, discutiam temáticas ligadas ao Partido Socialista Brasileiro.

Em duas das quatro páginas, que compunham o jornal, havia produtos dedicados à venda (figura 20), compilando o espaço da coluna “Idéias e notas religiosas”. A provável necessidade de arrecadação financeira talvez responda por esse fato, porque foi muito comum encontrar no jornal os seguintes dizeres: “Gazeta Socialista precisa do vosso auxílio”.



Figura 20: Página do jornal do mês de agosto de 1952. Acervo: IHGS.

Ao que se pôde observar, o jornal criou condições para a elevação do caixa, publicando, inclusive, textos bastante convidativos aos membros do PSB, para a contribuição com o jornal. Muito recorrente também foi o apelo para que a população em geral, para fazer uma assinatura.

O fim do ano de 1952 marcou o fim da primeira fase da “Gazeta Socialista”. A segunda fase teve início em janeiro de 1956.

As publicações na segunda fase da “Gazeta Socialista”

Entre 1956 e 1958, os textos referentes à educação tinham um caráter de denúncia e crítica muito mais contundente do que nos anos anteriores. Nos anos iniciais, apresentavam um caráter mais generalizado, discutindo a situação de Sergipe e do Brasil. Em 1956, foram divulgados textos que faziam severas críticas ao governo denunciando a situação em que se encontrava o ensino naquele momento. O ensino primário foi o principal alvo do jornal, mas não foram descurados assuntos referentes aos prédios escolares e civismo.

Em 1957, o conteúdo crítico ocupou o espaço no jornal de tal forma que, até mesmo nas colunas, eram diluídos conteúdos políticos. No ano seguinte, foi mantido o mesmo ritmo de publicações sobre o universo educativo; a política, por sua vez, apresentou uma continuidade dos dois anos anteriores. Das sessenta e duas edições da “Gazeta Socialista”, publicadas no período de janeiro a doze de junho de 1958, quinze delas diziam respeito ao cenário educacional; porém, a grande maioria fez críticas duríssimas à maneira de como o governo tratou os agentes inseridos no cenário educativo.

A mesma dificuldade em quantificar os textos da “Gazeta”, nas décadas anteriores, foi percebida entre 1956, 1957 e 1958, o que motivou a elaboração de um único gráfico para ilustrar as publicações desse período (gráfico 21):

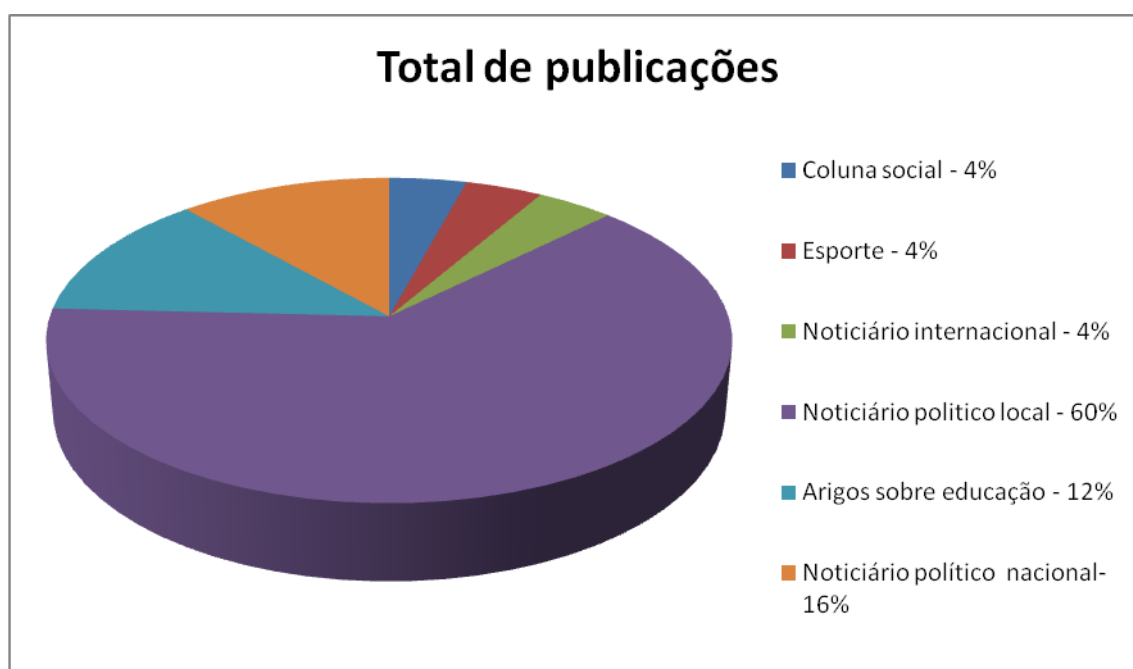


Figura 21: Gráfico das publicações dos anos de 1956/1957 e 1958.

O percentual dos textos sobre educação e/ou semelhantes apresentados no gráfico, foram publicadas de modo esparso no jornal, ou seja, muitas vezes foram incluídas em colunas que habitualmente discutiam outros temas, mas quando apareceram em outros espaços trouxeram argumentos fortes e fustigantes, revelando o quadro da época. Não houve uma sequência ou um espaço especialmente reservado para isso.

Em 1956, por exemplo, várias colunas figuraram no jornal, aparecendo em todas as edições regularmente; algumas delas, desde 1952, como é o caso da coluna “Buraco de fechadura”, apresentado os problemas e acontecimentos para o conhecimento público.

Os assuntos referentes à educação ganharam um lugar reservado aparecendo cerca de cinco vezes, tecendo mais críticas ao governo do estado ao denunciar a situação em que se encontrava o ensino público. O espaço circulou com o nome de “Educação e cultura”. Fora daí, outros textos se fizeram presentes de forma muito destacada em sua maioria, sem assinatura, não obstante um texto assinado por Núbia Marques de Azevedo, que foi colaboradora das duas “Gazetas” – a Socialista e Sergipe.

A defasagem foi muito grande; sobretudo, se comparado com os textos de teor político, que muitas vezes, tinham apenas uma publicação, mas era majoritária na página ou na edição. Desde o ano de 1952, a situação já demonstrava isso; entretanto, tornou-se mais evidente a partir de 1956, quando a preocupação em agredir o governo de Leandro Maciel, e enaltecer o PSB, foi mais forte. Além disso, houve também a campanha para tentar eleger Orlando Dantas como prefeito da cidade de Aracaju, em 1958. A crise econômica foi muito destacada durante o ano de 1958, mas o cenário político esteve prescrito nas entrelinhas.

A educação divulgada durante esses três últimos anos da “Gazeta Socialista” foi muito mais uma maneira de depreciar o governo do que apenas registrar acontecimentos e informar a sociedade; contudo, o fato de fazer denúncias e mostrar perplexidade diante da situação foi uma maneira encontrada pelo jornal para demonstrar à população, em geral que fazia parte de um grupo que não concordava com a situação política e econômica em que se encontrava o Estado. É uma clara demonstração de luta política, de detenção de armas para se manter no campo e tentar ganhar o jogo. Segundo Bourdieu (2005) as regras aparecem à medida que o jogo se desenvolve, cabe aos

agentes do campo perceber as oportunidades e tentar o equilíbrio. A imprensa demonstrou o seu poder simbólico, empreendendo o combate.

A seguir, passaremos a analisar as reportagens sobre educação a fim de anunciar as práticas escolares e estudantis, objeto de nosso estudo.

A educação sergipana na “Gazeta”

No movimento de escrever, apagar e reescrever, a pesquisa realizou uma releitura das fontes utilizadas para apreender os elementos discutidos no capítulo anterior.

Ao dar voz ao jornal, a pesquisa percebe também a sua capacidade de direcionar opiniões, as quais, muitas vezes, encontram-se imbuídas de determinados sentimentos, conclamando o apoio da sociedade em defesa de seus argumentos, apresentando-se como aquele que traduz a opinião pública: “O testemunho do jornal é apresentado como a própria opinião da sociedade, como a voz da opinião pública” (SANTOS, 2002, p.43). A imprensa ocupa um lugar especial na sociedade pelo que apresenta e representa. “A representação é aqui a demonstração de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou pessoa” (CHARTIER, 1990, p. 166). O viés informativo, acompanhado da noção de representação, transforma o texto jornalístico em importante contribuinte para a construção e reconstrução da atividade educativa no Brasil.

O ensino profissionalizante, a formação técnica e a defesa da necessidade de transformação da sociedade foram a tônica do jornal nos momentos iniciais de sua circulação. As críticas ao Estado também permearam as notas.

A “Gazeta Socialista” se propôs a contribuir para a formação e o apoio sócio-cultural em Sergipe, colocando-se à disposição do povo para ajuda em qualquer problema; nessa perspectiva, elegeu a educação como sua prioridade.

A sua primeira publicação sobre educação enfatizou a qualidade do ensino técnico realizado pela Escola Industrial de Aracaju²⁵. O argumento utilizado pelo jornal foi o de que este tipo de ensino traria maior desenvolvimento industrial para o Brasil, naquele momento. “Nesta fase de pás [paz], mais que nunca, o País precisa de cuidar de fato, do ensino em apreço, porque do contrário seremos, não uma nação de produção industrial, mas apenas uma nação exportadora” (DANTAS, 1948, p. 03). A divulgação do ensino profissionalizante destacava também nomes de profissionais da área, atribuindo valores aos professores das escolas e dos cursos elucidados. Como a Escola de Desenho Técnico:

Esta Escola está sobre a orientação do conhecido professor catedrático de Desenho Técnico Industrial de Aracaju Humberto Moura, que como

²⁵ Antiga Escola de Aprendizes e Artífices. Sobre essa escola consultar GRAÇA (2002).

conhecedor de desenhos Técnicos de máquinas. Carpintaria naval e arctetura, ele irá prestar um serviço incontestável aos operários de indústria (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p. 04).

Esta valorização insinua que os aprendizes se tornam instrumentos de transformação social, e como tais, estão sujeitos às “[...] leis de transformação do campo de produção econômica e as leis de transformação do campo de produção [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 130). Segundo Bourdieu, nesta situação, instituições como a família e a escola se tornam mais preponderantes à medida que a máquina econômica se amplia. Afirmou o jornal que, sem o ensino profissionalizante, a educação clássica causa prejuízos à educação que o jornal chama de “liberal”.

Nesta direção, o jornal destacou, em julho de 1948, a contribuição a ser prestada pelo Partido Socialista Brasileiro, com a inauguração de uma escola de desenho profissional. O curso, segundo a “Gazeta”, seria ministrado pelo professor Humberto Moura, sendo que as aulas aconteceriam durante a noite, pois a iniciativa visava atender às pessoas que trabalhavam durante o dia:

O Partido Socialista Brasileiro em cumprimento à sua linha política de luta pela melhoria de condição intelectual dos trabalhadores, inaugurará no mês de Setembro, uma escola de Desenho Profissional, gratuita para operários de diversas profissões, noturno, Av. Rio Branco, 510, sala 4, sobrado. As matérias a serem lecionadas são as seguintes: Rudimentos de geometria plana e no espaço; rudimentos de geometria descritiva e elementos de matemática; desenhos técnicos de Móveis, de Alvenaria, da Construção Civil, Carpintaria Naval e Mecânicos. O operário aprenderá desenho de acordo com a sua profissão acompanhado de matemática aplicada. Este curso ficará a cargo do professor Humberto da Silva Moura, catedrático da cadeira de Desenho de Móveis da Escola Industrial de Aracaju, que dada a sua grande experiência no setor profissional, prestará aos trabalhadores e a Sergipe um serviço patriótico inestimável (DANTAS, 1948, p.01).

A nota destacou a experiência do professor que também prestava serviços na Escola Industrial de Aracaju existente desde o ano de 1910. A divulgação do nome do professor e da escola, na qual trabalhava, revelou a tentativa de dar credibilidade ao curso que estava sendo criado. Segundo Graça (2002), a escola “Abrigava os jovens das camadas populares formando o pessoal técnico e artesãos de que necessitava a indústria local” (GRAÇA, 2002, p. 51). A publicação demonstrou que o jornal pretendia se tornar um instrumento de luta, no sentido de tentar diminuir as diferenças entre as classes sociais.

Apesar de não ter nenhuma preocupação com o posicionamento do Partido no tocante à educação em Sergipe, alguns elementos foram surgindo e não puderam escapar da análise pelo fato de se tratar de registros representativos do PSB, presentes no jornal, que retratavam a situação educacional do período. Seguindo este pensamento, é preciso observar que o professor citado, e tão bem qualificado, fazia parte do grupo jornalístico e, por conseguinte, estava inteiramente ligado ao grupo político que editava o jornal. A continuidade desta nota revelou esta situação:

O professor Humberto é sobejamente conhecido por todos em Sergipe pelos seus méritos morais e profissionais, e como jornalista, na defesa das reivindicações sócias da Pátria.

Trabalhadores! Procurai dar os seus nomes para a devida inscrição, ao Sr. José Francisco Santos, à Av. Rio Branco nº510 ou ao Professor Humberto à Rua Nobre de Lacerda, nº733 (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p. 01).

É claro o teor sindicalista presente na nota. Recém criado, o Partido Socialista Brasileiro vislumbrava a necessidade de estabelecer confiança, atrair simpatizantes e, provavelmente, atestar a sua capacidade de empreender transformações significativas dentro daquele contexto. Através de notícias como esta, percebem-se os conceitos de valor atribuídos aos professores e também às escolas. Se o professor era bem conceituado, notadamente, o curso teria toda a credibilidade no mercado de trabalho e os diplomas e/ou certificados emitidos pela instituição mantenedora do curso teriam fácil aceitação.

A escola voltou a ocupar as páginas do jornal no mês de setembro, quando aconteceu a sua inauguração. A nota foi publicada no dia quatro de setembro e o acontecimento aconteceria três dias depois:

Terá lugar, no dia 7 de setembro, à 19:00 a inauguração da Escola de desenho Técnico especializado para operários de diversas profissões, conforme foi anunciado nesta folha, à Av. rio Branco n.510, na sede do Partido Socialista Brasileiro. Cerca de 65 operários já se acham inscritos (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p. 01).

Não havia limite para o número de pessoas que poderiam se inscrever no curso. A divulgação do número de pessoas matriculadas permite a compreensão de que outras pessoas ainda poderiam se inscrever. É também uma forma interessante de estimular a participação popular, preparar tecnicamente pessoas para desempenhar determinadas funções, e também dotá-las da capacidade de produção de bens.

A constituição de um corpo cada vez mais numeroso e diferenciado de produtores e empresários de bens simbólicos cuja profissionalização faz com que passem a reconhecer exclusivamente um certo tipo de determinações como por exemplo os imperativos técnicos e as normas que definem as condições de acesso à profissão e de participação no meio (BOURDIEU, 2005, p.100).

Oferecer a formação técnica a um determinado grupo é torná-lo capaz de participar do meio e poder transformar o ambiente em quem vive, favorecendo o trabalhador e também o setor empresarial.

O grupo estudantil é um grupo que reflete a cultura escolar, uma cultura produtora de mentalidades “[...] a cultura só existe efetivamente sob forma de símbolos, de um conjunto de significantes/significados, de onde provém sua eficácia própria percepção dessa realidade segunda. Propriamente simbólica, que a cultura produz e inculca” (MICELLI, 2005, p. XIII). O jornal, critica, impõe, e move o capital cultural:

O que os indivíduos devem à escola é sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar problemas comuns (BOURDIEU, 2005, p. 207).

As escolas e suas práticas culturais são mantenedoras de lugares comuns, onde os indivíduos podem se socializar, discutir, especular e também construir outros “lugares-comuns”.

Na mesma edição, publicada em novembro de 1948, apareceu a notificação de uma atividade festiva do Instituto de Educação “Rui Barbosa”, principal instituição mantida pelo poder estadual visando a formação de professores para o curso primário. As festividades escolares são práticas culturais consideradas relevantes, para a criação e manutenção de lugares comuns:

Esteve em nossa redação uma Comissão composta de alunas do Instituto de Educação “Rui Barbosa”, a fim de nos convidar para visitarmos a exposição de trabalhos Manuais executados pelas alunas daquele modelar estabelecimento de ensino. A exposição deste ano promete obter o êxito dos anos anteriores e o Instituto de Educação “Rui Barbosa, por nosso intermédio convida as Exmas. Famílias de nossa Capital, para visitarem a exposição que terá início hoje as 16:30 hora em seu Edifício, encerrando-se amanhã domingo as 21 horas. Gratos pelo convite, formulamos votos de “boas provas” às alunas de hoje educadoras de amanhã (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p.03).

Devido à durabilidade do evento, nota-se a sua importância; em nome disso, é provável que a direção da escola tenha encaminhado convites e mesmo assim, as estudantes procuraram pelo jornal para divulgar e convidar a sociedade em geral.

Também apareceu, no mesmo exemplar, outro registro, notificando a realização da festa beneficente realizada pelos alunos do Curso de Desenho Técnico:

Esteve em nossa redação, a comissão organizadora da festa dançante em benefício do Curso Gratuito de Desenho Técnico para operários, que funciona na Av. Rio Branco, 510, sala 4, sob orientação do Professor Humberto da Silva Moura (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p.04).

Em sequência, a nota afirmou que a comissão, formada por alunos matriculados no referido curso havia se dirigido à redação para agradecer a colaboração prestada pelo jornal para a realização das festas em benefício do curso.

Ao final, o jornal lançou o convite à comunidade, em nome dos estudantes, para participar de mais uma festividade agendada para o mês seguinte.

Percorrendo os bairros da capital, detectou problemas. Alguns deles localizados no Bairro 18 do Forte:

O Bairro conta apenas com um Grupo e uma Escola Estadual, sendo que o primeiro leciona em dois turnos e a segunda em apenas um. Existem meninos estudando no Bairro Industrial e Siqueira Campos, deslocando-se assim para zonas distantes em virtude da deficiência de estabelecimento de ensino no bairro (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p.04).

O texto estabeleceu ainda algumas críticas quanto às instalações do prédio e quanto ao número de escolas da rede pública existentes para atender à demanda, protestando contra isso e defendendo as famílias que não podiam colocar os filhos na escola pública. O comunicado revelou a situação educacional naquele bairro, e, nesse sentido, apenas essa publicação, referente ao ano de 1948, foi localizada.

A predominância de registros referentes à educação tratava principalmente da aprendizagem profissional; porém, a “Gazeta Socialista” também lançou sua visão sobre o interior do Estado, revelando as condições de funcionamento do ensino público interiorano e registrou:

Vai ser construída no povoado Aguada, município de Carmópolis, uma Escola Rural. Tal notícia quando chegou ao conhecimento da população constituiu motivo para grande contentamento, alegria esta que deu lugar a descontentamento geral quando vieram os habitantes saber que a referida escola seria construída no logarejo denominado “Mocambo”. Tal descontentamento tem sua origem no fato de a

localização da escola dificultar o acesso à maior parte das crianças do povoado, residentes no centro e noutros logarejos mais populosos (GAZETA SOCIALISTA, 1948, p. 04).

A situação foi acompanhada pelo jornal, que divulgou, em números posteriores, mais notícias a respeito da construção da referida escola. No primeiro ano de funcionamento, este foi o único registro sobre escolas interioranas divulgado pelo jornal. Entre maio e dezembro de 1948, tudo o que foi publicado girou em torno dos cursos, visando a profissionalização do trabalhador.

Em janeiro de 1949, iniciou o período de circulação do jornal. Durante todo este ano, fez poucas publicações relacionadas às escolas ou estudantes. Foi a partir desta época que apareceu a divulgação de um curso por correspondência, do Instituto Brasil Suíça, uma filial do FERNTECHNIKUM WEILEN-MAN – Suíça;

Aprenda, por correspondência, uma das seguintes rendosas profissões:
- Curso de Preparação Industrial – Curso de Preparação Técnica -
Curso de Aperfeiçoamento para Torneiro Mecânico – Curso de
Aperfeiçoamento para Frezador Mecânico – Curso de
Aperfeiçoamento para Ajustador mecânico – Curso de
Aperfeiçoamento para Operador Mecânico (Retificadora, furadora, e
plainadora) – Curso de Mestria de oficina Mecânica – Curso de
Especialista em Motores de Automóveis – Curso de especialista de
desenho de Máquinas – Curso de Técnico em Construção de
Máquinas – Curso de Técnico-chefe de Produção (GAZETA
SOCIALISTA, 1949, p.04).

Ao final, a nota advertia que maiores informações deveriam ser obtidas com o Professor Manuel Messias dos Santos, na Rua Propriá, nº 393, na cidade de Aracaju²⁶. Devido à frequência com que este comunicado apareceu no jornal, foi possível compreender que, além dos estabelecimentos de formação técnica em Sergipe, os de fora do país também estiveram presentes na “Gazeta”. O aviso apareceu em todos os números dos meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio, e, posteriormente desapareceu, voltando a surgir meses depois; certamente, o sumiço teve suas razões na mera questão da capacidade de agrupamento dos textos na folha, porque outros registros ocuparam o espaço. Esse convite, para a participação e a organização de cursos com vistas a elevação social, correspondeu “[...] aos interesses materiais e simbólicos [...]” (BOURDIEU e PASSERON, 1975, p. 25), de um grupo ou uma sociedade.

O foco da “Gazeta” se direcionou também para o movimento e os manifestos estudantis, registrando e defendendo a realização de congressos.

²⁶ Não há maiores informações sobre o funcionamento deste curso.

A edição do dia vinte e dois de janeiro de 1948, discutiu o posicionamento do Ministro da Educação Clemente Mariani diante da ocupação da União Nacional dos Estudantes pelas forças policiais. O texto foi escrito pelo vereador Osório Borba do PSB do Distrito Federal e fez duras críticas ao pronunciamento do ministro que, logo após retornar de uma viagem, encontrou a situação de ocupação e considerou, segundo a nota, correto o posicionamento dos policiais, retirando logo em seguida tudo o que havia falado. Os textos de Osório Borba foram muito recorrentes no jornal durante o ano de 1949.

Além disso, propunha aos estudantes uma unidade em torno da qual deveriam se organizar e escolher seus representantes para junto às autoridades, resolver os seus problemas mais imediatos:

No sentido de unidade e organização de nossa juventude, a classe estudantil tem dado passos vigorosos, e os resultados tem sido animadores, de vez que têm concretizado importantes vitórias na solução de seus problemas. A mocidade estudantil sergipana, que tem um passado de lutas patrióticas e democráticas, ressenete-se ainda de sua falta de unidade e organização o que tem ocasionado o agravamento dos seus problemas, que vão se acumulando e dificultando em um maior e melhor desenvolvimento de classe (GAZETA SOCIALISTA, 1949, p.02).

O jornal argumentou que tal tipo de organização contribuiria para a eliminação de atrasos no desenvolvimento local. Provavelmente, essa solicitação aconteceu em decorrência da restrição feita pelo governo para a realização do Congresso Estudantil, fato que teve repercussão na Assembléia Legislativa, através do deputado Orlando Dantas.

O representante do Legislativo solicitou que à Assembléia Legislativa a exigência de explicações do Secretário de Segurança Pública a respeito da negativa. De acordo com o jornal, este foi um ato “[...] reacionário na formação da mentalidade estudantil [...]” (GAZETA SOCIALISTA, 1949, p.01). A cultura escolar é produtora de mentalidades, repleta de representações “[...] a representação transformada em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta” (CHARTIER, 2002, p. 100). O pedido de explicações foi negado; porém, a Assembléia apelou para o Secretário de Segurança Pública permitir o acontecimento. As notícias sobre esse congresso apareceram mais de uma vez no jornal, sob forma de protesto.

Outro congresso, que também chamou atenção da “Gazeta,” ou para o qual a “Gazeta” chamou a atenção, foi o II Congresso dos Estudantes Secundários de Sergipe,

que aconteceu no início do mês de outubro²⁷. A partir dessa realização, segundo o jornal, foi criada uma organização em torno da qual os estudantes se reuniram para deliberar sobre os problemas do grupo:

O II Congresso estudantil recentemente realizado nesta Capital aprovou uma vibrante “declaração de Princípio”. A “União Sergipana dos Estudantes Secundários”, órgão de classe fundado naquele cetame, fica em vista disto obrigada a pautar a sua ação dentro dos preceitos contido no Documento que dado a sua importância vai aqui transcrito (GAZETA SOCIALISTA, 1949, p.01).

Na seqüência, o texto do documento foi divulgado. Devido à quebra na seqüência das publicações²⁸, não é possível afirmar se esta organização foi instaurada a partir da sugestão feita através do jornal, no momento em que solicitou aos estudantes sergipanos se organizarem em torno de uma unidade. É necessário compreender que os campos devem estabelecer maneiras de lutar:

O que está em jogo no campo simbólico é, em última análise, o poder propriamente político, muito embora não existam puras relações de força a não ser mediatizadas por sistemas simbólicos que, ao mesmo tempo, tornam-nas visíveis e irreconhecíveis pois lhes conferem uma existência através de linguagens especiais encobrindo as condições objetivas e as bases materiais em que tal poder se funda (MICELLI, 2005, p. LV).

Uma organização, que consiga reunir um número expressivo de pessoas motivadas por interesses comuns, é detentora de forças simbólicas as quais são extremamente úteis nas relações de troca. Os congressos ocuparam páginas inteiras

A realização ou o impedimento deles representaram, para o jornal os acontecimentos mais relevantes no cenário estudantil do ano de 1949. Ainda, nesse ano, o jornal começou a destacar a realização de comemorações escolares, como o evento realizado pelo Colégio Estadual de Sergipe durante a comemoração do centenário de Ruy Barbosa:

O Colégio Estadual Ruy Barbosa, no dia 13 de novembro, prestou uma homenagem ao centenário de nascimento de Ruy Barbosa, o maior brasileiro morto.²⁹

A esse ato de profunda brasilidade, compareceram os representantes do Sr. Governador do estado, autoridades civis e militares, jornalistas, professores do Colégio outras instituições de ensino. Dr. Manuel Ribeiro, uma das maiores expressões da cultura sergipana, foi o conferencista de mais uma homenagem que se prestara em Sergipe e

²⁷ O jornal não indica a data precisa deste acontecimento.

²⁸ A quebra da seqüência, a que nos referimos, é a de publicação do mesmo assunto, pelo menos nesse assunto.

²⁹ A frase foi encontrada tal como está transcrita: “maior brasileiro morto”.

no Brasil, à memória do grande brasileiro que se tornou mundialmente conhecido (GAZETA SOCIALISTA, 1949, p.2).

Esse tipo de registro se tornou a essência de suas publicações na década seguinte quando o jornal registrou eventos festivos escolares com mais frequência e relevo.

O ano de 1950 foi marcado por algumas contribuições do jornal para a educação sergipana, embora seja necessário observar que, em alguns momentos, essa contribuição foi proveniente da ação partidária, responsável pela circulação do jornal.

Da mesma forma que prestou importantes contribuições, o jornal também operou mudanças na formatação das suas publicações. O nome de Antônio Garcia Filho, que podia ser compreendido como vice-presidente³⁰ do grupo, no início do ano de 1948, também desapareceu do corpo diretivo do jornal, dando lugar a José Francisco Santos, que, inicialmente, ocupava o cargo de gerente da empresa.

A partir desse ano o jornal começou a se apresentar com formato mais organizado em relação aos anos anteriores, mas ainda permaneceu bastante confuso, no sentido de situar o conteúdo completo do texto na mesma página, principalmente.

Um dos elementos fortes desta “organização” foi a abertura de espaços com vistas a publicações específicas, como é o caso da coluna “Vida estudantil” e “Gazeta na sociedade”, duas colunas por onde escoavam informações, exclusivamente sobre os estudantes, humor, aniversários, respectivamente.

Nesse ano, o jornal iniciou uma fase de grande apoio aos estudantes sergipanos e abriu uma coluna destinada apenas aos acontecimentos da classe estudantil. O jornal convidou os estudantes para prestarem a sua colaboração com o espaço aberto, em fevereiro, especialmente para os estudantes, com o título de “Vida Estudantil”, argumentando que a participação estudantil seria imprescindível para a manutenção da coluna:

Esta é uma seção que “Gazeta Socialista” manterá mensalmente destinada a indicar as mais importantes ocorrências relacionadas com o movimento estudantil local, nos nos furtaremos também a defesa dos moços sempre que torna necessário a nossa intervenção nesse sentido. Desta forma ficam os estudantes convidados a colaborarem neste caminho, pois sem esta colaboração nada poderemos fazer em benefício desta classe que sem tirara dos lábios o seu sorriso característico tanto sofre esquecida completamente pelos poderes competentes (GAZETA SOCIALISTA, 1950, pp.02-04).

³⁰ Definição nossa.

Duas manifestações se expressaram nessa nota – uma de apoio e outra de combate. A primeira saiu em socorro aos estudantes e, a segunda, marchou contra os responsáveis pela educação sergipana naquele momento. Foi um espaço pensado para ser divulgado mensalmente, enquanto o jornal tinha circulação semanal.

Esse espaço esteve presente nas páginas do jornal durante três meses consecutivos, desaparecendo completamente durante o restante do ano. A coluna “Vida estudantil” circulou regularmente durante os meses de fevereiro, março e abril. Provavelmente, deixou de receber contribuições dos estudantes e assim deixou de ser praticado, se concebermos o espaço dentro da perspectiva de Certeau (2008) que define como um lugar que deve ser praticado. Através desta coluna eram publicadas notícias relacionadas, ao universo educativo, nelas, principalmente sobre o Colégio Estadual de Sergipe e a União dos Estudantes Secundários de Sergipe:

Repercutiu da melhor maneira possível, tanto no meio dos professores como da classe estudantil a nomeação do Sr. Aristeu Aciole Carvalho Prata para o Colégio Estadual de Sergipe em substituição ao Sr. Hermano Mesquita Prata que há vários anos vinha exercendo aquela função. Ao novo fiscal da Bahia, desejamos muitas felicidades no desempenho das suas funções e que se torne um verdadeiro amigo da classe estudantil, com ela cooperando e ajudando na solução dos seus urgentes problemas (GAZETA SOCIALISTA, 1950, p.01-04).

As denúncias também marcaram presença na coluna:

O campo de educação física do Colégio Estadual de Sergipe sem dúvida alguma, um dos mais sérios problemas que afligem os estudantes daquele estabelecimento de ensino. Assunto que foi de dois Congressos Estudantis, já realizados neste estado, para nossa infelicidade, até agora não teve uma solução. O certo é que, os estudantes continuam sendo prejudicados pelo descuido dos responsáveis pela educação em nosso estado, permitindo que os alunos daquele colégio continuem fazendo educação física num campo que melhor poderia ser chamado de “chiqueiro” prejudicando destarte, a saúde dos alunos e reprovando aqueles que, mais esclarecidos não se submetem a fazer educação física em tal campo. (GAZETA SOCIALISTA, 1950, p.01-04).

Na coluna “Gazeta na Sociedade”, eram noticiadas as festas de formatura, aniversários de professores, de alunos e de instituições escolares, de conclusão de cursos, de formaturas e também era onde se localizava o quadro humorístico:

Acaba de concluir brilhantemente o curso ginásial no Instituto Pedagógico Ruy Barbosa nossa amiguinha Maria José Gomes da Silva. Os que fazem este órgão registraram com prazer o alegre

acontecimento. Augurando à distinta professoranda votos de prosperidade (GAZETA SOCIALISTA, 1950, p.04).

Outros acontecimentos também foram veiculados por esta coluna, porém os aniversários figuraram com mais frequência.

Houve, em março de 1950, o esforço para a criação de uma escola pela bancada socialista na Assembléia Estadual, cujo projeto de Lei foi divulgado na íntegra. A bancada socialista assim justificou sua atitude:

A criação do Colégio Municipal de Aracaju é uma necessidade realmente gritante para a população escolar de nossa Capital. Outras cidades de Estados do Brasil de menor índice cultural, possuem, há muito tempo, o seu Colégio, sendo que algumas, mais de um (GAZETA SOCIALISTA, 1950, p. 04).

Isto denota uma tentativa de transformação sócio-cultural, além de propiciar o que Pierre Bourdieu denomina como “O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos [...]” (BOURDIEU, 2005, p.102). “Bens simbólicos” que impõem sobre a sociedade outros símbolos e signos importantes que marcam o início de novas realidades, e essas legitimadas pela própria sociedade.

Esses bens simbólicos ou dão autenticidade ao *habitus* social que influencia ou recebe influência do *habitus* escolar. Neste ponto, a família, as escolas, a religião e os intelectuais emergem como elementos fortalecedores de “[...] princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações [...]” (BOURDIEU, 2005, p.33-34). Representações que são importantes para a indústria periódica, uma vez que a sua linguagem opera com intencionalidades. A tentativa de criar um colégio, demonstra, evidentemente, que os seus idealizadores estariam criando uma maneira de diminuir parte dos problemas da população.

O próprio órgão do Partido fez reverberar a questão conclamando os educadores sergipanos para discuti-la. Fácil compreender que o jornal tentou movimentar os profissionais da área no sentido de estabelecer uma mudança e ampliar o campo de atendimento educativo para a clientela:

Continuando a enquete que estamos promovendo, com os educadores sergipanos, sobre o Projeto apresentado pela bancada socialista na Câmara de Vereadores, criando o Colégio Municipal de Aracaju, publicamos hoje a impressão do professor Franco Freire, catedrático de inglês no Colégio Estadual de Sergipe e que também já exerceu as elevadas funções de Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado. Arguido pelo nosso repórter sobre o que pensa do Projeto, o conceituado mestre não exitou [hesitou] em atender-nos e foi logo respondendo:

-O projeto que cria o Colégio Municipal de Aracaju, apresentado à Câmara Municipal pelos vereadores socialistas, atende a uma das maiores necessidades atuais da Juventude sergipana, especialmente a juventude que é obrigada a trabalhar durante o dia para ajudar a família pobre, mais numerosa entre nós, como em toda parte e que mais aproveita com a gratuidade do ensino ministrado pelos poderes públicos (GAZETA SOCIALISTA, 1950, p.01).

O depoimento do professor entrevistado segue defendendo o direito de igualdade entre os jovens estudantes “As possibilidades de aprender a tirar do ensino as melhores vantagens existem em todos os jovens, nasçam ricos ou pobres” (GAZETA SOCIALISTA, 1950, p.01). Apesar do reflexo da indicação e dos apelos feitos pelo jornal para que população exigisse a aprovação do Projeto de Lei, não foi possível perceber se o colégio chegou a ser criado. Antes que encerrasse o ano, o jornal ainda se debruçou sobre os congressos estudantis e a atuação das forças policiais contra eles.

Durante o ano de 1951, os textos da “Gazeta Socialista” falaram sobre atividades relativas aos grêmios estudantis, faculdades, segundo o jornal, recém-criadas, como foi o caso da Faculdade de Direito de Sergipe. Outra presença marcante foi a União dos Estudantes Secundários de Sergipe- constante desde o ano anterior. Mas, em sua maioria, estes textos tratavam de atividades festivas que revelaram as práticas culturais escolares da época:

O Ginásio ‘Tobias Barreto’, engalou-se quinta-feira para homenagear o seu Diretor, professor Alcebiades Vilas-Boas, pela passagem do seu aniversário natalício. Houve missa pela manhã. A tarde, na hora aprazada, centenas de alunos, professores e famílias de destaque na sociedade, estavam presentes ao tradicional educandário para assistirem ao bem elaborado programa lítero-musical, cuidadosamente organizado pela comissão encarregada de promover a homenagem (GAZETA SOCIALISTA, 1951, p.04).

Além de homenagens como esta, o jornal divulgou também comemorações de novas diretorias de grêmios estudantis:

As 20 horas do dia 14 do corrente mês na sede da faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe, realizou-se a posse dos membros

recém-eleitos para o Diretório daquela faculdade, no período de 51, 52 reunião esta que foi presidida pelo Diretor do referido estabelecimento, Doutor João Araújo Monteiro (GAZETA SOCIALISTA, 1951, p.04).

Somam-se às inaugurações de ginásios, os recitais beneficentes, comemorações referentes ao dia do estudante, eleições para a escolha de representantes de beleza das escolas, ou seja, acontecimentos que mostraram práticas escolares, importantes para a construção e afirmação do sentimento coletivo estudantil:

Com grande entusiasmo os alunos da E.T.C.S, recebem o lançamento da campanha pro eleição da “Primeira Rainha da Escola Técnica de Comércio de Sergipe lançada pelo Grêmio Cultural “Gracho Cardoso” entidade daquele templo de Ensino, defendendo os interesses da Classe e dentro do possível proporcionando aos seus quadros momentos de alegria. Segundo apurou nossa reportagem, os estudantes escolherão por escrutínio secreto qual a colega que receberá o título de “Primeira rainha da escola Técnica do Comércio de Sergipe”. As apurações serão feitas de 3 em 3 dias, até o dia 18 do corrente, encerramento da eleição. (GAZETA SOCIALISTA, 1951, p.04).

A divulgação da festa reforça a idéia das práticas culturais escolares realizadas naquela época. “A escola Técnica de Comércio, criada para atender aos jovens trabalhadores. Era a única escola pública que funcionava em turno noturno. (GRAÇA, 2002, p.49). Esta escola atendia assim à demanda das camadas inferiores, pessoas que provavelmente incorporaram *habitus* por participarem dos movimentos culturais dessa natureza. Esta realização esteve presente ainda em outra publicação feita no mesmo mês de outubro.

As festas escolares são marcantes para as instituições, muitas delas foram ou são pensadas com o intuito de divertir, adequar, moldar e polir comportamentos, pois é dessa forma que o *habitus* se processa: moldando comportamentos. Não foi possível detectar através do jornal se a prática de eleger “rainhas” era comum em todas as escolas, posto que apenas a referenciada foi citada no jornal naquele ano.

As instituições de Ensino Superior e os ginásios escolares, também tiveram suas realizações publicadas:

Por motivo da inauguração das novas instalações do simpatizado Ginásio “Jackson de Figueiredo” os seus dedicados diretores Prof. Benedito Alves de Oliveira e a Prof^a. Judite de Oliveira ofereceram um coquetel à Imprensa sergipana, ontem 6^a feira, fazendo-se representar a Associação sergipana de Imprensa, “Correio de Aracaju”, Sergipe Jornal”, “Diário de Sergipe”, “A cruzada”, “O Nordeste”, “O debate”, “Rádio Difusora de Sergipe”, e “Gazeta Socialista” (GAZETA SOCIALISTA, 1951, p.04).

Sobre a Faculdade de Direito:

Ocorreu no dia 5 de março a posse do Dez. Dr. Otávio de Souza Leite, no cargo de diretor da recém-criada Faculdade de Direito de Sergipe, sendo este o primeiro ano de funcionamento dessa Casa de Ensino Superior, grande é a responsabilidade de S.s. pelo que lhe auguramos muitas felicidades ao mesmo tempo que fazemos votos pelo progresso da nova instituição (GAZETA SOCIALISTA, 1951, p.01).

Através das publicações analisadas foi possível perceber que o jornal registrou momentos e acontecimentos importantes no cenário sergipano; porém, durante períodos relativamente longos deixou de fazer publicações.

A “Gazeta Socialista” estimulou o aprendizado técnico e profissionalizante, fez a divulgação de cursos nesta direção, propôs a organização dos estudantes sergipanos em torno de um órgão central, denunciou as condições físicas de prédios escolares, não lançou o seu olhar sobre o que ocorria no interior do Estado, nada falando sobre o ensino interiorano.

O jornal procurou também olhar o ambiente estudantil em vários momentos e se dedicou à divulgação da realização de festas e comemorações. Dessa maneira, manteve-se durante todo o ano de 1951, mas também se colocou a favor dos estudantes diante da realização de seus congressos, como ficou divulgado nas edições dos dias vinte e um de julho e três de novembro e, neste último, o jornal divulgou a manifestação realizada pelos estudantes na cidade de Brasília que contou com a participação de quinhentos estudantes aproximadamente, pronunciando-se contra a proibição daqueles que haviam perdido vinte e cinco por cento das aulas de prestarem exame de segunda chamada. Em dezembro reclamou mais uma vez contra o enfrentamento entre policiais e estudantes durante a realização do IV Congresso dos estudantes.

Com tiragem semanal duplicada, a “Gazeta Socialista” começou a circular no dia dois de fevereiro de 1952. Ostentar o título destacado com a frase “socialismo e liberdade”³¹ subscrita. Uma pequena nota explicava que a circulação só estava se iniciando naquela data, porque houve um intervalo de um mês na produção para descanso de trabalho. Através da referida nota, fez cobranças:

Continuando o plano traçado no ano anterior, a partir desta semana cobraremos o primeiro trimestre do corrente ano, esperando contar mais uma vez com a boa vontade dos nossos assinantes. Aos nossos companheiros e amigos, deixamos aqui o nosso apelo no sentido de

³¹ Essa é a frase impressa na bandeira do PSB. Vide anexos.

enviarem notícias, assinaturas, anúncios e tudo o que possa concorrer para o nosso progresso (GAZETA SOCIALISTA, 1952, p.02).

Evidentes foram as dificuldades enfrentadas, contudo, as edições não anunciavam produtos de forma alarmante, o que passou a acontecer a partir do segundo semestre.

Um lamento, contendo a organização estudantil como tema, pontuou o início das publicações. A Faculdade de Direito, que havia se reunido para deliberar sobre a composição da unidade diretora que congregaria representantes de entidades do ensino superior sergipano, retirou-se. Diante da realidade de que a união foi desfeita:³²

A vida acadêmica sergipana, embora se inicie já demonstra a capacidade da nossa mocidade estudiosa, organizando-se para a conquista dos seus direitos. Após a realização do Congresso Nacional, teve lugar em nosso estado um conclave com temário previamente organizado, em o qual saíra unida a ilustre classe com eleição de uma Diretoria que representasse o pensamento de diversas Faculdades. Infelizmente a união foi desfeita, pois choques no Congresso, levaram a Faculdade de Direito a retirar-se do mesmo, negando-se inclusive de tomar parte na Diretoria. Não analisamos as razões do procedimento da Faculdade de Direito, em virtude de não estarmos capacitados para tanto, muito embora estejamos certos de que um movimento de classe que está no seu início, deve ter a cooperação de todos, para que possa se transformar numa força, capaz de vencer suas dificuldades (GAZETA SOCIALISTA, 1952, p.2).

A defesa de uma unidade estudantil também entre o alunado do ensino superior foi clara. A “Gazeta Socialista”, desde o ano de 1949, quando por intervenção da força policial, anunciou o impedimento da realização de congressos estudantis, passou a defender e incentivar a congregação dos estudantes em unidades, antes no ensino secundário e agora, no ensino superior.

O Grêmio Cultural “Gracho Cardoso”, da Escola Técnica de Comércio de Sergipe, que foi divulgado algumas vezes, durante o ano de 1950, teve um único registro em 1952, enfatizando a iniciativa do núcleo em favor dos estudantes:

O Grêmio Cultural “Gracho Cardoso”, entidade que congrega os estudantes da Escola Técnica de Comércio de Sergipe, dirigiu aos estudantes, professores e funcionários daquele estabelecimento a seguinte saudação:

SAUDAÇÃO:

‘Grêmio Cultural “Gracho Cardoso” – escola Técnica de Comércio de Sergipe

O Grêmio Cultural Gracho Cardoso, fiel aos seus princípios democráticos, tem a grata satisfação de saudar efusivamente os corpos

³² O jornal aproveitou o momento para registrar a posse da nova diretoria da União dos Estudantes Secundários de Sergipe, destacando os discursos proferidos na ocasião.

discente, docente e administrativo da gloriosa e querida Escola Técnica de Comércio de Sergipe, ao tempo e que reafirma suas posições de batalhar:

- a) pela democratização da cultura
- b) pelo abatimento de 50%
- c) por transporte após as aulas para cada bairro
- d) pelo máximo de cordialidade entre os estudantes, professores e corpo administrativo
- e) pelo respeito a personalidade dos estudantes
- f) pelo bom nome e elevação da querida e tradicional Escola Técnica de Comércio de Sergipe.

Tudo pela democratização do ensino...

Tudo por um Brasil forte...

A UNIÃO FAZ A FORÇA (GAZETA SOCIALISTA, 1952, p.4).

O texto não explicitou a opinião do jornal sobre o assunto; em contrapartida, a divulgação, na íntegra, denota o esforço desse periódico, incentivando as ações voltadas para a redução de problemas, inclusive, financeiros dos estudantes.

A manifestação de outro sentimento demonstrado pelo jornal apareceu através da notificação sobre a Escola Industrial de Aracaju, que pela primeira vez, apareceu na “Gazeta”, nesse ano:

A Escola Industrial da Aracaju, originalmente Escola de Aprendizes e Artífices, fora instituída em todas as capitais do país pelo presidente Nilo Peçanha, em 1909. Em Aracaju foi instalada em 1910, funcionando em tempo integral. Abrigava os jovens das camadas populares formando o pessoal técnico e artesãos de que necessitava a indústria local (GRAÇA, 2002, p.49).

No mês de março, o desabafo do professor Humberto Moura, sobre a localização, demanda e ampliação da referida escola revelou a força da representação desta unidade de ensino, tanto para a comunidade, para o próprio professor e também a “Gazeta”, que divulgou o desabafo do professor e reforçou as reclamações feitas. Um dos argumentos mais relevantes foi o seguinte:

Sergipe é dos Estados, respeitando as proporções, mais industrializados do Brasil. A finalidade das escolas de Ensino Industrial é preparar operários qualificados para a indústria. Ela, sem esse tipo de operário fracassa na sua produção e mão-de-obra. Portanto uma escola de profissional é um dos fatores de progresso na economia industrial do Estado.

Esses motivos levaram o Governo Federal a considerar, pelo Decreto Lei nº 27.433 de 17 de novembro de 1949, de utilidade pública para desapropriação, uma área de terra de 45.170m², pertencente a Fundação Manuel Cruz, suficiente para as novas instalações do edifício da Escola Industrial de Aracaju (MOURA, 1952,p.4).

Sobre a importância da profissionalização, Graça (2002) informa que a clientela dessa escola era originária da camada mais humilde da sociedade. A escola atendia também aos jovens advindos do interior do Estado que estudavam em regime integral.

Além de professor, membro do jornal e do Partido Socialista Brasileiro, Humberto Moura foi “[...] um dos intelectuais sergipanos que escreveu sobre assuntos educacionais [...]” (GRAÇA, 2002, p.69). Uma escola com uma posição relevante no meio aracajuano, durante a década de 50 do século XX, como a Escola Industrial de Aracaju, foi registrada uma vez apenas, porém sua aparição foi acompanhada por uma personalidade intelectualmente conhecida que reclamava benefícios à instituição, a fim de beneficiar, de maneira imediata, a população empobrecida.

A Escola Industrial de Aracaju era mantida pelo governo federal e seu prestígio social era menor do que outras escolas da época. Ainda assim, ela está inserida no quadro formulado por Graça (2002), sobre as escolas da época:

[...] foram responsáveis pela formação de intelectuais, políticos, homens de negócios, pequenos industriais, empregados qualificados, professores, donas-de-casa e outros tantos funcionários públicos e trabalhadores que se possa enquadrá-los numa classe média, são pessoas que, “na ordem de pobre”, sobrevivem sem muita dificuldade (GRAÇA, 2002, p.50).

Em um momento nacional de fomento ao desenvolvimentismo e industrialização, é natural que o corpo docente de uma escola tenha a preocupação de querer melhorias no atendimento à sua clientela, utilizando todos os meios possíveis para chamar a atenção para a situação e tentar dirimir os problemas.

A possibilidade de usar o espaço de um jornal dá visibilidade a uma tentativa de maior abrangência no domínio dos saberes e contribui para a aquisição de dispositivos que possibilitam o ser e estar no mundo, ou seja, o *habitus*, que segundo Micelli (2005) pode ser adquirido no convívio familiar, servindo como referência para a ação da escola:

[...] o *habitus* transformado pela ação escolar constitui o princípio de estruturação de todas as experiências ulteriores, incluindo desde recepção das mensagens produzidas pela indústria cultural até as experiências profissionais (MICELLI, 2005, p. XLVII).

Experiências, ou ao menos, capacitação profissional, era o que necessitava o aparelho industrial e comercial do período, para tanto seria então necessário a aquisição

de algumas disposições oferecidas através da capacitação e profissionalização. A “Gazeta” se esforçou nesta direção.

Desde o destacado protesto do professor Humberto Moura, os textos mais enfatizantes sobre o ensino sergipano apareceram durante o mês de junho, dando informações sobre o diretório acadêmico da Faculdade de Direito de Sergipe, a Escola de Corte e Costura da cidade de Riachuelo - SE. Sobre a Faculdade de Direito, o jornal divulgou o grupo vitorioso no pleito para a direção do Centro Acadêmico “Sílvio Romero” e fez a sua avaliação sobre o evento “A assembléia geral da eleição, presidida pelo professor Manuel Ribeiro, ocorreu dentro dos mais vivos princípios democráticos e da maior camaradagem estudantil” (GAZETA SOCIALISTA, 1952, p. 4). No momento em que se tratava de agremiações estudantis, a “Gazeta Socialista” sempre expressava o tom do evento – eleições de diretório – como um momento de congratulação, troca de afeto e confirmação do sentimento de união entre os estudantes. Pode-se entender que, nestes lugares, os participantes criavam seus espaços e representações, pois se encontravam inseridos em um campo com jogo de forças para a demonstração do capital simbólico e do capital cultural que grupos ou pessoas detêm. As representações conduzem as lutas dentro do campo.

A “Gazeta Socialista” se tornou um “lugar” com autonomia para visitar outros lugares e participar da luta pelo fortalecimento das representações estudantis. Estabelecidos os lugares, surgem então os espaços e estes se encontram aqui concebidos segundo a perspectiva de Certeau (2008): “Espaço é o efeito produzido operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflitais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2008, p.202). Através dos espaços, as representações se estabelecem uma vez que se constroem e se defrontam na rede de relações:

Essas representações sociais interessadas e parciais que são vividas e dadas como objetivas e universais (sobretudo no interior de universos eruditos nos quais os agentes dispõem pela profissão, de instrumentos poderosos de universalização) são, de fato, armas nas lutas internas (BOURDIEU, 1997, p.46).

Ao declarar que o evento – e não apenas este – havia transcorrido de modo tranquilo, o jornal também revelou um grupo unificado – o grupo estudantil – e, que por

isso, representava um bloco compacto com capacidade para divergir de qualquer organismo que viesse a contrariá-lo.

O cenário aracajuano dos anos de 1950 encontrava-se em plena transformação física e cultural, assim, a sociedade começou a respirar o ar da modernização:

No contexto da modernização e do crescimento urbano que as grandes metrópoles brasileiras experimentaram nessa década, Aracaju, uma cidade pequena situada no Nordeste subdesenvolvido, ainda se conservava provinciana, arraigada a hábitos, atitudes e valores antigos. No entanto, os artefatos e os comportamentos suscitados pela industrialização penetraram no espaço urbano conquistando as camadas médias que, cada vez mais, ampliaram as possibilidades de acesso à informação, ao lazer e ao consumo. Sem poder fugir aos apelos e à imposição da modernização, o aracajuano convive mesclando o novo e o antigo, o moderno ao arcaico, o sonho e o possível (GRAÇA, 2002, p. 20).

O influxo disto foi sentido pela população em geral e, sobretudo, pela comunidade escolar que testemunhou e colaborou como parte deste processo. O universo escolar da época foi assim postulado por Graça (2002):

Das 21 unidades de ensino secundário, apenas 3 do primeiro ciclo (Colégio Estadual de Sergipe, Instituto de Educação Rui Barbosa e Escola Técnica de Comércio) eram mantidas pelo poder estadual sendo que as duas primeiras ofereciam também o segundo ciclo: o científico e o clássico no Colégio Estadual de Sergipe e o de formação de professores primários no Instituto de Educação. As demais eram privadas e umas poucas mantidas pelo governo federal, como a Escola Agrotécnica e a Escola Industrial de Aracaju (GRAÇA, 2002, p.40).

O ensino secundário, seus agentes e suas práticas se configuraram no principal centro de preocupação da “Gazeta”. Uma atenção muito especial foi dedicada à Escola Industrial de Aracaju, porém os ginásios também figuraram com publicações significativas. Outras instituições também compunham o quadro, como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que atendia às jovens da elite aracajuana e os Colégios “Jackson de Figueiredo” e “Tobias Barreto”; mas, dentre eles, somente os dois últimos apareceram no jornal devido aos problemas físicos dos ginásios de esportes, agremiações e festas escolares.

Mediante isso, nota-se que a postura crítica da fonte analisada, talvez responda pelo fato de enfatizar, publicar mais vezes e até julgar a profissionalização e conseqüentemente a Escola Industrial de Aracaju, uma vez que esta também tinha uma

clientela de jovens e adultos submetidos a restrições financeiras e que por isso recorriam a esta escola, tanto pela gratuidade quanto pela formação que oferecida.

Também é preciso ressaltar o quadro econômico da época. O momento era de industrialização e o mercado de trabalho aguardava a chegada de pessoas capacitadas para operar dentro dele, pessoas dotadas de conhecimento suficiente para fazer girar a máquina da modernidade, incorporadas à nova ordem e submetidas a um novo quadro cultural. Sociedade sobre a qual incidiu uma “violenta” substituição de valores e práticas sociais. Uma “violência simbólica” dentro da perspectiva de Bourdieu (2005), marcada pela implantação de novos métodos e técnicas de produção e uma ordem cultural baseada na inovação tecnológica cinematográfica.

Naturalmente o ensino teria que acompanhar o processo de industrialização e a “Gazeta Socialista” registrou esse desenvolvimento.

O dia treze de janeiro de 1956 marcou a reabertura do jornal. Houve um aumento expressivo na tiragem. A “Gazeta”, que era publicada duas vezes por semana, a partir de 1956, começou a circular três vezes por semana. Foram localizados duzentos e oitenta e quatro exemplares referentes aos anos de 1956 e 1958.

Modificações importantes – já demonstradas - foram detectadas, tanto na direção do jornal, quanto na formatação. O diretor responsável voltou a ser Orlando Dantas, que conduziu o grupo no início do ano de 1948; Durval Lima e Hildebrando Souza Lima foram os nomes que surgiram como diretor-secretário e diretor-gerente, respectivamente.

A “Gazeta Socialista” voltou a funcionar no dia treze de janeiro e, no dia vinte do mesmo mês, levou ao público sua primeira publicação sobre educação:

Em dias da semana passada viajaram para o Estado de São Paulo os Professores H. M. e M. M. S, nossos presados [prezados] companheiros e amigos.

Esses ilustres professores da Escola Industrial foram estagiar no grande estado bandeirante, procurando assim, aperfeiçoar os seus conhecimentos nas cadeiras que lecionam.

Desejando-lhes uma feliz permanência e bom êxito nos seus empreendimentos (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p.4).

Houve interesse em valorizar a escola, destacando os seus profissionais e a presença dos professores. Em determinados textos, tinha a intuito de dar mais credibilidade aos profissionais por estarem trabalhando em determinadas instituições de

ensino. A julgar pelos textos publicados nos anos anteriores, é notório o dueto professor Humberto Moura e a Escola Industrial de Aracaju.

A frase de destaque com que a “Gazeta” voltou a circular em 1956 foi a seguinte: “Novos rumos” (figura 22):

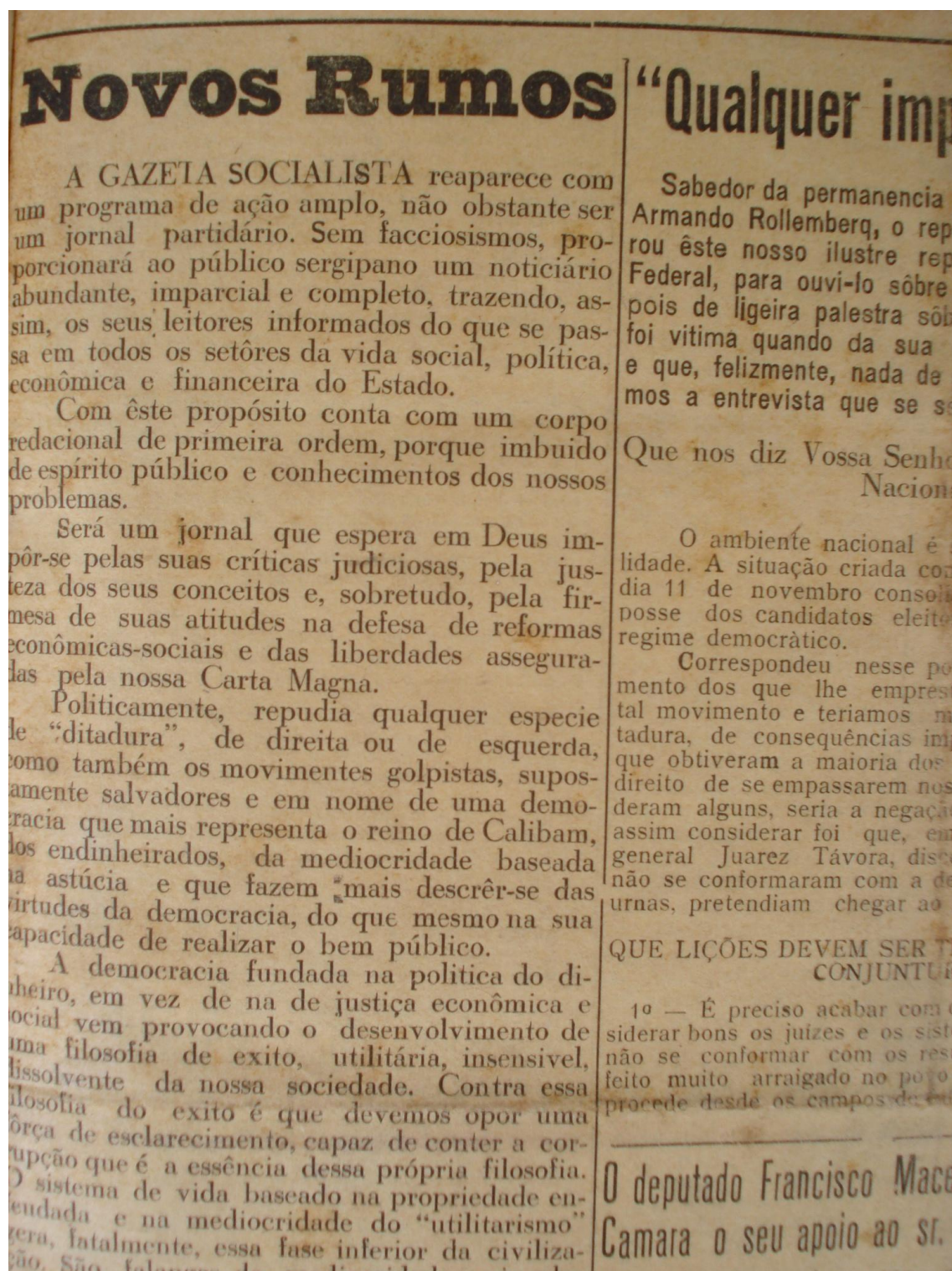


Figura 22: Editorial primeira edição da “Gazeta Socialista”, do ano de 1956.
Acervo: IHGS.

Na primeira edição do ano de 1956, a discussão concentrou-se sobre os problemas referentes à economia sergipana e nacional e apresentou a coluna “Buraco de Fechadura” com a finalidade de divulgar os acontecimentos sociais, sempre demarcando os setores econômico e político: “Ao iniciarmos esta seção jornalística temos em vista proporcionar ao público o conhecimento do que se passa nos bastidores da sociedade sergipana, desde a alta até a mais humilde” (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p. 1). O texto se encerrou alegando que: “‘Buraco de fechadura’ poderá muito fazer para o desenvolvimento da vida dos incautos na política, na indústria, no comércio, nos mercados, nos negócios, nos bairros ricos e pobres” (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p.4). Na referida edição, o jornal divulgou ainda, textos sobre professores, porém a questão nada tinha de educativa, mas de solicitação de auxílio para duas professoras funcionárias do Estado, residentes na cidade de São Cristóvão que estavam, segundo a “Gazeta”, enfrentando privações. As professoras eram filhas de um renomado professor sergipano que o jornal não revelou o nome.

Houve a preocupação em ocultar os nomes das pessoas, talvez a pedido delas mesmas. Tal notícia deixa claro, a questão salarial, que vinha enfrentando o pessoal no Estado.

As publicações de 1956 já começaram a revelar um novo olhar do jornal no âmbito dos profissionais da educação. O jornal do dia dezoito de fevereiro de 1956 publicou um texto, que ocupou uma página inteira dedicada ao ensino primário, demonstrando a precariedade do ensino no Estado. Entre outras coisas, o texto dizia o seguinte:

O ensino primário está em franca decadência. O mal é de tanta profundidade que se torna necessário uma revisão geral do ensino no Estado. O nível do conhecimento dos alunos que terminaram o curso primário é tão baixo que causa compaixão. A propósito, este ano matricularam-se 198 alunos para o vestibular na Escola Industrial de Aracaju. Esses alunos apresentaram diploma de conclusão do ensino primário. Mas os resultados das provas foram alarmantes de 198 matriculados 40% conseguiram média mínima para aprovação (MOURA, 1956, p. 4).

Houve uma crítica à manutenção do ensino público no Estado; sobretudo, ao ensino primário. A escola escolhida para exemplificar a deficiência do corpo discente, especialmente do ensino primário, foi a Escola Industrial de Aracaju, na qual, segundo a “Gazeta”, foram admitidos alunos com certificado de conclusão do ensino primário; entretanto, não estavam suficientemente habilitados para estudar nos cursos oferecidos

pela referida escola por apresentar deficiências em termos de domínio de conteúdos muitas disciplinas. A edição apresentou os resultados dizendo que era preciso dar conhecimento ao poder público:

Em Matemática, convém que os poderes públicos responsáveis pelo ensino saibam, dos candidatos à exame de admissão ao curso industrial básico, primeiro ciclo, 133 tiveram notas inferiores a 60 pontos com uma curva de 9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19, pontos. Houve candidato que em português obteve 15 pontos, em matemática 15: 35 pontos na prova de aptidão mental. O programa de exame vestibular do curso industrial básico versou sobre o programa do 2º e 3º anos do ensino primário, organizado pela Diretoria de Ensino Industrial.

A parte de Português foi vocabulário e gramática, a de Matemática, operações fundamentais e problemas. As questões foram bem elaboradas, claras e simples que qualquer aluno do 3º ano primário poderia solucionar (MOURA, 1956, p.4).

Os textos faziam justiça à frase do jornal em sua nova etapa de atividade. Quando reiniciou suas atividades, em janeiro de 1956, a “Gazeta Socialista” publicou a frase: “Novos rumos”³³. As publicações, acerca do cenário educacional sergipano, seguiram em uma direção diferente das anteriores. Durante o primeiro período de funcionamento, o jornal enfatizou o ensino profissionalizante, as organizações estudantis, e práticas culturais escolares.

Na primeira edição do ano, o jornal começou a demonstrar o que seria a marca da sua preocupação: o ensino primário e a questão salarial dos professores. A argumentação chegou a fazer comparação entre os rendimentos de um professor nos Estados de Sergipe e Bahia:

Enquanto isso, no vizinho estado da Bahia, uma professora primária ganha mais do que um catedrático do Colégio Estadual de Sergipe! Bolas! Quem há de querer ensinar em nosso Estado?

Premido de uma rede escolar bastante desenvolvida o governo apela para a mestra forjada improvisada no corrilho da política frequentemente ignorante e até analfabeta. Um novo desestímulo se acrescenta aos anteriores para as jovens tituladas.

³³ O texto da figura 23 informou que o jornal havia reaparecido “com um programa amplo de ação, não obstante ser um jornal partidário. Sem facciosismos, proporcionará ao público sergipano um noticiário abundante, imparcial e completo, trazendo assim, os seus leitores informados do que se passa em todos os setores do Estado. Com este propósito conta com um corpo redacional de primeira ordem, porque imbuído de espírito público e conhecimento dos nossos problemas.

Será um jornal que espera em Deus impor-se pelas suas críticas judiciosas, pela justeza dos seus conceitos e, sobretudo pela firmeza de suas atitudes da defesa de reformas econômicas – sociais e das liberdades asseguradas pela nossa Carta Magna. Politicamente repudia qualquer espécie de ‘ditadura’, de direita ou de esquerda, como também movimentos golpistas, suposta, ente salvadores e em nome de uma democracia que mais representa o reino de Calibam, dos endinheirados, da mediocridade baseada na astúcia e que fazem mais descrever das virtudes da democracia, do que mesmo da sua capacidade de realizar o bem público”. E seguiu fazendo críticas ao sistema econômico do país.

O professorado primário precisa urgentemente de uma nova situação financeira. O Governo recua alarmado com o aumento de despesas. Teme que a elevação dos vencimentos do magistério acarrete a do funcionalismo geral. Porém o problema do magistério não é o de um simples aumento. Exige uma reclassificação. A professora primária, pelo papel que está chamada a desempenhar, é um funcionário de caráter técnico de tanta importância (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p.6).

A discussão da questão salarial se estendeu a outras edições do jornal. Em 1956, mais espaços foram abertos na folha – como a coluna “Papel Carbono”; e outros foram mantidos – como a seção esportiva e “Buraco de Fechadura”. Um nova coluna intitulada “Educação e Cultura” constituiu o espaço destinado a tecer críticas ao governo em relação à situação dos professores e do ensino em geral, sempre com um teor agressivo, de protesto.

Os assuntos envolvendo alunos, professores ou instituições de ensino se tornaram uma bandeira política através do qual, o jornal procurava falar contra, ou apontar as deficiências do governo, não muito diferente das questões de economia, infra-estrutura, segurança, entre outras. Enquanto o governo procurava exaltar o seu desempenho, a “Gazeta” depreciava apontando os problemas de forma bastante contundente. Em março de 1956, o jornal destacou as palavras do então governador sobre a interferência política no processo educativo aracajuano. A “Gazeta” refletiu, assim, sobre o assunto:

Há um trecho da mensagem, sobre educação e cultura que não nos furtamos ao prazer de transcrevê-lo:

“entretanto, não resisti em confessar a Vossas Excelências que, no meu Govêrno há uma vontade que deseja agir e deseja vencer a intromissão da política na administração escolar, para construir qualquer coisa de útil e racional no setor das atividades educacionais.”

Muito bem Sr. Governador. As suas palavras ecoam entre o povo como um grito de socorro, para salvá-lo das garras da politicagem que avassala o nosso estado há muitos anos. Um ano de governo basta para demonstrar a impossibilidade de remover tais barreiras, se uma vontade em ação não destruir os compromissos eleitorais assumidos (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p.3).

Um ano transcorrido, os secretários do governo, ocupando seus cargos, e a “Gazeta” implacável nas suas considerações sobre as pessoas que eram responsáveis pela direção da educação sergipana, afirmando que o responsável pela condução do ensino tinha inaptidão para o cargo, sem fazer referência à nomes.

O ensino primário foi o “carro abre alas” das agressões ao governo durante o ano de 1956, sobretudo através da coluna “Educação e cultura”. Quatro manchetes colocavam ao público questões referentes ao cenário educativo, a insuficiência ou deficiência do sistema educacional.

A questão do ensino primário, no quadro nacional, era fruto de um processo que já vinha sendo debatido pelas autoridades, desde a década anterior, quando a redemocratização do país, em 1946, colocou em destaque a discussão que envolveu o ensino público e o ensino privado “[...] configurando-se como um momento de luta entre os pioneiros e os católicos” (HILSDORF, 2003, p.110). De acordo com Hilsdorf, houve, paralelamente a isso, os sinais de interesse pela aprovação de uma política educacional:

O ministro Clemente Mariani convocou uma comissão de antigos “pioneiros” que preparou um anteprojeto de LDB de orientação liberal e descentralizadora, apresentado à Câmara dos Deputados para discussão em 1948. Esse texto sofreu grande oposição de Gustavo Capanema, que era líder do PSB na Câmara Federal, o qual defendia a centralização, isto é, o controle da educação pelo governo da União tanto em termos de idéias quanto de organização. O antigo ministro do Estado Novo reativava a velha disputa descentralização x centralização, o que parece ter servido para desviar a atenção da sociedade para o problema que os educadores consideram básico, que era tornar acessível (democratizar) o ensino aos 50% de analfabetos do país (HILSDORF, 2003, p. 110).

A atuação de Gustavo Capanema fez a questão de a LDB retornar ao debate, entre os anos finais da década de 50 do século XX, quando:

[...] um deputado da UDN, Carlos Lacerda, apresenta por três vezes, em 1956, 1958 e 1959, substitutivos de orientação privatistas: defendendo o pressuposto da primazia do direito da família – e não do estado, como diziam os liberais de educar seus filhos; e, colocando o financiamento das escolas privadas pelo poder público, para que se tornassem gratuitas às famílias, esses textos deslocavam a discussão para o terreno da disputa ensino público x ensino privado. O projeto de Lacerda atendia aos interesses da disputa da iniciativa privada organizada empresarialmente e aos ideológicos da Igreja Católica e provocou a reação imediata de educadores e intelectuais, que, superando suas divergências internas, desfecharam uma verdadeira “Campanha de Defesa da Escola Pública” cujo espírito pode ser sintetizado na palavra de ordem lançada pela UNE, na época: “Mais verbas públicas para a educação pública” (HILSDORF, 2003, p. 110).

Além das discussões em torno do ensino público e privado, a nova ordem desenvolvimentista do país, dessa época, também pontuou a quantidade de vagas nas

escolas públicas. Outra questão colocada em relevo, durante esse período, foi a do ensino secundário e técnico. Conforme afirma Hilsdorf:

Muito educadores acusavam explicitamente o governo de Jânio de responder à demanda por mais vagas com a abertura de escolas ginasiais por estas eram menos onerosas que as escolas técnicas. Também denunciaram a expansão do ensino secundário acadêmico como uma medida populista, com finalidades eleiçoeiras, uma vez que o oferecimento de ginásios em detrimento da extensão da escolaridade elementar e do ensino técnico estimulava a procura por um diploma que era símbolo de prestígio social (HILSDORF, 2003, p. 115).

Consoante com os debates do período, o jornal procurou evidenciar os problemas que acometiam o ensino público sergipano e outros textos destacaram a necessidade dessa “melhoraria”.

O ensino primário foi digno da maioria das publicações de 1956, constituindo um relevante grito de alerta do jornal para com esse nível de ensino, visando o aprendizado da leitura e da escrita, principalmente para as camadas populares.

Em abril, o jornal advertiu que era preciso reformar o ensino primário sob pena da má qualificação do professor da área. Os textos começaram a se tornar maiores e o tema oscilava entre a questão salarial dos professores e o quadro geral do ensino primário:

O nosso ensino primário deveras está a pedir uma reforma. Uma modificação contudo, que não seja efetuada apenas no papel ou venha tratar de questões importantes, mas que devem ser solucionadas posteriormente. Os problemas iniciais a serem atacados são os da remuneração e do nível cultural do magistério. Problemas, aliás, conexos.

Enquanto certos funcionários federais recebem milhares de cruzeiros, sem lhe serem exigidas grandes aptidões culturais, as nossas professoras ficam na casa dos quinhentos cruzeiros e mais trezentos de abono. Menos que um salário mínimo de um operário manual não especializado e desse salário que vai ser elevado em breve! (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p.4).

Houve uma comparação entre o ganho salarial dos professores e outros trabalhadores, colocando o professor entre duas situações financeiras, aproximando-o de uma e distanciando-o de outra. Ao aproximar os rendimentos do profissional do magistério daquele do grupo menos intelectualizado, teceu contra os altos rendimentos daqueles que não dispunham daquilo o que o jornal chamou de “aptidão cultural” para o

desempenho das atividades. Firme no combate ao adversário, o jornal utilizou a situação como mais uma arma contra o grupo oposto, reforçando a luta dentro do campo político.

A depreciação ao governo encontrou outras veredas na mesma direção. Além da questão salarial, a admissão de pessoas sem preparo para o exercício do cargo também foi debatida. Entre outras questões, foi criticada a “A política dos chefes municipais que insistem em empregar suas afilhadas, sem lhes inquirir o preparo. Na verdade não pensam na escola de ‘letras’ mas na escola de ‘eleitores’” (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p. 4). Sobre o apadrinhamento a que se referiu o jornal, Souza (2003), menciona que:

No recrutamento de pessoal para o magistério valia também o critério político, daí a admissão de professores incapazes e descompromissados com a educação que diante do nepotismo político passavam a agir como ‘cabos eleitorais’ do chefe político, isto lhes garantia a certeza da impunidade frente às suas irresponsabilidades (SOUZA, 2003, p.150).

Segundo a apreensão feita por Souza, pode-se evidenciar que essa prática era predominante no sistema sergipano de ensino:

No que se referia à elevação dos níveis de conhecimentos úteis à vida na família e à iniciação para o trabalho, este não estava sendo adequadamente atendido pela maioria das escolas públicas e particulares. Ainda que algumas se aproximassem de um padrão satisfatório de instrução, no geral o ensino ministrado era apenas alfabetizante. Entre as escolas da rede pública, somente duas representavam a exceção: um grupo escolar da capital e uma escola isolada do interior (SOUZA, 2003, p.146).

O grito de alerta para a situação do ensino era fruto de um processo que culminaria na década de 40 do século XX, quando a Lei Orgânica Federal do Ensino Primário reorganizou a grade curricular e definiu o funcionamento do ensino público. Esse foi um período em que o país testemunhou segundo Hilsdorf (2003), um forte processo de industrialização.

A mesma gravidade, em relação ao ensino público sergipano, percebido pelo jornal no interior do Estado, era decorrente à ausência de um direcionamento para o sistema de ensino:

As escolas rurais exercem suas atividades pelo mesmo diapasão clássico de educação, destituídas de finalidades, sem objetivos. O jovem educando não sabe o que está aprendendo, para que fim, e para que serve decorar tantas trivialidades. O exercício da inteligência e o

desenvolvimento da personalidade do jovem ficam no embrião, adormecidos, sem funcionamento, freqüenta ele 4 anos consecutivos e no final de tudo, nada sabe (GAZETA SOCIALISTA, 12956, p.4).

O jornal também acusou que a rede de ensino rural, mantida pelo estado era insustentável devido à falta de capacitação dos professores:

Há alguns anos ostenta o Estado uma rede respeitável de escolas rurais. A instalação das mesmas foi realizada com o auxílio do Ministério da Educação. Segundo se diz Sergipe mereceu boas referências pelo número de escolas construídas dentro do quantum da ajuda federal. Tudo muito bem. Mas houve algo então quase esquecido e que hoje continua fora das cogitações: a preparação do professorado primário do interior para o ensino rural (GAZETA SOCIALISTA, 1956, p.6).

A informação seguiu afirmando que um técnico havia preparado, por quinze dias, algumas pessoas, as quais não supriam a necessidade dessas escolas.

O Colégio Estadual de Sergipe também esteve presente em uma publicação, a qual informava a realização de uma reunião da Congregação do referido colégio com vistas a analisar a proposta de aumento salarial do governo. Naquele momento, havia um estudo sobre o aumento salarial dos magistrados e o jornal alegou que, diante disso, era justo que esse fosse estendido para o pessoal do magistério, pois cabia ao juiz zelar pelo bom funcionamento da sociedade; contudo, era o professor o responsável por colocar, no meio social, cidadãos bem formados.

A expressão mais longa da inconformidade com a situação salarial do magistério foi escrita por Núbia Marques de Azevedo³⁴ para a “Gazeta” em outubro daquele ano:

O tempo avança e as estruturas sociais mudam vez por outra, a evolução continua... Com a transformação das sociedades os seus membros mudam de atitude, porque na essência, não. O Brasil na sua trajetória econômico-social já foi colônia depois império, dizem que independente em 1822 e atualmente República e dizem que democrática. Não vamos discutir o mérito destas palavras. Isto é um []. O professor é um ser eminentemente social. Este com o correr dos tempos também sofreu com as transformações ocidentais. Antigamente o professor primário era uma criatura austera, respeitada por pais e até avós de alunos. Gozava de um prestígio inconfundível, inofismável. Na sua escola batia de palmatória e birros na cabeça dos seus malfadados alunos. E os pais mandavam ordens para os mestres no sentido de que este fizesse entrar a cartilha na cabeça, custasse o que custasse... O mestre era quem mandava. Que prestígio! Os tempos mudaram. Com o avanço da pedagogia moderna a transformação foi total (AZEVEDO, 1956, p.4).

³⁴ De acordo com Luiz Antônio Barreto, Núbia Marques de Azevedo, poetisa e escritora, foi colaboradora da “Gazeta” nas duas fases.

Além de refletir sobre o método de ensino, e os castigos com o uso da palmatória, Azevedo discutiu o ingresso de novas técnicas divulgadas depois do movimento dos pioneiros da Escola Nova, que congregou nomes como o de Anísio Teixeira, apresentando uma nova maneira de ensinar, quando assumiu o cargo de diretor da Instrução Pública, no Rio de Janeiro.

As mudanças pensadas por Anísio Teixeira não estavam limitadas à conduta com o aluno, também abrangiam, o professor e a estrutura física das escolas, o dever do Estado de ofertar ensino de qualidade. Analisando a atuação desse educador, Clarice Nunes coloca que: “As edificações escolares podem ser interpretadas, também nesse momento, como o gesto intencional que pretendeu criar novos comportamentos e sentimentos diante da escola, projetando-a para fora dela” (NUNES, 2000, p. 373). Anísio Teixeira pensou o espaço escolar como um conjunto, no qual o aluno deveria estar em contato com equipamentos e suprimentos modernos, criando situações de aprendizagem mais amplas, oferecendo também aperfeiçoamento para o professor da rede pública. O texto de Núbia Marques de Azevedo também colocou o seguinte:

Chegou-se a conclusão que cada aluno deve ser respeitado nas suas limitações capacidades e tendências. O método da palmatória está superado, porque as pancadas já se chegou a conclusão, não faz o aluno compreender melhor a lição ou respeitar o professor. Pancada não consegue melhorar o rendimento escolar e sim dificultar a aprendizagem. Insultos também estão fora de combate, porque estes criam nas crianças sentimento de inferioridade, angústia, revolta. Veio a Escola Nova mostrando que se deve partir de onde está o aluno. “Um dia é da caça, o outro é do caçador.” Sim, chegou a vez dos alunos. O professor tem de compreendê-lo e educá-lo estudar psicologia diferencial etc, etc... Houve um a revolução francesa dentro da pedagogia. Tudo isto está certo. Pancada consegue implantar a ordem, nunca forma filosofia de vida. Agora o que não está certo é desprestígio em que se encontra o professorado primário A pedagogia moderna não queria que fosse a tanto (AZEVEDO, 1956, p.4).

Em seqüência, Azevedo comparou o trabalho do professor ao trabalho de um advogado, dentro de uma situação de democracia no país:

Com a mudança do método de ensino não se queria que o heróico professorado primário chegasse a condições que se encontra. Porque a moral em que se encontra é lastimável. O professor primário está a léguas de distância de um deputado, de um advogado, de um juiz, etc. esta distância é de ordem moral, porque se encararmos o problema de fazer uma comparação vemos que em essência não há diferença entre um professor e um deputado. Se este está a serviço da democracia aquele nem se fala, pois para um país ser democraticamente equilibrado precisa ser altamente alfabetizado. E em se falando de

alfabetização falemos bem baixo porque o nosso Brasil possui a glória de ser um país de analfabetos. Os alfabetizados constituem um punhado de privilegiados. Mas como alfabetizar se a figura central da alfabetização está em maus lençóis com vida dispendiosa de hoje? Um professor primário é desprestigiado moral e sobretudo um desprestigiado econômico. Um ordenado de Crs 450,00 atualmente não é um ordenado e sim uma gratificação para que não morram de fome. Se bem haja um abono de Crs 300,00 mas isto não significa nada em face da [sudida] dos gêneros alimentícios. Um professor primário ganha o equivalente a uma empregada doméstica e oxalá menos. Por Crs300,00 paga-se por uma doméstica lhe fornecendo café, almoço, jantar, quarto para dormir e Crs 300,00 livre. Imaginem só. Digo com sinceridade se fosse menina e brincasse de “sou rica, rica de marré marré... sou pobre pobre de marré marré...” não queria ofício de professora. Já pensaram na luta de um professor primário! Ordenado miserável preparo para as aulas, lutas de classes enormes e heterogêneas além das incompreensões dos pais dos alunos que vêm em cada filho um serafim em potencial, e a qualquer contratempo o professor é o algoz. Isto tudo por um mísero ordenado e uma vocação abrassadora. Sim. Para ser professor hoje precisa coragem. E não é coragem pouca mas superior a de Rômulo e Remulo [Remo] que mamaram numa loba. O professorado primário constitui um abismo econômico, pois quem se atira nele, dele não sairá (AZEVEDO, 1956, p. 4).

Para Azevedo, a situação do professor primário, daquela época, em Sergipe, ainda não tinha sido colocada com clareza e o fez, apresentando soluções que deveriam ser adotadas pelo governo:

Até o momento não mostramos o problema do professor primário que é sério e precisa de uma reflexão demorada dos poderes públicos. Agora poderíamos fazer uma apelo ao Governo no sentido de melhorar a situação das professoras para um combate eficaz ao analfabetismo. Sem a melhoria econômica do professor será difícil a educacional. Professores bem pagos são professores bem dispostos, capazes de ensinar, ensinar muito para extirpar o analfabetismo. Sr. Governador o analfabetismo é um câncer social e a terapêutica é esta: estimular o “professorado primário” – com um ordenado digno para que haja uma seleção e este robustecido aniquilará o analfabetismo. Os resultados dessa terapêutica não veremos, mas quando pensarmos na educação, na instrução teremos forçosamente de pensar no amanhã, no infinito no eterno (AZEVEDO, 1956, p.4).

O analfabetismo, a má remuneração, o descaso com o profissional da educação estavam explicitados no texto. Foi com essa veemente expressão de inconformidade e solidariedade com os agentes envolvidos com o magistério que o jornal encerrou os protestos do ano.

Após longa explanação feita por Núbia Azevedo, outros, com conteúdo semelhante, foram localizados, discutindo a situação econômica dos professores, pontuando e, de certa forma, empreendendo uma luta ferrenha contra a atuação do

governo, frente ao ensino primário em Sergipe. É necessário observar que esse tipo de ensino representa a base escolar na vida de uma pessoa.

No mês de junho, foi divulgada a greve nacional deflagrada pelos estudantes contra a violência policial e o jornal acusou o governador de Sergipe de autorizar o encerramento das aulas; concluindo, entretanto, que o movimento grevista estudantil não estava errado; em contrapartida, não caberia ao poder público ser instrumento de partido.

Antes de encerrar o ano, a “Gazeta” registrou a presença de um palestrante vindo da Universidade de Lisboa, Orlando Ribeiro, da Faculdade de Ciências e Letras, a convite da Faculdade Católica de Filosofia. Também foi digna de registro a titulação de bacharelado da Faculdade de Direito, que estava encerrando uma turma com vinte e um alunos e anunciou a nova turma dos estudantes de química industrial.

Nos anos de 1957 e 1958 poucos textos foram publicados com temas referentes à educação e/ou equivalente. Os textos mais elucidativos foram publicados nos meses de março, agosto e dezembro de 1957. Em 2 de março, na primeira página, o jornal informou sobre a inauguração de um novo Conjunto para o funcionamento do Instituto de Educação Rui Barbosa. Além de fazer a notificação também fez sugestões e comparações, sem perder, no entanto, as referências de protesto a respeito do ensino primário iniciado um anos antes, o que conduz à reflexão de que o ensino primário necessitava realmente de cuidados especiais:

Dentro em breve dias será inaugurado o novo Conjunto destinado ao Instituto de Educação Rui Barbosa. Este passará a funcionar ali no ano letivo de 1957. Trata-se de obra verdadeiramente grandiosa, construída segundo o plano do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e com recursos fornecidos pelo mesmo, mas executada pelo Governo do Estado. A inauguração diz respeito aos três blocos iniciais que, no plano geral, estão destinadas ao Ginásio e ao Curso de Formação. Faltam ainda dois blocos para a Escola de Aplicação e o Jardim de Infância. A área disponível permite o levantamento, no futuro, de novos edifícios. Além disso, o prédio está situado junto aos bairros mais densamente povoados pelas classes desprotegidas da fortuna, campo ao qual se destina principalmente o Instituto.

O novo Conjunto foi implantado e teve sua construção iniciada no Governo de Arnaldo Garcez, numa demonstração de compreensão dos problemas educacionais do estado. O Governo de Leandro Maciel teve o mérito de continuar a obra de seu antecessor, aceitando a iniciativa de sua importância.

O novo prédio, entretanto, como dissemos em notas anteriores, nada significa se não for expressão do desejo de renovação do sistema pedagógico estadual. Mostramos aqui a urgência da elevação de vencimentos do magistério primário e normal. O Governo já deu um passo neste sentido com o aumento sancionado ultimamente. Porém,

sente-se a necessidade de uma tabela especial para o professorado, quando se faz a seguinte comparação com o Estado da Bahia: em Sergipe, o professor primário recebe perto de mil e duzentos cruzeiros e o professor do Instituto, 3 mil cruzeiros; na Bahia, o professor primário receberá, a partir de Junho, mais de 5 mil cruzeiros.

Consta que o Governador pretende propor a elevação substancial dos vencimentos do professor secundário, incluindo já do ensino normal. Esta medida merecerá aplausos. Perguntamos porque ao promover o mesmo em relação ao primário?

Finalmente fazemos algumas sugestões quanto ao funcionamento do Instituto em seu novo prédio:

1º) Remoção completa do material didático, no sentido de um ensino mais intuitivo e mais ativo.

2º) criação de cargo de Orientador Educacional, o qual deverá ser preenchido por uma mulher que tenha curso adequado e comprovada vocação. Seria talvez conveniente escolher uma Assistente Social, que tenha curso de Orientador. Se predominar o critério do favoritismo, a emenda será pior que o soneto. Teremos verdadeiro desastre.

3º) Organização da Biblioteca escolar e estabelecimento de seu uso pedagógico, ao encargo de pessoa especializada. Como caso anterior, o critério do pistolão será desastroso.

4º) Promulgação dos Estatutos do Instituto, estabelecendo o trabalho por equipe, de modo que todos os professores participem de algum modo na solução dos problemas da Casa.

5º) Promover reuniões de professores, devidamente remuneradas, para a coordenação do trabalho didático nas diversas séries, pela execução conjunta de programas e a análise dos casos de desajustamento escolar.

6º) Subordinar sempre o critério partidário na escola dos professores à apreciação do valor cultural e pedagógico dos candidatos.

7º) Promover métodos intra-classe e extra-classe que visem orientar o trabalho escolar no sentido do estímulo à vocação de mestre, desde o curso ginasial.

8º) Organizar turmas de cerca de trinta alunos de modo a permitir melhor rendimento do conjunto e certa individualidade do ensino.

9º) Promover conferências e Semanas sobre assuntos culturais e principalmente pedagógicos, estimulando inclusive financeiramente os estudos e trabalhos extra-curriculares dos professores.

10º) Organizar o corpo discente, preparando sistematicamente sua autonomia dentro da Escola (GAZETA SOCIALISTA, 1957, p.1).

O jornal sugeriu um programa de ensino, sem, no entanto, perder a oportunidade de criticar a situação salarial dos professores.³⁵ A preocupação com a melhoria do ensino normal foi decorrente da legislação de 1946, segundo Berger: “A Lei Orgânica

³⁵ Ao final a nota se dirigiu diretamente ao governo dizendo o seguinte: Os dez itens supra já esboçam um programa inicial bastante amplo, mas viável, desde que o Governo e seus auxiliares se empenhem com entusiasmo pela causa da educação, ficando o primeiro disposto a efetuar as necessárias despesas. Se o Governo atual conseguisse realizar no Instituto uma transformação de largo alcance teria pelo menos a honra de apontar algo verdadeiramente construtivo, em que o interesse público predominasse sobre a política partidária, pois o que temos visto até hoje é precisamente contrário. Quando o Governo Leandro Maciel pensa num empreendimento administrativo ele parece sempre medir primeiramente seus resultados eleitorais.

do Ensino Normal (1946) foi a primeira a traçar diretrizes estabelecidas pelo governo federal para orientar este curso tão ao sabor de cada unidade federada” (BERGER, 1995, p. 19). A legislação estruturava o ensino em dois ciclos: O primeiro ciclo visava dar uma formação ginasial; e, o segundo se voltava para a formação do professor, visando a capacitação do magistério para o ensino primário.

Outras instituições ganharam textos relativamente expressivos no jornal como é o caso da Faculdade Direito, que foi duramente criticada na nota do dia quatorze de março. O texto comentava sobre a importância dos centros culturais para a vida social e responsabilizou as universidades por movimentarem tais centros devido ao fato de aglutinarem porções significativas de intelectuais. Prosseguiu fazendo comparações entre a realidade brasileira e européia, fazendo relação com a realidade sergipana:

Infelizmente em Sergipe não há universidade. Mas é preciso notar que há, em nosso meio, faculdades, por assim dizer básicas para uma universidade: direito, filosofia, ciências econômicas, química. E note-se do ponto de vista de influência social e política, há em Sergipe, justamente as faculdades necessárias: direito, filosofia e ciências econômicas (GAZETA SOCIALISTA, 1957, p.1).

E, seguindo o protesto, criticou a ausência de movimentação dos centros culturais e a educação política dos seus dirigentes:

Mormente a Faculdade de Direito, autêntica universidade de ciências sociais e políticas. Um silêncio tumular encobre, ou envolve as atividades do que seria o nosso maior centro cultural. Sequer conferências de personalidades de relevo no cenário cultural do país são realizadas. A maior parte dos mestres que se fizeram ouvir, naquela Faculdade, o fizeram a convite dos estudantes. Inegavelmente é preciso mudar, na Faculdade de Direito. E agora subvencionada pelo governo federal, com todas as subvenções anteriores de pé, a serem recebidas, espera-se um surto de desenvolvimento de suas atividades. Estudos sérios da realidade sergipana, jornadas de estudos jurídicos, inclusive da realidade jurídica de nossa terra (GAZETA SOCIALISTA, 1957, p.1-3).

A Faculdade de Direito já havia sido alvo de críticas, em uma edição anterior, na oportunidade, o jornal se posicionou contra a ausência de movimentos culturais dentro da instituição.

No mês de julho, o alvo de muitas críticas foi o professor Nunes Mendonça, que segundo o jornal, havia recebido do governador a confiança para dar aulas no Instituto de Educação Rui Barbosa, a quem o jornal acusava de não ter boa conduta, tratando-o

como não recomendável para ensinar. Nunes Mendonça foi um dos grandes defensores do escolanovismo em Sergipe e uma das figuras mais polêmicas.³⁶

Foi noticiado, em agosto, o movimento grevista dos professores da escola de química. Em manchete, o jornal anunciou que, após seis meses de espera para atender às reivindicações e depois de explicar a situação salarial dos professores da escola, o jornal definiu a instituição como representante do “[...] ponto alto da cultura sergipana, pelo padrão elevado de ensino ministrado por professores estrangeiros e nacionais de grandes méritos” (GAZETA SOCIALISTA, 1957, p.1). Alguns nomes de professores foram citados e suas qualidades exaltadas diante da indignação do jornal referente à situação de paralisação das aulas devido à má remuneração do magistério.

As informações sobre a diplomação de trinta e três novos professores em Sergipe, formados pelo Instituto de Educação Rui Barbosa e a divulgação do cronograma do evento de formatura, cujos detalhes foram dados na edição posterior e também, a exposição dos alunos da Escola Industrial de Aracaju, e a entrega de diplomas a cento e onze operários concludentes dos cursos de arte culinária, corte e costura e alfabetização de adultos, através do SESI, cujas publicações encerraram as publicações da “Gazeta” em 1957.

O ano de 1958 deu continuidade aos temas tratados nos dois anos anteriores - o ensino primário e a má remuneração do professorado do magistério.

As publicações se iniciaram, fazendo referências ao Instituto Benjamim Constant; em seguida, à Cidade de menores “Getúlio Vargas”, às verbas federais destinadas a educação e utilizadas em outros setores.

Em abril, a instrução pública ganhou um texto destacado no jornal, criticando o governo, pela indicação de pessoas incapacitadas para determinadas funções, no magistério. Contudo elucidou melhorias feitas nas instalações de escolas.

Segundo o jornal, o pensamento do governo estadual não contribuía em nada para as melhorias devido a influências políticas. Aos agentes do campo, não cessam as lutas para impor a sua imagem e entendimento aos demais; assim o jornal empreendia sempre uma luta contra os adversários declarados. Para o jornal, o governo fez acordos dos quais saiu perdedor e o lucro para obras públicas foi o seguinte:

³⁶ Sobre Nunes Mendonça consultar Josefa Eliana de Souza: Nunes Mendonça: um escolanovista sergipano, 2003.

Ficou com os chefes políticos para nomear analfabetas professoras e diretoras de Grupos Escolares, desmantelando o ensino, numa perseguição de fazer dó e compaixão, tanto da instrução que roia, como das professores que viviam de déo em déo (GAZETA SOCIALISTA, 1985, p.3).

No dia 29 de abril de 1958, o jornal destacou a instalação da Escola de Recuperação para cegos, anunciando a solenidade de inauguração, descrevendo o ambiente onde ocorreu o evento e citando os nomes dos componentes da mesa, entre os quais estavam o Bispo Diocesano, D. Távora, e o professor A. C. de Vasconcelos, Diretor do Departamento de Ensino de Educação, representando o governador Leandro Maciel. Ao lado, num texto muito pequeno, mencionou que a escola funcionaria três vezes por semana, dentro do maior salão do Serviço de Assistência à Mendicância – SAME.

Na coluna “Educação e cultura”, da edição de número 262, do dia quinze de maio de 1958, lamentou o posicionamento dos professores do Colégio Estadual de Sergipe, em face as dificuldades financeiras enfrentadas:

Dias atrás reuniu-se a Congregação do Colégio Estadual de Sergipe para discutir um plano de aumento de vencimentos a ser proposto pelo governo. Nada mais justo. Não se cogita elevar a remuneração dos magistrados? O magistério exercer na sociedade uma função moral equivalente a da magistratura e uma função culturalmente superior. O mestre prepara o homem para integrar uma sociedade justa e sadia enquanto o juiz procura garantir a existência desta sociedade. Mas culturalmente o mestre abre roteiros, ilumina caminhos e esboça os ideais da sociedade futura. Justíssimo, pois um pagamento condigno com seus serviços que não o deixe aquém das magistraturas, ou pelo menos, muito distanciados deles. A Congregação do Colégio de Sergipe, porém, tomou uma decisão que não nos parece a melhor. Considera-nos as dificuldades financeiras do Estado e o temor do Governo em consentir-nos aumentos parciais – embora tivesse proposto o da magistratura que desencadeiam movimentos e pressões para novas revisões dos vencimentos, a Congregação resolveu sugerir a redução de tarefa, de 12 para 6 aulas semanais. Ora o aumento das despesas vira de qualquer modo sendo apenas indireto na modalidade citada (GAZETA SOCIALISTA, 1958, p.6).

O texto com explicações sobre as desvantagens da redução proposta pela Congregação, esclarecia que as aulas excluídas, com a redução, deveriam ser postas como complementares:

As aulas excluídas serão pagas como suplementares. Esta solução não atende aos interesses culturais do Poder Público. O catedrático tem a presunção legal de sua capacidade ou aprovou devidamente em concurso realizado de porta aberta. As aulas suplementares podem confiadas a qualquer pessoa habilitada segundo a lei federal, mas que ainda não foi submetida aos rigores da do ingresso na cátedra ou ainda não se comprometeu moralmente com isso, como fazem implicitamente os catedráticos interinos. Por isso há interesse em atribuir o maior número de aulas ao detentor da cadeira (GAZETA SOCIALISTA, 1958, p. 6).

Na mesma edição, também divulgou um ato de solidariedade prestado pela Faculdade de Direito ao visitar a penitenciária, no dia do sentenciado e presentear familiares de detentos.

Ainda no mês de maio, o jornal fez um balanço da comunidade em idade escolar, relacionando-a com o número de escolas no Estado e criticando o sistema:

A população em idade escolar do município de Aracaju é calculadamente de 22.000 crianças, dessas apenas freqüentam escolas 13.000. São 123 escolas primárias, sendo 42 do Estado, 29 da prefeitura e 52 particulares, freqüentam as primárias 6.688 alunos, as segundas 1.499 e as terceiras 4.857, de ambos os sexos.

O ensino primário como se ser em todo o País é ruim, no entender do grande educador Anísio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

Ruim pela formula arcaica do ensino, de exposição oral e reprodução verbal, decorativo de conceitos e nomenclaturas.

Decoram-se regras gramaticais e traduções dadas em aulas, mas raramente se consegue ler ou escrever qualquer língua inclusive o português acrescenta o consagrado pedagogo Anísio Teixeira.

O ensino ruim preocupado com as informações teóricas em qualquer matéria não tem nada de prática e por isso o homem comum nenhum proveito com o s dois ou três anos do curso primário que lhe ministram os poderes públicos.

Afirma o professor Anísio Teixeira – “o dever do Governo, dever democrático dever constitucional, dever imprescritível, é a criação de uma escola primária, capaz de fornecer ao povo brasileiro uma formação indispensável ao seu trabalho comum”.

Aracaju pode, perfeitamente realizar um programa de reformas do ensino primário, preparando as gerações futuras com um ensino básico, que qualifique o trabalhador sergipano para a sua industrialização e a vida democrática moderna.

A escola deverá ser uma ‘Escola Modelo’ de ensino prático e eficiente e que o município deverá construí-la com o auxílio do INEP, e que servirá de orientação aos demais municípios do Estado (GAZETA SOCIALISTA, 1958, p.3).

O nome de Anísio Teixeira apareceu no jornal, de forma bem clara, a fim de confirmar a importância que o governo deveria ter em relação a democratização do ensino, e a formação do cidadão, que depois da conclusão, pudesse prestar melhores serviços para a sociedade:

Quando Anísio começou a centralizar certos serviços a constituir o que chamava de um sistema escolar, gerou resistências e conflitos porque mexia com a mentalidade privada da coisa pública, com hábitos arraigados e uma rotina já estabelecida (NUNES, 2000, p.275).

Nesse sentido é relevante observar a opinião de Rocha (2008), a respeito do ensino público: “A peça-chave da democratização, ou ainda, da extensão da escolaridade, continuava sendo a escola pública de nível primário e a subsequente ramificação profissionalizante (ROCHA, 2008, s/n). Os mantenedores do jornal, atentos às reformas educacionais, se utilizavam dos argumentos e defendidos pelos reformadores da educação pública para argumentar a favor do ensino.

Seguindo a linha de investigação, o jornal se deparou com uma situação contundente – uma soma significativa da população em idade escolar não estava freqüentando as escolas. Dessa maneira, ao que a “Gazeta” se pronunciou colocando uma manchete no rodapé da primeira página, da edição de número 261, do dia 13 de maio de 1958, que dizia: “9 mil crianças em Aracaju sem escola” (GAZETA SOCIALISTA, 1958, p. 1). O texto completo foi colocado em um espaço com o título de “O sentido das palavras”. O longo texto argumentou sobre a vida e os homens e fez uma reflexão, dizendo:

Cada povo tem o governo que merece, não é uma sentença que se possa aplicar em nosso estado.

Os líderes dos partidos libero-conservadores não se preocupam com a educação do povo.

Basta uma vista d’olhos para a instrução primária em nossa Capital, com uma população infantil em idade escolar estimada, até o ano próximo passado, em 22 mil pessoas, mas com matrícula de apenas 13.000.

Cerca de 9 mil crianças não dispõem de meios para receber instrução primária, por falta de escolas (GAZETA SOCIALISTA, 1958, p.2).

O jornal, além de se preocupar com os números, voltou os olhos para a infância sergipana, compreendendo que sem uma base bem estabelecida, não haveria sucesso nas séries mais avançadas. A preocupação foi com o total de crianças que freqüentavam, ou não, a escola. A nota foi colocada no final da página, com um título destacado denunciando o total de crianças sem atendimento escolar, devido a falta de instalações adequadas. A nota seguia dizendo que as propagandas do governo, feitas através das emissoras de rádio e *slogans*, obrigavam o povo a aceitar a realidade que o próprio governo criava.

Nos cinco meses finais em que circulou com o título de “Socialista”, o jornal se preocupou também com as comemorações de aniversário de ginásios escolares como o Ginásio Pio X. O jornal divulgou a passagem de seu aniversário, mas não se preocupou em dar maiores informações sobre o referido ginásio. Destacou a solenidade festiva, a direção do referido órgão, o total de alunos (quinhentos e oitenta alunos) e o local onde aconteceria a solenidade religiosa – Catedral Diocesana.

A criação da Inspetoria Seccional do Ensino Secundário, na cidade de Aracaju, foi colocada em um espaço, breve dentro do jornal. Espremido entre duas notas grandes, o texto informava sobre o local de funcionamento do órgão: “[...] no quinto andar do Palácio das Secretarias, à Praça Fausto Cardoso, diariamente das 13 às 18 horas” (GAZETA SOCIALISTA, 1958, p. 2). Ao final o jornal informou que os serviços estariam sob a orientação do Inspetor Regional do Estado.

Os congressos estudantis que marcaram as publicações do jornal também estiveram presentes em 1958. Eles se fizeram presentes, na “Gazeta”, através do Quarto Congresso Nacional dos Estudantes Secundários, promovido pela União Brasileira dos Estudantes Secundários, realizado na cidade de Salvador, para o qual, Sergipe enviou quinze representantes.

Um texto, relativamente grande, divulgou a relação nominal dos alunos aprovados por seleção e candidatos a bolsas em diferentes cursos do ensino secundário. A nota tinha no título o Ministério da Educação e Cultura – Fundo Nacional do Ensino Médio e a lista como os nomes dos candidatos aprovados por colocação foi divulgada por ensino: A- Ensino Secundário; B- Ensino Comercial e C - Ensino Industrial.

Conforme foi exposto, os principais temas divulgados pelo jornal, até o mês de junho de 1958, em torno da educação e do ensino sergipano, seguiram a trilha da campanha a favor de melhorias para o ensino público sergipano. A marcha em defesa dessa modalidade de ensino pôs em relevo a situação salarial do professorado público primário do Estado, com isso, argumentou a favor do grupo, denotando que, sem uma remuneração compatível com a função desempenhada, o profissional do magistério faria pouco esforço no sentido de educar/ensinar qualitativamente.

Nesse mesmo mês, ocorreu a transição do nome do jornal, para “Gazeta de Sergipe”, diante disso, a pesquisa não se preocupou com as fontes posteriores ao mês de junho de 1958, por constituírem um volume não correspondente ao objeto analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho se debruçou sobre o jornal “Gazeta Socialista”, na tentativa de compreender como o periódico divulgou as práticas educacionais sergipanas entre os anos de 1948 e 1958. A partir daí, observou também a maneira como os profissionais da educação e as instituições de ensino foram levadas ao conhecimento da sociedade.

Foi necessário, inicialmente traçar o perfil biográfico do idealizador do jornal, Orlando Vieira Dantas, o que tornou imperativa a discussão dos embates políticos e dentro deste limite pontuar a trajetória do jornal.

Orlando Dantas descendia de uma família ligada ao setor empresarial canavieiro e se destacou no ambiente sergipano, por seu desempenho empresarial e político. Em decorrência de suas atividades políticas, tornou-se protuberante no jornalismo e na literatura sergipana, fato que concorreu com a criação de um jornal e a publicação de obras referenciais de economia. Filho do último presidente do Estado, Manoel Correia Dantas, e Adelina Dantas, tornou-se um jornalista renomado em Sergipe, mas, antes disso, conheceu, junto ao círculo de amigos do seu pai, o homem com quem fez uma amizade, Leandro Maciel, o qual, algum tempo depois, tornou-se seu inimigo político.

O jornal “Gazeta Socialista” foi criada no ano de 1948 para atender ao propósito político de Orlando Dantas, transformando-o na tribuna do partido político “Partido Socialista Brasileiro”, criado, simultaneamente com o jornal; ou seja, o jornal era o órgão oficial do PSB, sigla responsável por lançar Orlando Dantas no cenário político nacional. O PSB foi então responsável pela editoração do jornal.

Para estabelecer o seu empreendimento, Orlando Dantas teve que firmar lutas sérias dentro do campo em que estava inserido. Apesar de ter circulado pelo cenário político, empresarial e literário, foi através do jornalismo que conseguiu imprimir o seu nome de modo mais expressivo no cenário sergipano.

Foi responsável por gerar dois grupos em torno de si – um de admiradores, dos quais muitos se tornaram jornalistas, como Luiz Antônio Barreto e Ivan Valença; e um grupo de opositores, como Leandro Maciel, Hugo Costa e o radialista Silva Lima. Os dois grupos ajudaram a formar opiniões em torno da figura emblemática de Orlando Dantas.

Quando foi apresentada ao público, em quinze de janeiro de 1948, a “Gazeta Socialista” divulgou os ideais políticos do seu órgão editor, e a prioridade do partido

com a área cultural, defendendo como objetivo do partido, a educação da população, sob o prisma da democracia.

As primeiras publicações do jornal a respeito do tema educacional foram direcionadas primeiramente para o ensino profissionalizante e técnico, além de temas relacionados a congressos e manifestos estudantis. Quanto ao ensino profissionalizante, é preciso considerar o quadro nacional da época; posto que, desde o movimento de 1932, quando os pioneiros da Escola Nova pensaram um novo modelo educacional, o sistema de ensino brasileiro sofreu várias reformas.

O perfil das publicações se modificou um pouco a partir da década de 50 do século XX, no momento em que as lentes do jornal passaram a se preocupar muito mais com as festividades escolares e com a realização de congressos. As festas tiveram maior destaque. Marcante foi a abertura de um espaço no jornal destinado, exclusivamente, aos assuntos estudantis, para o qual o jornal solicitava que os estudantes enviassem colaborações, apesar desse espaço ter uma duração efêmera, pois funcionou durante apenas três meses.

O jornal, contudo, continuou divulgando as datas de aniversários de professores e alunos, a conclusão de cursos, as homenagens prestadas aos professores, as instalações físicas das escolas e demonstrou também se preocupar com a situação da educação no interior do Estado.

Entre as instituições escolares mais destacadas, encontram-se a Escola Industrial de Aracaju e o Instituto de Educação Rui Barbosa, que reluziram aos olhos da “Gazeta”. Na área dos profissionais, o professor Humberto Moura foi, sem dúvida, o nome que mais figurou nas páginas do jornal, conceituando-o como um dos profissionais mais capacitados na área. O Colégio Estadual de Sergipe e a Escola Técnica de Comércio, também foram notícias desse jornal.

As modificações se acentuaram ainda mais quando, depois de um recesso de três anos, o jornal voltou a funcionar em treze de janeiro de 1956. Depois de mudar de formatação, mais um modelo de apresentação começou a circular a partir de referido ano, e o caráter de denúncias, que aconteceu nos anos anteriores, tornou-se mais acentuado; o governo do estado não escapou às graves críticas. Em todos os textos, foi muito comum essa posição, inclusive nos textos que diziam respeito ao cenário educativo. As práticas educacionais perseguidas por este estudo não foram localizadas nesse período; entretanto, a situação financeira dos professores e a precariedade do ensino primário não escaparam aos olhos da “Gazeta”. A preocupação com o ensino

primário estava posto no quadro nacional em vista do fim do Estado Novo e a nova Constituição defendendo a redemocratização do país e o ensino primário como dever dos poderes públicos. O ensino primário compreendido como o principal vetor do desenvolvimento intelectual da sociedade, foi criticado em vista da infra-estrutura precária para atendimento aos alunos até a remuneração dos professores, principais responsáveis pela condução do ensino.

As críticas empreendidas ao sistema de ensino tinham o claro intuito de atingir diretamente a política educacional adotada pelo principal adversário político do responsável pela empresa jornalística analisada nesse estudo. Gritando por melhores condições financeiras para os professores, lutando contra a precariedade econômica docente, provavelmente o jornal buscava agrupar em torno de si mais simpatizantes para os seus ideais e com isso reforçar a sua atuação partidária. Nessa direção é importante considerar que a imprensa escrita representou durante muito tempo, uma das principais veias políticas até o final do século XXI.

Diante disso, é possível entender que o jornal se inclinou sobre o cenário educativo sergipano, procurando elevar o nível de conhecimento da população demonstrando interesse em que o Estado pudesse dispor de pessoas com boa instrução e educação. Por outra via compreende-se que o jornal encontrou nesse momento, uma maneira de gritar contra seus adversários políticos, atingindo-os implacavelmente. O problema financeiro dos professores serviu como principal arma para atacar adversários e diluir a idéia geral de que o jornal e aqueles que com ele estavam envolvidos alimentavam uma preocupação com a população e com os trabalhadores, sobretudo, com os professores.

Os anos finais de atividade da “Gazeta Socialista” foram marcados por este tipo de publicação, sendo que, em junho de 1958, o jornal passou a ter outra denominação: “Gazeta de Sergipe”.

A julgar pelos gráficos estabelecidos nesse texto, depreende-se que as preocupações com o ensino sergipano foram bem menores, quando relacionadas a outros temas debatidos no jornal; mas ainda assim, houve uma inclinação significativa, dentro da perspectiva de que foi um impresso interessado em promover o incentivo à formação da população, sobretudo, das pessoas originárias das camadas menos abastadas financeiramente.

O perfil combativo do jornal tinha o claro objetivo de promover politicamente os seus dirigentes, quando procurou beneficiar a população em geral. Na esfera

educacional, tentou solucionar problemas graves que atingiram o setor, porém diante da sua proposta inicial de dar especial atenção aos problemas educacionais, a atenção dada aos assuntos relacionados ao universo educativo sergipano pode ser considerada relativamente tímida, diante do conteúdo político, que o jornal procurou enfatizar.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli. “A jovem pesquisa educacional brasileira.” In: **Revista: Diálogo Educacional**. PUCPR/Curitiba – PR, Compagnat, 2000, p. 11-24.
- ALENCAR, Hunald de. “O folhetim e o subúrbio”. In: ALENCAR, Hunald de. **Morte no estuário**. Aracaju: J. Andrade. 1995, pp. 23-121.
- ARAÚJO, Acrísio Tôrres de. **Imprensa em Sergipe**. Brasília: Gráfica do Senado, 1993.
- ARAÚJO, José Carlos Souza, CARVALHO, Carlos Henrique de; GONÇALVES NETO. “Discutindo a história da educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia – MG. 1930-1950)”. In: ARAÚJO, José Carlos Souza & JÚNIOR, Décio Gatti (orgs). **Novos temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas, São Paulo: Autores Associados (Coleção: Memória da Educação), 2002, p. 61-89.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Perfil do leitor colonial**. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.
- AZEVEDO, Fernando de. “As origens das instituições escolares”. In: **A cultura brasileira**. Parte III – A transmissão da cultura. 6ª. Ed. Brasília: Editora UNB, 1996. p. 545-601.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. História da imprensa brasileira. São Paulo: Editora Ática S.A. 1990.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Personalidades sergipanas**. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.p 126-133.
- _____. “A epopéia dos duzentos anos da imprensa”: quando Luiz de Camões escreveu Os Lusíadas ele encerrou o ciclo das epopéias de pura imaginação, iniciando os cantos de ação, tendo no centro, como personagens, os mareantes portugueses. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=72416&titulo=luis Antonio Barreto>. Acessado em 20 de dezembro de 2008.
- BARRETO, Luiz Antônio. “**A epopéia dos 200 anos da imprensa (II)**”: A Ivan Valença, ao ensejo dos seus 50 anos de jornalismo”. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=72416&titulo=luis Antonio Barreto>. Acessado em 20 de dezembro de 2008.
- BARRETO, Luiz Antônio. “**A epopéia dos 200 anos da imprensa (III)**”: A opinião de adesão decorre do uso político do jornalismo, para fins de conquista ou manutenção do Poder. Muitos exemplos, deploráveis, fizeram dos jornais armas de grosso calibre. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=72416&titulo=luis Antonio Barreto>. Acessado em 20 de dezembro de 2008.
- BARRETO, Luiz Antônio. “**A epopéia dos 200 anos da imprensa (IV)**”: Durante o século XX algumas revistas encantaram o Brasil com suas seções, textos, artes, contendo o peso de seus colaboradores. O Malho, Número, Careta, Edu Sei Tudo, Dom Casmurro, Ilustração Brasileira. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=72416&titulo=luis Antonio Barreto>. Acessado em 20 de dezembro de 2008.
- BARRETO, Luiz Antônio. “**A epopéia dos 200 anos da imprensa (V)**”: Á memória de Arivaldo Fontes. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=72416&titulo=luis Antonio Barreto>. Acessado em 20 de dezembro de 2008.
- _____. “A epopéia do 200 anos da imprensa (II): A Ivan Valença,

ao ensejo dos seus 50 anos de jornalismo”. Disponível em: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=72416&titulo=luis_Antonio_Barreto. 2008.s/n.

BERGER, Miguel André. (org). **Curso normal**: situação precária, formação comprometida. Departamento de Educação: Universidade Federal de Sergipe, 1995.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em Educação**: conversas com pós-graduandos (sobre leituras, trabalhos acadêmicos e pesquisa em educação. Rio de Janeiro. 3 ed. PUC/São Paulo: Loyola, 2002.

BONTEMPI JR. Bruno. O jornal “O Estado de São Paulo” no processo de americanização: o inquérito de 1914 e o ensino moral e cívico.

Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Bruno%20Bontempi%20Jr%20-%20Texto.pdf>. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____. **A Economia das Trocas Lingüísticas**: o que falar que dizer. São Paulo. Editora da USP, 1998.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

_____. **A Leitura, uma prática cultural**: debate com Roger Chartier. In: **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

_____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice Bárbara Catani. São Paulo: Editora da Unesp: 2004.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg à Diderot. Rio de Janeiro. Zahar. 2003.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. 2ª ed. São Paulo: Editora da Unesp 1992.

CASTANHO, Sérgio E. M. “Questões teórico-metodológicas de história”. In: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (orgs). **História, Cultura e Educação**. São Paulo: Autores Associados. 2006. (Coleção educação contemporânea).

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. 2ª ed. São Paulo: Editora da Unesp. 1992.

CHAMPAGNE, Patrick. “Prefácio”. In: BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, UNESP, 2004.

CERTEAU, Michel de. “Relatos de espaço”. In: CERTEAU, Michel de. **Artes de fazer: a invenção do cotidiano**. 14 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis - Rio de Janeiro: vozes. 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. “As representações do escrito”. In: **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Metencio. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil. 2003 (Coleção Histórias de Leitura).

_____. “Mistério estético e materialidade da escrita”. In: CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)** Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora da Unesp. 2007.

_____. “Notícias escritas à mão, gazetas impressas, Cymbal e Butter”. In: CHARTIER, Roger. **Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)** Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora da Unesp. 2007.

CORREIO DE ARACAJU. “O esperado vai acontecendo”. Mar. 1955, p.

CORREIO DE ARACAJU. “Tão bom como tão bom”. Jun.. 1955, p.1

CORREIO DE ARACAJU. “Desliga-se do PSB o dr. Antônio Garcia Filho”. Ago. 1958.

CORREIO DE ARACAJU. “Desesperado!”. Ago. 1958, p.1

DANTAS, Orlando. **A vida patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. “Partido Socialista Brasileiro I”. In: Gazeta Socialista. Aracaju, 1948.

_____. “Partido Socialista Brasileiro IVX”. In: Gazeta Socialista. Aracaju, 1948.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Os partidos políticos em Sergipe (1889 -1964)**. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1989.

_____. **História de Sergipe República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2004.

DANTAS, Maria José. **Revista “Cidade Nova” e as propostas de educação**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2008. (Dissertação de Mestrado).

DANTAS, Orlando. “Convite à reflexão”. In: **Discurso**. 1967.

DUBY, Georges. “A história cultural”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa. 1998, pp. 403-433.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Tradução da versão inglesa: Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, vls 1 e 2.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão. Editora da UFS, Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (org). 2ª Ed. **Modos e ler formas de escrever: estudos de história e de escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001

_____. “O jornal e outras fontes para a história da educação: uma introdução”. In: ARAÚJO, José Carlos Souza & Júnior, Décio Gatti (orgs). **Novos temas para a História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas – São Paulo: Autores Associados (Coleção Memória da Educação), 2002, p.133-150.

FRANCA, Lucia Maria Rocha. “A Escola Normal da Província da Bahia” In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação: o ensino e a pesquisa em História da Educação: o ensino e a pesquisa em educação**, 2008.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. “O jornalismo e a construção da experiência social do presente”. In: **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão. Editora da UFS, Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005, p111-159.

FREITAS, Itamar. **Verdade sobre jornais**. s.n.t./s/d. [Digitado].

FREYRE, Gilberto. “Anúncios de jornais brasileiros do meado e do fim da era imperial (Grupo I). In: FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: desenvolvimento do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 10ª Ed. Rio de Janeiro - São Paulo: Editora da Record. 1998.

GAZETA SOCIALISTA. “Tem novo diretor a “Gazeta Socialista”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 61, 23 jul. 1949, p. 1

_____. “Curso de desenho técnico”. In: **Gazeta Socialista** Aracaju. Nº 62, 6 ago. 1948, p. 4

_____. “Congresso estudantil”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 69, 24 out. 1949, p. 1.

_____. “Manifesto à classe estudantil”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 70, 01 out. 1949, p. 2

_____. “A declaração de princípios do II Congresso dos estudantes secundários de Sergipe”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 76, 12 nov. 1949, p. 2

_____. “Vida estudantil: Tem novo inspetor federal o Colégio Estadual de Sergipe”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 89, 18 fev. 1950. p. 2-4

_____. “Vida estudantil” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 91, 4 mar. 1950, p.4.

_____. “Vida estudantil”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 96, 15 abr. 1950, p.1.

_____. “Importante bancada Socialista cria o Colégio Municipal de Aracaju: Projeto de Lei nº 15 cria o Colégio Municipal de Aracaju”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 94, 25 mar. 1950. p. 4.

_____. “Gazeta na sociedade”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju, Nº 90, 25 fev. 1950, p.p 1- 4 .

_____. “Gazeta na Sociedade”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 101, 20 mai.. 1950, p. 4.

_____. “Projeto atende a uma das maiores necessidades”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 104, 10 jun.1950, p. 1.

_____. “União dos Estudantes Secundários: Semana do estudante de 5 a 11 de agosto”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº112, 5 ago. 1950, p. 2

_____. “Gazeta na sociedade.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 126, 17 fev. 1951, p. 2.

_____. “Novas instalações no Ginásio “Jackson de Figueiredo”: coquetel à imprensa.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 129, 3 mar. 1951, p. 1.

_____. “Faculdade de Direito.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 130, 17 mar. 1951, p. 1.

_____. “Festa no ginásio Tobias Barreto”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 138, 26 maio. 1951, p.4

_____. “Festa na Academia de Direito.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 139, 2 jun. 1951. p. 4.

_____. “Eleições no grêmio “Tobias Barreto”.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 140, 9 jun. 1951, p. 4.

_____. “José Gomes da Silva.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 145, 14 jul. 1951, p. 4.

_____. “Congresso nacional dos estudantes superiores.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 147, 21 jul. 1951, p. 4.

_____. “Semana do estudante.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 148, 4 ago. 1951, p. 4.

_____. “Festival artístico.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 149, 11 agosto. 1951, pp.1-4.

_____. “Rainha da Escola Técnica de Comércio.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 157, 6 out. 1951, p. 4.

_____. “A posse do Diretório da Faculdade de Ciências Econômicas”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 165, 1 dez. 1951, p. 4.

_____. “Gazeta Socialista”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 170, 2 fev.1952, p. 4.

_____. “Movimento estudantil”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 177, 22 mar. 1952, p. 2.

_____. “Eleita e empossada a nova diretoria do centro acadêmico “Sílvio Romero”. In: **Gazeta Socialista**. Nº 183, 7 jun. 1952, p. 2.

_____. “Partido Socialista Brasileiro I”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju, Nº 1, 15 maio. 1948, p. 1

_____. “Gazeta Socialista”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº1, 15 mai. 1948. p.1.

_____. “Partido Socialista Brasileiro XIV”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju, Nº 14, 14 ago. 1948, p.1

_____. “Gazeta Socialista precisa de vosso auxílio”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju, Nº7, 26 mai. 1948, p1

_____. “Prof. Walter B. Jones”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 01, 15 mai.1948, p.4

_____. “Será inaugurada no dia 7 de setembro a escola de Desenho Industrial para Operário”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 17, 04 set. 1948.

_____. “Programa do PSB: educação e saúde”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 17, 04 set. 1948, p. 4

_____. “Melhor localização para a Escola Rural de Aguada”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju, Nº 25, 13 nov. 1948, p. 3

_____. “Instituto de Educação Rui Barbosa. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 27, 27 nov. 1948, p.01

_____. “Curso prático de desenho”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 27,27 no v. 1948, p. 4.

_____. “Programa do PSB”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 17, 04 set. 1948, p. 4.

_____. “Comissão Estadual do PSB”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 1, 15 mai. 1948.

_____. “Penetre vantajosamente no seu futuro”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 32, 1 jan. 1949, p. 4.

_____. “A Escola Industrial de Aracaju homenageia o professor Artur Santana”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 81, 17 dez. 1949, p.2.

Oliveira, José Bernardo. “O caso do orientador religioso”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 101, 20 mai. 1956, p.4.

_____. “Congresso estudantil é caso de polícia” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 122, 4 nov. 1950, p. 1.

_____. “Congresso dos estudantes secundários”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 146, 21 jul. 1951, p.1.

_____. “Os alunos da Escola de Comércio”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 151, 25 ago. 1956, p.1.

_____. “Lutam mos estudantes contra”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 163, 17 nov. 1951, p.1.

_____. “Os vencimento do magistério primário”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 6, 18 fev. 1956, p.4.

_____. “Educação cultura e a mensagem governamental”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 12, 31 mar. 1956, p.1.

_____. “Ensino primário III”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 13, 7 abr. 1956, p.4.

_____. “Ensino primário IV”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº14, 14 abr. 1956, p.4.

_____. “Palestra cívica na Escoa Industrial de Aracaju”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 15, 21 abr. 1956, p.4.

_____. “Centro Acadêmico da Faculdade de Economia – conferência Menezes Cortes”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 16, 28 abr. 1956, p.1.

_____. “Novos professores para a Escola Industrial”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 18, 12 mai. 1956, p.3.

_____. “Reformar o ensino primário?”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 19, 19 mai. 1956, p.6.

_____. “Telhado da Escola Industrial de Aracaju”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 20, 26 mai. 1956, p.4.

_____. “Educação cultura: Ao Colégio estadual de Sergipe”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 21, 2 jun. 1956, p.6.

_____. “Educação e cultura: o governo promove greve”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 22, 9 jun. 1956, p.6.

_____. “Educação e cultura: professores de escolas rurais”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 26, 7 jul. 1956, p.6.

_____. “Desilusão de muitos”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 29, 28 jul. 1956, p.6.

_____. “VI Congresso dos estudantes superiores de Sergipe”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 38, 15 set. 1956, p.2.

_____. “Problemas sociais: o professorado primário”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 46, 13 out. 1956, p.4.

_____. “Empolgante o IV Congresso dos estudantes secundários”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 161, 3 nov. 1956, p.1.

_____. “Lutam os estudantes”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 163, 17 nov. 1956, p.1.

_____. “Instituto de Educação”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 87, 2 mar. 1957, p.1.

_____. “Faculdade de Direito”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 88, 7 mar. 1957, p.1.

_____. “Faculdade de Direito”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 91, 14 mar. 1957, p.1.

_____. “As taxas do Instituto de Educação Rui Barbosa”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 201, 7 dez. 1957, p.3.

_____. “Convites recebidos”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 201, 7 dez. 1957, p.3.

_____. “Exposição na Escola Industrial de Aracaju”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 207, 21 dez. 1957, p.1.

_____. “Novas professores para Sergipe”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 207, 21 dez. 1957, p.1.

_____. “Teatro do Colégio estadual representará pela primeira vez”. In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 266, 24 mai. 1958, p.1.

GANDINI, Raquel. **Intelectuais, Estado e educação**: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – 1944-1952. Campinas: UNICAMP, 1995, p.197-222.

GRAÇA, Teresa Cristina Cerqueira da. **Pés-de-anjo e letreiros de neon**: ginasianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão: editora da UFS. Aracaju. 2002.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Dicionário Biobliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Oficinas da Empresa Gráfica Paulo Pongetti e Cia. 1925.

GUINZBURG, Carlo. **Mito, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Fernando Pío de Almeida Fleck. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Trad. Maria da Penha V. e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo. 1985.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: Leituras**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning. 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A (Coleção: O que você precisa saber sobre). 2001.

LUCA, Tânia Regina de. “Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos impressos”. In: PINSKY, Carla Bassanzi (org. Fontes históricas, 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luíza. (Orgs) “Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil”. In: **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2008.

MARTINS, Ana Luíza. **Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MEIHY, Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola. 1996.

MICELLI, Sérgio. “A força do sentido”. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva. 2005, p. VII-LXI

MOMENTO. REVISTA CULTURAL DA GAZETA DE SERGIPE. Aracaju, 1976.

MOURA, Humberto. “Desapropriação por utilidade pública.” In: **Gazeta Socialista**. Aracaju. Nº 178, 29 Mar. 1956. p. 2.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de história da educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED. (Coleção: O que é História). 2003.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do e FREITAS, Itamar. “A Revista em Sergipe”. In: **Revista de Aracaju**/Prefeitura Municipal de Aracaju. Ano LIX; nº 09, 2002.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **O Escotismo e impressos**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (I)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (I)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (III)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (IV)**. Último acesso em 2 de

fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (V)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (VI)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (VII)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (VIII)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (IX)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A Biblioteca do povo e das escolas (X)**. Último acesso em 2 de fevereiro de 2009. Disponível em: http://jorge.carvalho.zip.net/arch2008-03-30_2008-04-05.html

www.wikipedia.org/wiki/Partido_Socialista_Brasileiro (primeiro acesso em 30 de outubro de 2008).

NUNES, Maria Thétis. **A História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. Discurso. **Revista da Academia Sergipana de Letras**. nº 30. Ministério do Interior/Fundação Augusto Franco. 1983.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista-SP, EDUSF, 2000.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. “Imaginário científico e História da Educação”. In: VEIGA, Cyntia Greive e FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. (orgs). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica/ CNPq, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; GONÇALVES, Luiz Carlos. **Revendo o Ensino de 2º Grau propondo a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1990 (Coleção Magistério – 2º Grau).

SANTOS, Ana Luzia dos. **Educação na imprensa católica: as representações do jornal “A Defesa” sobre a formação da juventude (1960-1969)**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2005. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Fábio Alves dos. **Olhares de Clio sobre o universo educacional: um estudo das monografias sobre educação do Departamento de História da UFS – 1996-2002**. DHI, CECH, UFS, 2002.

SILVA, Maria Lúcia Marquez Cruz e. **Revista Litteraria do Gabinete de Leitura de Maroim (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe – UFS, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SIRINELLI, Jean François. “As elites culturais”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. **Para uma história cultural**. Ana Moura. (Trad). Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. **Por uma história política**. René Rémond (org.); Dora Rocha (trad.) Rio de Janeiro: UFRJ- Fundação Getúlio Vargas. 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Josefa Eliana de. **Nunes Mendonça: um escolanovista sergipano**. São Cristóvão, SE: Editora UFS. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2ª ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1992.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Entrevistas:

BRANDÃO, Iêda Dantas. Entrevista concedida no dia 15 de outubro de 2008.

BARRETO, Luiz Antônio. Entrevista concedida no dia 2 de fevereiro de 2009.

Jornais:

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 1,15 Mai. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 5, 15 Jun.1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 6, 19 Jun1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 7, 26 Jun. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 10,31 Jul. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº,11, 24 Jul.1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 12, 31 Jul. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 13, 31 Jul. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 14, 14 Ago. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 15, 21, Ago. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 16, 28 Ago. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 17, 4 Set. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 21, 16 Out. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 22, 23 Out. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 23, 30 Out. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 25, 13 Nov. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 27, 27 Nov. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 28, 4 Dez.1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 30, 23 Dez. 1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 31, 25 Dez.1948.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 32, 1 Jan 1949.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 36, 29, Jan. 1949.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 37, 05 Fev. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 38, 12 Fev. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 39, 19 Fev. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 40, 26 Fev. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 41, 5 Mar. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 43, 19 Mar. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 45, 2 Abr. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 46, 9 Abr. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 47, 19 Abr. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 48, 23 Abr. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 49, 30 Abr. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 50, 7 Mai., 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 51, 14 Mai. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 52, 21 Mai. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 53, 28 Mai. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 54, 4 Jun. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 55, 18 Jun. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 56, 25 Jun. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 57, 2 Jul. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 58, 16 Jul. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 60, 23 Jul. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 61, 30 Jul. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 62, 6 Ago. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 63, 13 Ago. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 64, 20 Ago. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 65, 20 Ago. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 67, 10 Set. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 68, 17 Set. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 69, 24 Set. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 70, 1 Out. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 71, 8 Out. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 72, 15 Out. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 73, 22 Out. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 74, 29 Out. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 75, 11 Out. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 76, 12 Nov. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 77, 19 Nov. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 78, 26 Nov. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 79, 3 Dez. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 81, 17 Dez. 1949.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 84, 7 Jan. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 85, 20 Jan. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 86, 21 Jan. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 87, 4 Fev. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 88, 10 Fev. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 89, 18 Fev. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 90, 25 Fev. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 91, 4 Mar. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 92, 11 Mar. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 93, 18 Mar. 1950.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 94, 25 Mar. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 95, 1 Abr.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 96, 15 Abr. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 97, 22 Abr.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 98, 29 Abr.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 99, 6 Mai. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº100, 13 Mai. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 101, 20 Mai. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 102, 27 Mai. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 103, 3 Jun. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 104, 10 Jun. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 106, 24 Jun. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 107, 1 Jul. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 108, 8 Jul. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 109, 15 Jul. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 110, 22 Jul. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 111, 29 Jul. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 112, 5 Ago. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 113, 12 Ago. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 114, 19 Ago. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 115, 26 Ago. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 116, 2 Set. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 117, 9 Set. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 118, 16 Set. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 119, 23 Set. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 120, 19 Out.1950
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 121, 29 Out. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 115, 26 Ago.1950
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 103, 3 Jun.1950
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 104, 10 Jun.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 105, 17 Jun.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 106, 24 Jun.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 107, 1 Jul.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 108, 8 Jul.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 109, 15 Jul.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 110, 22 Jul.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 111, 29 Jul. 1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 112, 5 Ago.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 113, 12 Ago.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 114, 19 Ago.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 116, 2 Set.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 117, 9 Set.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 118, 16 Set.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 119, 23 Set.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 123, 11 Nov.1950.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 124, 3 Fev.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 125, 10 fev.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 126, 17 Fev. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 127, 24 Fev. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 128, 3 Mar.1951.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 128, 10 Mar. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 130, 17 Mar.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 138, 26 Mai.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 139, 2 Jun.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 140, 9 Jun.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 145, 14 Jul.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 146, 21 Jul. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 147, 28 Jul.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 148, 4 Ago.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 149, 11 Ago. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 150, 18 Ago.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 152, 1 Set. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 153, 8 Set. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 155, 22 Set.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 157, 6 Out. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 158, 13 Out. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 160, 27 Out. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 161, 10 Nov. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 163, 17 Nov.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 165, 1 Dez. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 166, 7 Dez.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 167, 14 Dez. 1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 168, 21 Dez.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 169, 28 Dez.1951.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 170, 2 Fev. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 171, 9 Fev. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 173, 23 Fev. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 174, 1 Mar. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 175, 8 Mar. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 176, 15 Mar. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 177, 22 Mar. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 178, 29 Mar. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 179, 12 Abr. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 180, 26 Abr. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 181, 17 Mai. 1952
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 182, 24 Mai. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 183, 7 Jun. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 184, 14 Jun. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 185, 21 Jun 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 186, 28 Jun. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 187, 5 Jul. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 188, 12 Jul. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 189, 19 Jul. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 190, 26 Jul. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 191, 2 Ago. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 196, 5 Set. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 198, 20 Set. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 199, 27 Set. 1952.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 1, 13 Jan.1956.
Gazeta Socialista Aracaju, Nº 2, 20 Jan.1956.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 3, 27 Jan.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 4, 4 Fev. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 5, 11 Fev. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 6, 18 Fev.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 7, 25 Fev.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 8, 3 Mar. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 9, 10 Mar. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 10, 17 Mar.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 11, 24 Mar.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 12, 31 Mar.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 12, 31 Mar.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 13, 7 Abr. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 14,14 Abr.1956.
Gazeta Socialista Aracaju, Nº 15, 21 Abr.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 16, 28 Abr.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 17, 5 Mai. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 18, 12 Mai.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 19,19 Mai. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 20, 26 Mai.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 20, 26 Mai. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 21, 2 Jun. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 23, 16 Jun.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 24, 23 Jun.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº25, 30 Jun.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 26, 7 Jul. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 27, 14 Jul.1956.
Gazeta Socialista Aracaju, Nº 28, 21 Jul. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 29, 28 Jul.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 30, 4 Ago. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 31, 11 Ago. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 32, 18 Ago.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 33, 25 Ago.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 34, 1º Set. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 36, 8 Set. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 37, 12 Set. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 38, 15 Set. 1956.
Gazeta Socialista Aracaju, Nº 39, 19 Set. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 40, 22 Set. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 41, 26 Set. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 42, 29 Set. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 43, 3 Out. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 44, 6 Out. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 45, 10 Out. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 46, 13 Out. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 47, 17 Out.1956.
Gazeta Socialista Aracaju, Nº 48, 20 Out. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 49, 24 Out.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 50, 27 Out.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 51, 31 Out.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 52, 3 Nov. 1956.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 53, 7 Nov. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 54, 10 Nov.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 55, 14 Nov.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 56, 17 Nov.1956.
Gazeta Socialista Aracaju, Nº 57, 21 Nov. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 58, 25 Nov.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 59, 28 Nov.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 60, 1º Dez. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 61, 5 Dez. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 62, 8 Dez. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 63, 12 Dez. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 64, 15 Dez 1956.
Gazeta Socialista Aracaju, Nº 65, 19 Dez. 1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 66, 22 Dez.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 68, 29 Dez.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 67, 26 Dez.1956.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 69, 2 Jan.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 70, 5 Jan.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 71, 9 Jan. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 73, 16 Jan. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 77, 26 Jan. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 78, 30 Jan. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 78, 30 Jan. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 79, 2 Fev.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 80, 6 Fev.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 81, 9 Fev. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 82, 13 Fev.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 83, 16 Fev. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 84, 20 Fev. 1957
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 85, 23 Fev. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 86, 27 Fev. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 87, 2 Mar.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 88, 7 Mar.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 89, 9 Mar.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 90, 12 Mar.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 91, 14 Mar.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 92, 16 Mar. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 93, 19 Mar. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 94, 21 Mar. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 95, 23 Mar. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 96, 26 Mar. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 97, 28 Mar. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 98, 30 Mar. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 99, 2 Abr. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 100, 4 Abr.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 101, 6 Abr.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 102, 9 Abr. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 103, 11 Abr.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 104, 13 Abr.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 105, 16 Abr. 1957.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 106, 18 Abr.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 107, 23 Abr. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 108, 25 Abr. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 109, 27 Abr. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 110, 2 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 111, 4 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 112, 7 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 113, 9 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 114, 11 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 115, 14 Mai. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 116, 16 Mai. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 117, 18 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 118, 21 Mai. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 119, 23 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 120, 25 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 121, 28 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 122, 30 Mai.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 123, 1 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 124, 4 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 125, 6 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 127, 11 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 128, 8 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 128, 13 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 129, 15 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 130, 18 Jun. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 131, 20 Jun. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 132, 22 Jun. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 133, 27 Jun.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 134, 29 Jun. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 135, 2 Jul.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 136, 4 Jul. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 137, 6 Jul.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 138, 11 Jul.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 140, 16 Jul.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 141, 18 Jul. 1957
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 142, 20 Jul.. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 143, 23 Jul. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 144, 25 Jul. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 145, 27 Jul.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 146, 29 Jul.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 147, 1 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 148, 3 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 149, 6 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 150, 9 Ago. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 151, 10 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 152, 13 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 153, 15 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 154, 17 Ago. 1957
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 155, 20 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 156, 22 Ago. 1957.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 157, 24 Ago. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 158, 27 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 159, 28 Ago.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 160, 31 Ago. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 161, 3 Set.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 162, 5 Set.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 163, 7 Set. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 164, 10 Set.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 165, 12 Set. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 166, 14 Set.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 167, 17 Set. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 168, 19 Set. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 169, 21 Set. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 170, 24 Set. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 171, 26 Set. 1957
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 172, 28 Set. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 173, 1 Out.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 174, 3 Out.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 175, 5 Out.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 176, 8 Out.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 177, 10 Out.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 178, 12 Out.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 179, 15 Out.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 180, 17 Out. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 181, 18 Out. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 182, 22 Out. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju. Nº 183, 24 Out. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 184, 26 Out. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 185, 29 Out. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 186, 31 Out. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 187, 5 Nov.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 188, 7 Nov.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 189, 9 Nov.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 190, 12 Nov.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 191, 14 Nov.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 192, 19 Nov. 1957
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 193, 21 Nov. 1957
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 194, 23 Nov. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 195, 26 Nov.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju. Nº 196, 28 Nov. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 197, 30 Nov. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 198, 3 Dez.1957
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 200, 5 Dez.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 201, 7 Dez. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 202, 10 Dez.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 203, 12 Dez.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 204, 14 Dez.1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 205, 17 Dez. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 206, 19 Dez. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 207, 21 Dez 1957.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 208, 24 Dez. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 209, 29 Dez. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 210, 31 Dez. 1957.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 211, 4 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 212, 9 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 213, 11 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 214, 14 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 215, 16 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 216, 18 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 217, 21 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 218, 23 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 219, 25 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 220, 28 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 221, 30 Jan. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 223, 4 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 224, 6 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 225, 8 Fev.. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 226, 11 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 227, 13 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 228, 15 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 229, 20 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 230, 22 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 231, 25 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 232, 27 Fev. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 234, 4 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 232, 6 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 236, 8 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 237, 11 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 239, 15 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 241, 20 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 242, 22 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 243, 25 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 244, 27 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 245, 29 Mar. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 246, 1 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 247, 3 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 248, 8 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 249, 10 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 250, 12 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 251, 15 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 252, 17 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 253, 19 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 254, 24 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 255, 26 Abr. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 256, 26 Abr.. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 257, 1 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 258, 4 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 259, 8 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 260, 10 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 266, 24 Mai. 1958.

Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 267, 27 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 361, 15 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 262, 15 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 263, 17 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 264, 20 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 265, 22 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 269, 31 Mai. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 270, 3 Jun. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 271, 5 Jun. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 272, 7 Jun. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 273, 10 Jun. 1958.
Gazeta Socialista. Aracaju, Nº 274, 12 Jun. 1958.

ANEXOS

ANEXO I – ENTREVISTAS

Entrevista com Ieda Dantas Brandão, realizada no dia quinze de outubro de 2008.

P: Bom dia! O nome completo da senhora, por favor!

R: Iêda Dantas Brandão.

P: Qual o grau de parentesco que a senhora tem com Orlando Dantas?

R: Sou filha de Orlando Vieira Dantas e Dulce Menezes Dantas

P: Orlando Dantas, sempre foi jornalista?

R: Olhe, toda ida ele foi estudioso e gostava de escrever e fazer artigos, já mesmo na faculdade. Ele tomava a frente e ouvi falar que tinha um jornalzinho, desse jornal mesmo de estudante e ele cooperava porque gostava muito disso.

P: Então ele sempre foi interessado em fazer publicações em jornais?

R: É

P: Pela publicação em jornais?

R: Exatamente.

P: D. Iêda, quando foi que Seu Orlando criou o primeiro jornal dele

R: Olhe, eu não me lembro bem qual foi o primeiro, mas teve um tempo que foi o “Nordeste”, não foi isto o que eu falei? Foi o jornal “Nordeste”, isso eu não sei bem. Quem pode informar é Paulo Roberto [refere-se ao seu filho Paulo Roberto Dantas Brandão]

P: E depois de o “Nordeste”?

R: Depois do “Nordeste” foi a “Gazeta”. A “Gazeta de Sergipe” que o primeiro nome foi “Gazeta Socialista”, porque ele era socialista convicto e só podia defender o que ele acreditava.

P: Ele se tornou socialista por causa do Partido Socialista?

R: É porque ele lia muito. Ele entendia muito dessas coisas de partido e achava que o socialismo estava no... Era o melhor que podia ser para o Brasil. E que os amigos... Ele já era Deputado Federal. Ele era muito amigo de... Daquele socialista, como é mesmo o nome dele... Da turma socialista do tempo dele, que eu agora não estou me lembrando o nome, mas posso verificar depois.

P: Então ele já tinha amigos socialistas?

R: Tinha João Mangabeira, tinham outros mais conhecidos.

P: Ele criou o Partido Socialista em Sergipe?

R: Sim. Criou o Partido Socialista em Sergipe, com alguns adeptos.

P: E o jornal “Gazeta Socialista”, ele criou para servir ao Partido ou ele criou porque queria ter uma empresa de jornal?

R: Olhe, eu tenho a impressão que ele criou para o Partido.

P: Então ele criou para o partido?

R: É.

P: como órgão do Partido?

R: É porque diz aqui [olha algumas anotações feitas por ela] os que colaboraram com ele na fundação do jornal. Sou ruim de cabeça... Quais foram meu Deus. Um desses aqui... Eu disse até o nome de três aqui, mas não estou me recordando.

P: E esta “gazeta” D. Ieda, era ele quem mantinha as despesas do jornal?

R: É. Era. Tudo dele.

P: Tudo dele?

R: É. Olhe aqui [lê anotação] diz que teve uma ajuda, agora não sei como.

P: E ele pagava também às pessoa que ajudavam , que colaboravam? As pessoas que colaboravam com a “Gazeta” recebiam ou colaboravam por amizade a Seu Orlando?

P: essas coisas assim, eu não sei não.

P: E quanto tempo a “Gazeta Socialista” funcionou, a senhora sabe?

R: de 56[1956] não é? Mas não sei assim de data. Eu não sei dizer quando ele passou as ser... Mudar de nome porque se botasse socialista já era uma afronta. Naquele tempo o socialismo não podia existir no Brasil. E etc e tal... Então ele teve que trocar de nome.

P: Então, pra continuar com a prática do jornalismo ele teve que negar o socialismo?

R: Foi. E trocar o nome pra “Gazeta de Sergipe”.

P: Mas o posicionamento político dele não mudou? Ele continuou sendo...

R: Continuou o mesmo.

P: Então a mudança do nome de “Gazeta Socialista” pra “Gazeta de Sergipe”, foi devido a pressão política?

R: Deve ser. Não tenho muita certeza.

P: Agora, D. Ieda, veja: nas folhas do jornal que eu tive contato, eu li muito alguns textos que tratam de educação, de formação de jovens. Seu Orlando era preocupado com estas coisas? Com a formação do jovem?

R: Toda a vida. Ele tinha... Primeiro tinha a usina em Divina Pastora e tinha escola boa, professora.

P: Dentro da usina?

R: Dentro da usina. Era assim. Toda a vida ele se preocupou muito e continuou se preocupando. Quando a usina passou pra Capela, toda a vida teve, teve professor e era a usina que fornecia tudo.

P: Pra ensinar aos meninos?

R: Aos meninos.

P: Aos que moravam na usina. Os pais trabalhavam lá?

R: Toda vida ele se preocupou muito com o estudo.

P: Pelo que tenho lido a preocupação dele era sempre com a juventude.

R: Com a juventude. É.

P: Então ele...

R: Ele tinha amigos de todas as idades. Ele era interessante, mesmo já com certa idade, tanto era amigo do moço como do velho. Ele não fazia diferença.

P: Pelo que li, ele era uma pessoa que se preocupava muito com a formação. As pessoas têm que estudar para ter um... Digamos assim...

R: Um grau de cultura boa, não é?

P: Agora, ele fazia algum tipo de... No caso da educação, a preocupação dele com a educação no estado, ele fazia algum tipo de denúncia, através do jornal?

R: Ah, fazia, fazia. Tudo o que tivesse errado, ele denunciava no jornal. Ele denunciava e tinha isso, quando o artigo era assinado, muito bem, se não assinassem e tivesse qualquer coisa ele era responsável.

P: É isso, D. Ieda. Eu tenho encontrado no jornal muitos textos que não têm assinatura. Então ele assumia a responsabilidade?

R: Ele assumia, assumia. Toda a vida foi assim,

P: E nos lugares, por exemplo: alguma escola estava querendo colocar algum anúncio no jornal ou alguma organização de jovens. Ai convocava a equipe da “Gazeta”, eles eram bem aceitos onde chegassem?

R: Olhe esse negócio particular da “Gazeta”, eu não sei lhe responder.

P: Está certo.

R: Eu sei isso aqui por exemplo. O que eu escrevi foi o que pude apurar, mas assim, a forma... Não!

P: Sim.

R: Mas era combatido ele e muito viu? Muito combatido.

P: Mas não desistia?

R: Não desistia. Na época em que ele foi... Você me perguntou sobre Seixas Dória e houve um atrito entre ele e Leandro, não é? [Leandro Maciel]

P: Na época em que ele criou a “Gazeta” D. Ieda, a senhora se lembra se existiam outros ou quais eram os outros jornais daqui de Sergipe?

R: Não, não me lembro não. Assim, outros jornais... Não lembro.

P: Não lembra?

R: Mas tinham poucos jornais. Tinha o jornal da igreja, esse, como era o nome?

P: “A Cruzada”?

R: “A Cruzada.” Tinha o jornal de quem mais? Não, não me lembro.

P: Mas existiam poucos?

R: É. Porque tudo o que eu estou lhe dizendo, eu pesquisei, porque minha memória não é boa, então eu pesquisei pra ter certeza.

P: Sei. Agora, eu encontro também, eu li em algumas folhas da “Gazeta Socialista”, D. Ieda, e eu encontrei uma informação de um curso de formação técnica da Suíça. Seu Orlando tinha algum representante fora, que mandava as informações pra cá, a senhora sabe ou não?

R: Não Ele tinha um amigo, o... Deixe eu ver o nome dele... Que morava na Suíça, quer dizer, era daqui de Aracaju, Carlos Oliveira, não sei se foi esse. Ele muito amigo de Carlos Oliveira e Carlos Oliveira foi gtr5abalhar lá na Europa, passou muito tempo na Suíça. É só o que eu sei. Se comunicavam.

P: Sei. Lá ainda pelos anos 40[1940]?

R: Não.

P: Foi depois?

R: Foi depois.

P: Algumas vezes, D. Ieda, também, a gente viu assim: a “Gazeta” funcionou e depois eu encontrei assim, porque eu estou pesquisando o jornal um a um, então eu encontrei de 40[1940], eu encontrei até 50[1950], depois parou e si voltou em 56[1956]. A senhora sabe porque passou um tempo parado?

R: Não sei não.

P: Não sabe dizer, não é?

R: Não me recordo.

P: E o fato de ele ter sido eleito Deputado estadual e deputado federal, causou o fechamento do jornal?

R: Não porque ele começou o jornal... Ele foi deputado em... Não sei bem se foi em 50[1950], foi no tempo de Getúlio,. Ainda naquela segunda fase de Getúlio.

P: De 30[1930] a 40[1940]?

R: Não, foi depois. Mais... Ele foi mas não...

P: Ele tinha boa relação com Getúlio?

R: Depende, Getúlio tinha duas posições, a primeira foi muito ruim. Depois ele ficou mais humano aí passou a ser o “pai do pobre”. Aí já foi uma relação melhor, mas não tinha não. Apenas porque a pessoa mais importante de Getúlio era sergipano, era... Eu não gosto de conversar por causa disso, porque eu me esqueço.

P: Ele se tornou mais próximo de Getúlio depois da descoberta do petróleo?

R: Ah, ele foi um dos defensores do petróleo. Foi naquela época que ele era deputado federal. Tinha até lugares que ele fazia conferência sobre “O petróleo é nosso”. Foi um grande defensor. Naquela época estava no Rio porque era no Rio que tinha a Câmara de Deputados, não é?

P: Ele conheceu lá também, Domingos Velascos?

R: Domingos Velascos era um grande amigo dele. Do mesmo Partido Socialista.

P: Do Partido Socialista, é. Eu li sobre Domingos Velascos no jornal. Então eu imagino que ele tinha um bom relacionamento com Domingos Velascos.

R: É tinha.

P: Inclusive Domingos Velascos assinou alguns textos da “Gazeta”.

R: É, mas esses pormenores eu não sei e nem me lembro.

P: Certo. Agora, falando do pai de Seu Orlando, D. Ieda, ele foi presidente da Província em que ano mesmo?

R: Não ele... Ah, do pai de Orlando?

P: É. Do pai.

R: Ele. Me parece que foi de 28[1928] à 30[1930]

P: de 28[1928] à 30[1930]

R: É.

P: E a influência? Seu Orlando entrou no mundo da política seria por influência do pai ou porque gostava?

R: Não, porque a família toda sempre era política. Mas ele, nessa ocasião, ele não teve cargo nenhum. Ele não teve cargo nenhum. O irmão dele teve um cargozinho aí de não

sei o quê, mas não era nada não. Heribaldo Vieira que é primo dele, da parte de pai e de mãe, não sabe?

P: Heribaldo Vieira?

R: É. Dantas Vieira. Ele tinha o cargo de não sei de que lá, mas na estou muito me recordando, não. Eu pra me recordar e preciso ler e ver, estudar e depois, dois minutos depois eu não sei mais o que foi que li. Você vai me desculpar.

P; Não tem problema.

R: Mas se você procurar Paulo Roberto, ele tem boa memória, ele sabe.

P: Agora, D. Ieda, me fale uma coisa: Seu Orlando além de político e jornalista, ele também, gostava de escrever, não é?

R: É. Não escrever assim, por exemplo livros, ele escreveu poucos, mas escreveu. Mas assim sobre cana-de-açúcar ele tem um.

Eu tenho aqui todos os livros dele. E tem os discursos dele e tem o livro que ele fez mesmo. Chegue aqui um bocadinho pra eu ver. Que tenho aqui um lugarzinho separado [convida para olhar a biblioteca]. Olhe: “A vida patriarcal de Sergipe”, esse foi o livro que ele fez. Esse é assim, “Conexões e reflexões em 67”. Foi quando ele era deputado. Aqui é o discurso dele. Ele tem os discursos. Olhe... Não esse é de outra pessoa, é de Zózimo Lima, sobre o Barão de Maruim, que era parente dele. O que é mais... . Não, esse não é dele, não. É que a gente arruma e depois desarruma... Ele tinha muitos amigos. Artur Fortes era um dos amigos dele, que ele gostava muito. Zózimo Lima, compadre. Olhe: “Política e desenvolvimento econômico de Sergipe”, Orlando Dantas 74 [1974]. Ele escrevia essas coisas assim.

P: Ele escrevia mais ligado á política e economia?

R: Economia é E a vida dele... Era muito amigo de José Calasans Brandão da Silva que mora em – morava, agora ele faleceu- na Bahia, que defendia a história de Canudos. Canudos era a especialidade dele. José Calasans. Esses livros velhos dele assim eu guardo todos e... Deixe ver o que eu posso mostrar. Pois é, livro assim tem aqui por acaso só tem um, é “Problema açucareiro de Sergipe” em 44 [1944], foi um os primeiros. Ele fez só esse. Mas esse livro... Ele perdeu todos os livros. Não sei como foi, mas um amigo disse: “Ah, Orlando eu tenho lá um livro seu e vou mandar pra não ficar sem nenhum.

P: Então essa foi a primeira obra dele?

R: Foi. Que eu saiba, foi.

P: O discurso de posse de quando ele foi deputado federal, a senhora não te, D. Ieda?

R: Não, não tenho não. Eu tinha o discurso de posse de quando ele tomou posse na Academia de Letras, Academia Sergipana de Letras.

P: Ah, é?

R: É. Tem, porque sai muito no jornal e eu tenho o jornal e tem o discurso dele.

P: Está certo. D. Ieda. Agora...

P: Quanto a isso, você procure Paulinho, que Paulinho lhe explica as coisas direitinho. Vivia com ele, tudo... Agora sabe? Homem assim, não fica muito dentro de casa falando no que faz não.

P: Eu sei. D. Ieda, Seu Orlando nasceu em que data? A senhora sabe?

R: Sei. Nasceu em 28 de setembro de 1900.

P: 1900. Nasceu em Capela (Se)?

R: R: Em Capela. Numa fazenda de Capela. Não lembro... Mas eu tenho todas as datas.

P: Então ele se tornou homem público ainda muito jovem, não foi?

R: Foi. Eu acho que tem gente que já nasce assim, não é? Com tendência. Ele foi... Sempre tomou conta, depois que o pai dele morreu, antes mesmo, já tomava conta da Vassoura [Usina Vassoura]. Ele com o irmão. Depois... Ele era assim idealista. Era idealista. Ele quando pensava numa coisa ele fazia. Tinha a Usina Vassouras, em Divina Pastora. Era uma região assim: aqui estava a cidade de Divina Pastora toda rodeada de outras fazendas, de outras usinas.

P: Sei.

R: Usinas pequenas, que não produziam. Era terrível aquilo ali. Tinha o “Mato grosso” dos Rollemberg, tinha ao sei quem. Tudo ali. Ele aí disse: “Ah, aqui não dá. Quero comprar terra e ninguém vende. E negócio só assim, amarrado não dá”. Aí no tempo difícil, ele mudou a usina pra Capela.

P: Pra Capela?

R: Foi. Todos diziam: “Isso é loucura, isso é loucura!” Mas mudou e no princípio foi muito bom. Melhorou Capela. Capela estava uma desgraça ouviu. Melhorou Capela. Eu acho que todo mundo tinha emprego e tinha tudo. Mas você sabe, quando morre a cabeça, o corpo sofre, não é? Aí quando ele morreu o negócio não sustentou.

P: Então a primeira usina foi em Divina Pastora?

R: Foi, foi. Que era do avô dele. O avô dele era muito rico e quando morreu deixou varias coisas pra vários filhos, porque ele tinha muitos filhos, não é? Lá em... Naquela região toda de Capela, de... tem outra cidadezinha... Divina Pastora, Capela, por ali assim.

Ele.. Santa Rosa. Tinha o “Moco” tudo era dele. Então ele... Os filhos às vezes ficavam, pra... Diziam: “Não, mas é outra família” Não. Não é. É porque a filha do velho era casada com essa outra família, sabe?

P: Certo. D. Ieda, o primeiro cargo político dele foi...

R: Agora teve muito cargo. Assim, não grandes cargos mas ele teve muitos.

P: E o primeiro político, foi o de deputado estadual?

R: foi deputado... Não, primeiro foi, ele era bem moço anda, foi prefeito de Divina Pastora.

P: Ah, ele foi prefeito de Divina Pastora?

R: Foi. De Divina Pastora?

R: Foi, de Divina Pastora. Foi o primeiro. Prefeito de Divina Pastora.

P: Aí, depois ele foi deputado?

R: Não sei, não me lembro mais. Foi deputado mas não sei em que ano ele foi eleito. Não me lembro. Foi deputado estadual e só chegou a te deputado federal em 50[1950], 55[1955], uma coisa assim, por aí. E foi do tempo que estavam fazendo a Petrobrás, só se falava em Petrobrás.

P: Petrobrás.

R: Foi aquela época.

P: Entendo. É a campanha do petróleo era...

R: “O petróleo é nosso”.

P: “O petróleo é nosso”. Era.

R: Ele foi muito defensor. Lá fazia discursos...

P: Em defesa da Nação?

R: era.

P: Sei

R: Porque ele era um homem que ia além da época. Ele pensava além da época. Então era assim, meio difícil pra ele, não é? Ele previa as coisas.... A gente podia pensar: “está malucando”, mas não é não é que ele previa. Tinha gente que dizia: “Ah, é um sonhador.” Ele apenas antes do tempo, ele já pensava que podia acontecer isso assim... Qual era o melhor meio.

P: Eu tenho lido assim... Eu estou fazendo essas perguntas porque eu tenho lido no jornal, no próprio jornal em que faço a pesquisa, aí vou lendo as coisas e vou vendo as curiosidades inclusive, no jornal sai algumas opiniões de pessoas que trabalharam com ele, sempre com muitos elogios a ele. Aí estou perguntando a senhora porque...

R: É. Tem um livro aqui também muito interessante que faz uma crítica. Outro dia um veio me pedir aqui, porque de vez em quando vem um não é? Vem um, vem dois e eu empresto o livro. Agora que esse não sabe... Aí eu disse: “Ai meu Deus, perdi meu livro?” Mas é um livro interessante que... Porque os livros aqui são catalogados. Uma parte dele [Orlando Dantas] interessante era com a igreja. Ele tem um... Com os bispos, quando os bispos eram inteligentes não é? Não aqueles como D. Luciano. D. Luciano era inteligente mas ele não cedia. Ele chegava num lugar e não admitia, não queria nem discutir. Mas tinha uns bispos aqui que eu tinha... Ele [Orlando Dantas] não era religioso. Só porque a família era. Ele aceitava...

– Ai meu Deus onde foi que eu... [à procura de um livro, encontrou outro]

– O de Alencar... Esse eu já emprestei porque eu achei interessante como ele fala dele [Orlando Dantas]. Tem até um... Olhe aqui, pronto [folheando o livro]. Já chega deve ser aqui. Eu fiz um... Eu grifei ali quando ele diz assim: Olhe aqui! [aponta para o que estava escrito no livro]: “No jornal Chatô”. Olhe aqui tem, se você quiser ler pra ver mesmo, procurar. É contando como era a história de Seu Orlando lá no jornal e tudo [lê um trecho do livro] “lá no jornal tentava esticar uns tacos de notícias, aprendi sem jeito e sem disciplina”. Então foi o autor Hunald de Alencar. “Sabia tirar da secura da província qualquer veio d’água e ganhar um curso até o mastigar dos linotipos todos trabalhadores como formigas procurando doçura romântica da notícia e dizer sutilmente a realidade proibida. Seu Orlando e vermelhava a cada dia – que era corado, sabe? Seus editores proibidos. Eu, por mim, rasgava uma manchete depondo os militares, doido que estava para ser preso, mas não era! inveja a mais poder, Chatô, muito mais novo, já fora preso.” Ele disse que fazia assim que era pra ver se...

P: Se era detido?

R: Se era detido, você já viu? [continuando a leitura]:

“Cheguei atrasado naquela noite”. Mas tem uma porção de coisas que ele diz. E isso aqui: “Ao seguir...”

– Quando papai saía de lá, ele morava, nessa época, naquele edifício da Rua Itabaianinha com São Cristóvão, lá no último andar. Seu... Ai ele conta quando ele vinha de noite, sozinho e naquele tempo se matava, não é hoje em dia. O negócio está melhorando. Só mata em Itabaiana. Nos outros lugares não mata mias, não viu [volta para a leitura] “Ao seguir pelas ruas desertas, veio-me a imagem de seu Orlando Dantas a deixar a redação de volta para casa. Sempre retornava por volta das dez horas, sozinho, sem medo de tocaias, Aracaju das quatro esquinas, quem sabe algum

adversário político ou qualquer gente contrariada, aproveitasse a malquerência? Mas ele ia calmamente, como se lá no jornal houvesse ficado com seus originais, e ali na rua estivesse a andar o cidadão comum apenas. Verdade é que, às vezes, trazia sob o paletó branco – ele gostava de roupa branca, não é? – um resguardado revólver. Se pela rua deserta lhe aparecia algum sujeito malencarado seu Orlando entreabria o paletó a mostrar seu metafórico revólver – mais de espanto do que de bala. Sua verdadeira arma era a sua palavra, seu discurso avermelhado – metralhadora implacável a seus adversários políticos de Sergipe e de qualquer canto do planeta, como se o mundo lhe fosse a conhecida província. Ao chegar a sua casa, pelo telefone ditava algumas ordens ao fechamento da edição.. Mas aquelas ordens, reparando bem, eram o sinal de que tudo estava sob controle – uma espécie de retribuição a seus discípulos preocupados com sua segurança. Lá no jornal, seu temperamento explosivo era uma mistura de pai e de patrão a cobrar a disciplina, nem mesmo admitindo que um colega chamasse outro pelo apelido: - Chatô! Que Chatô, Ivan! Carlos Alberto é o seu nome!

- “ Ele não gostava que chamasse, mas teve... Um dia que ele se esqueceu e chamou um tal lá, chamou e o outro não respondia e ele disse: Jacaré, aí Jacaré veio. Ai todo mundo ficou assim... Ele não gostava de chamar apelido.

P: Ah, ele não gostava de apelidos?

R: Não, mas chamava o nome de Jacaré e Jacaré não atendia.

P: Esse jornal, D. Ieda, ele tinha mais pela vontade do que pelo lucro?

R: Pela vontade. Lucro nenhum, minha filha. Se você quiser ler esse jornalzinho, aí tem uma partezinha, viu?

P: Muito obrigada;. Então era um homem que não gostava de apelido, não é?

R: Não, não, Por aí a gente sabe que não gostava.

P: E assim, pelo que a senhora leu, era um homem muito severo. Gostava das coisas todas em ordem?

R: Tudo em ordem era. Gostava de ordem, tudo.

P: está bom.

R: E trabalhador.

P; Está bom. D. Ieda, eu estou satisfeita com as respostas que a senhora me deu.

R: Mas e u só não sei é lhe responder direitinho, sem ter uma coisa pra ler, porque eu me esqueço.

P: Mas isso é normal, não tem problema não.

R: Mas o meu é demais.

P: As lembranças da senhora já foram muito importantes pra mim. A senhora diz que não se lembra e eu não sei de nada. O que a senhora me falou já é muito importante pra mim.

R: É porque eu, como é...? Pesquisei. Eu sei os livros que tem

P: Sei. Entendo.

R: Aí vou buscando assim um, o que um diz e outras coisas eu me lembro mesmo, não é?

P: Muito obrigada!

Entrevista concedida por Luiz Antônio Barreto no dia 2 de fevereiro de 2009.

P: Sr. Luiz Antônio, eu gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre os enfrentamentos ocorridos entre Orlando Dantas e Leandro Maciel.

R: Orlando Dantas tinha afinidade com o pensamento de Gilberto Freyre. Gilberto Freyre se transformou deputado na luta pelas raças combinadas, a mestiçagem. Leandro era funcionário público federal e ganhou uma herança política de... Ele entrou no cenário político com o pai de Orlando Dantas, Manoel Dantas. A revolução de 64 [1964] colocou Leandro na direção do Instituto do Açúcar e do Alcool. Houve retaliação por parte de Orlando Dantas, Leandro era da UDN e Orlando era PSB. No plano estadual a UDN se alternou o poder. As tensões vividas por Orlando Dantas e Leandro eram tensões políticas. Orlando ressentia-se de não haver herdado o potencial político de seu pai, enquanto Leandro que vivia com Manuel Dantas, conseguiu se firmar muito bem na política. Orlando foi prefeito de Divina Pastora, depois foi deputado estadual e depois deputado federal, e só. Eu convivi com Orlando Dantas e ouvi muita coisa que ele falava. Eu convivi com os dois [Orlando Dantas e Leandro Maciel], quando perguntava a Orlando sobre Manoel Dantas ele me dizia: pergunte a Leandro, ele sabe mais sobre o meu pai do que eu.

P: E Silva Lima?

R: Silva Lima era baiano. Veio para Sergipe e trabalhou como locutor. Atuou primeiro na Rádio Difusora e depois na Rádio Liberdade, que era da UND. Ele bateu muito em Orlando através da Rádio. A “Gazeta de Sergipe investigou um assassinato de um homem. Foi um crime com requinte de crueldade em Sergipe. O jornal “Gazeta de Sergipe investigou o crime chegou ao nome o criminoso por isso foi rebatido várias vezes por Silva Lima, que trabalhava na rádio Liberdade. O problema de Orlando era com Hugo Costa. Hugo Costa foi utilizado pela rádio Liberdade para escrever contra Orlando Dantas. Hugo fotografou a nora de Orlando Dantas, mulher de Hélio Dantas, quando esta foi miss Sergipe e desagradou Orlando, porque ele a fotografou e teria oferecido a outras pessoas o conjunto destas fotos. Eu estou falando estas coisas porque ouvi do próprio Orlando Dantas. Naquele tempo uma mulher aparecer com este tipo de roupa era uma ousadia.

Em minha opinião a “Gazeta” desempenhou dois papéis pedagógicos, o de socialista, mas um socialismo que reunia médicos, advogados e trabalhadores. Não tinha uma elite. A segunda foi a exploração do Estado, a unidade de amônia e uréia, o Rio São Francisco. Deu a sociedade sergipana a idéia de desenvolvimentismo. Quando acabou, terminou o projeto.

P: Onde Orlando Dantas estudou?

R: Orlando foi estudar administração em Rio de Janeiro, mas não concluiu. Ele também é um intelectual, escreveu algumas obras mas as principais são: “O problema açucareiro em Sergipe” e “A vida patriarcal em Sergipe”.

Pergunta: Lendo o jornal “Gazeta Socialista”, eu percebi que tem um formato muito desorganizado. Por que isso?

R: Os jornais eram feitos com tipos móveis e não tinham uma característica de jornalismo. Quem melhorou a feição gráfica do jornal fui eu, quando retornei do Rio de Janeiro, na década de 1970. Escrevi para a coluna “Atualidades” até 2003. Orlando me ensinou a escrever da seguinte maneira: eu era editor do jornal e ele me pediu para recortar os editoriais de economia de jornais de São Paulo. Eu pensei: “Mas o que é isso? Eu sou o editor do jornal e agora eu vou recortar editoriais? Depois ele me perguntou: - “Você já viu alguém que não entende de economia, escrever sobre? Quando escrevia e entregava rápido ele me mandava fazer de novo? Ele não gostava de quem escrevia em meia hora. Aí eu já sabia, cada vez que ele me mandava escrever, eu escrevia e só entregava uma hora e meia, depois, aí ele aceitava?

P: As despesas com o jornal era ele quem se responsabilizava?

R: Tudo era com ele.

P: Alguns artigos não possuem autoria, Orlando escrevia todos?

R: Nem todos os textos eram feitos por ele. Muitas pessoas escreviam para o jornal. Tinha a coluna “Papel Carbono”. Várias pessoas escreviam para o jornal: Ivan Valença,

ANEXO II – Princípios do Partido Socialista Brasileiro

Partido Socialista Brasileiro – I

15 de maio de 1948

Por Orlando Dantas

O Partido SOCIALISTA surgiu com o objetivo de formar uma consciência democrática no Brasil, preparando o povo, nos princípios de liberdade, na prática de preceitos legais que assegurem o livre debate, o direito de crítica para a modificação progressiva do nosso sistema econômico vigente. Formulando assim, os princípios que nortearão o nosso partido, compete aos seus dirigentes prepararem as bases para o seu crescimento constante, sem as surpresas espetaculares somente compatíveis com as organizações burguesas e de sentimento oportunista. O Partido SOCIALISTA parece numa fase realmente difícil, por que no período de agitação eleitoral. Ocasão própria para o ingresso de indivíduos oportunistas, fantasiados de socialistas, ou de simpatizantes sem a devida capacidade de luta e sem a compreensão dos nossos altos objetivos. Passada tal fase, todos os elementos que não tinham convicções socialistas desertaram do Partido ficando apenas aqueles militantes que estão com a ingente tarefa de fazê-lo crescer. E como será possível o seu crescimento? A base de esclarecimento, de luta diária em defesa das lutas mais sentidas do povo. Através dos nossos organismos de base “OS GRUPOS”, que são o PARTIDO, em miniatura, nas suas reuniões periódicas, discutindo os problemas locais, de interesse das suas populações, praticando a democracia cotidianamente pelo uso constante das discussões, votações e respeito a vontade da maioria. E essa prática se firma prestigiosamente no meio do povo quando os militantes contribuem mensalmente com seu dinheiro para o funcionamento do Partido. As reuniões, as assembléias dos “GRUPOS” do Partido SOCIALISTA, são escolas de democracia porque levam os seus membros ao respeito as decisões emanadas desses organismos, que dentro dos Estatutos do Partido, agem com atitude digna dos princípios que abraçam. Enquanto nossos “grupos” são instrumentos das decisões partidas os organismos mais altos; como Comissão Nacional, Estaduais e Municipais. Lês agem apenas condicionados ao PROGRAMA do Partido e aos seus estatutos, que são os únicos chefes a que devemos obediência. As nossas Comissões diretoras são meros instrumentos de decisões emanadas das assembléias dos organismos de base “os grupos” e defensores do nosso programa e dos nossos estatutos. Bem diversos das

organizações burguesas, que possuem “chefes” porque praticamente são os donos do partido, porque o partido é o instrumento de defesa dos interesses econômicos dos seus chefes, que gastam dinheiro comprando votos e impondo o peso da força econômica que dispõem a ampliação de seus quadros. Daí a grande confusão reinante na prática democrática, por patê do povo que confunde a “política com eleição”. Aos partidos burgueses só interessa mobilizar o povo às vésperas dos prélios eleitorais. Ao PARTIDO SOCIALISTA, bem pelo contrário porque como escola de democracia, de preparação cultural, de formação de consciência política, em todas as épocas permanentemente interessa viver com o povo, reivindicando os seus direitos e os meios capazes de proporcionar o trabalho que cria os elementos de sua subsistência e de educação econômica e política. Em vez de aumentar-se a descrença do povo, frente aos seus problemas, como fazem os partidos burgueses, que apenas os sentem nas épocas de eleições, o PARTIDO SOCIALISTA, através dos seus “GRUPOS” em todas as épocas do ano procura discuti-los e dos debates que surgem, cimentam sua própria luta que passa a ser fator de confiança do próprio povo, porque das suas próprias energias, embora gastas pelas decepções e pelos sofrimentos. Como o PARTIDO SOCIALISTA é profundamente democrático o seu maior prestígio, a sua força depende das atividades dos seus “GRUPOS” que reunidos, imprimirão confiança ao povo pelas suas lutas e decisões. As semelhanças que nossos “grupos” mantêm com as “células” comunistas são aparentes, porque extinto o Partido Comunista as células cumpriam as decisões dos seus órgãos diretores.

22 de maio de 1948

Por Orlando Dantas

Explicado o papel fundamental, na vida do Partido dos “Grupos” como meio idôneo para a União de esforços do povo, como instrumento de luta política, pela formação de uma consciência democrática e socialista; estabelecidas as diferenças existentes entre nossos organismos de base e dos outros partidos, compreendendo-se os burgueses e os comunistas, claro ficou aos olhos de todos que os SOCIALISTAS brasileiros são realmente democratas. Fazem democracia dentro de sua própria casa, porque obrigados por força estatutária a reunirem-se quinzenalmente em seus grupos, afim de examinarem, debateram todos os assuntos que interessam aos seus membros; porque praticam eleições periódicas de seis em seis meses, elegendo as suas direções; porque discutindo com toda a liberdade de pensamento respeitam as decisões da maioria como um princípio essencialmente democrático. Assim agindo, evidentemente vamos formando uma escola de democracia, porque nos grupos não existem preconceitos raciais, de cultura nem tão pouco de riquezas. Todos exercendo com igualdade de direitos os seus deveres de cidadania.

Na pratica estabelecida, ganha o povo experiência, perde os hábitos de intriga disseminados pela política burguesa, adquire conhecimentos e o espírito de solidariedade se fortalece muito. Indiscutivelmente reconhecemos que os oportunistas, um partido com tal orientação não deve interessar. Não temos emprego a distribuir, não temos dinheiro a favorecer vasta clientela, porque o tempo se encarregou de demonstrar que os problemas da humanidade, não se resolvem com os processos empregados até hoje. Mais de 70% de analfabetos. Mais de 70% de indivíduos mal alimentados, mal vestidos e sem alimentação. Quase toda a população pobre desaparecendo numa idade média de 40 anos, corroída pelas sífilis, verminose, impaludismo e tuberculose. A população infantil dizimada em cerca de 50%. E os anos se sucedem, o povo assistindo as promessas dos partidos, às vésperas das eleições de que tudo farão para atender às reivindicações. Depois continua tudo como dantes. O velho canto da perua não mais ilude o povo. Descrentes dos processos burgueses e desiludidos oportunismo comunista que se aliou a todas as forças reacionárias do país no visível propósito de ganhar terreno na marcha para o poder, claro que o caminho aberto o povo brasileiro para se organizar, com o objetivo de atingir o SOCIALISMO, pela democracia está no ingresso dos

“grupos” de local de “residência”, ou “profissionais” do Partido Socialista Brasileiro. São ativistas todos os que contribuem com a mensalidade, para o caixa do partido, e cumprem as tarefas que lhe são atribuídas. Têm direitos e deveres. Deveres pelos trabalhos executados e direitos aos cargos eletivos, nas eleições internas, e nas externas, nos Municípios, Estados e União. Aos simpatizantes nenhuma tarefa é imposta, por condição ainda passível de politização essa classe de associados. Uns contribuem espaçadamente para o caixa do Partido, outros prestam, quando de sejam, alguns serviços. E assim, paulatinamente, vamos penetrando nas massas proletárias urbanas e camponesas. E o povo, pelo esclarecimento permanente, irá compreendendo que é de sua força eleitoral que vem se alimentando os seus inimigos, únicos responsáveis pelo atual estado que se vive. O idealismo dos socialistas brasileiros gera a força democrática que redimirá dos longos sofrimentos o nosso povo.

Partido Socialista Brasileiro IV

Por Orlando Dantas

5 de junho de 1948

Estruturado o partido em base nitidamente democrática, aos socialistas compete cumprir o seu programa, difundidos por todos os meios os seus princípios e arregimentando os trabalhadores do campo e da cidade para a grande luta de preparação do evento SOCIALISTA no Brasil. Como somos conhecedores da realidade brasileira, e sabemos ser impossível, no momento, a socialização da nossa riqueza, devido ao grande atraso em que vivemos, o nosso programa tem uma parte denominada “Reivindicações Imediatas” a ser cumprida, dentro do sistema econômico atual, como a preparação para a realização dos nossos objetivos últimos, que é o socialismo. Aos dirigentes socialistas cabe freqüentar permanentemente os grupos do partido, seus organismos de base e debater as reivindicações do nosso programa para que sirva de orientação aos interessados na libertação econômica, política e social do nosso País. As classes trabalhadoras são as interessadas evidentemente, na maior rapidez em que se deve processar a transformação da nossa estrutura econômica, que responde por um século de atraso. E como são os trabalhadores os grandes prejudicados, porque os únicos que pagam para manter tal estrutura, e daí, o estado de fome permanente em que vivem, sem dúvida e de acordo como os esclarecimentos que forem recebendo ingressarão no Partido Socialista Brasileiro, como único instrumento posto á mão, para tal fim. Mas os dirigente não devem esperar, simplesmente com esse raciocínio, o ingresso em massa dessas forças, porque o povo tem razões profundas para duvidar das cousas do Brasil. Captar a confiança dos trabalhadores não é tarefa fácil, mesmo realizada pelos seus líderes. O embuste, o oportunismo e a demagogia são as armas usadas e abusadas pelos partidos no Brasil com tanta freqüência, que causou descrença geral. E então, o que fazer? O socialista tem de renunciar ao comodismo, à vida sedentária, e ficar servindo, nas horas vagas ao seu ideal de luta. Vivendo de seu trabalho, deve contudo, reservar um tempo para a propagação do programa do seu partido e ensinar o povo os caminhos certos a seguir. O material para trabalho que o socialista tem de praticar está às suas vistas. Não precisa ir buscá-lo longe por abundante em todos os cantos: “a miséria em que anda chafurdado o nosso infeliz povo”. Falta habitação porque o pouco que recebo o trabalhador, mal dá, para comer mal. E a habitação é o primeiro passo para a formação cultural do povo, pelos hábitos que impõe de civilização e conforto. Quem mora em

uma choupana sem luz, sem higiene e dorme em cama de vara ou em cima de uma esteira e come na moxila e bebe água de poça, claro que vive num estado de primitivismo, indigno do mundo atual. Com esse material, os dirigentes socialistas poderão [] uma nova consciência política capaz de fortalecer a democracia brasileira. Os céticos duvidam da sinceridade de tão elevados propósitos, porque perderam a confiança em si mesmo, porém, os socialistas possuem a força indomita de ideal e marcham impávidos para a luta.

Partido Socialista Brasileiro – V

12 de junho de 1948

Por Orlando Dantas

Para a defesa do material humano [] pela exploração do trabalho em proveito do capitalismo, o Partido Socialista levanta a bandeira do Socialismo e Liberdade. Do Socialismo como único sistema capaz de resolver os problemas da humanidade, até hoje joguete das forças econômicas para satisfação dos seus interesses de jugo, mando e egoísmo cada dia mais fortes nos seus propósitos de liberdades inerentes a personalidade humana e asseguradas pela Carta da Filadelfia. Transportados esses princípios básicos de orientação partidária, para o terreno da prática, sobretudo em um país de extensão geográfica imensa e em zona equatorial. E fixada a sua densidade demográfica, em cerca de 45 milhões de habitantes, verificamos que já construímos uma civilização representativa de um cabedal cultural crescido e respeitável, digno de defesa. E a maior defesa reside na preservação de princípios de liberdade defendidos, e de raças que se caldeiam, para a formação do povo brasileiro. Vivendo porém, no regime capitalista, onde o trabalho é coletivo e o lucro individual, claro que o homem tem sido apenas instrumento servil de forças poderosas e de exploração inconsciente e daí o seu estado de subnutrição permanente. O Partido Socialista não aceita métodos de destruição e sim reformas progressivas, pretende assim defender o que se construiu até hoje, com tanto sacrifício para o trabalhador brasileiro, e acelerar o ritmo do nosso progresso econômico e político a fim de atingirmos o Socialismo, ao menor espaço de tempo. Todavia não queremos impor. A nós [] os processo ditatoriais mesmo da ditaduras proletárias. Acreditamos na formação de uma consciência política preparada por dirigentes honestos e idealistas. Essa consciência já é forte e vive presente no pensamento das forças burguesas. Os trabalhadores organizados marchando, com uma nova forma, para dirigirem os seus destinos no Poder. Apesar das forças predominantes no cenário da política nacional, serem contrárias dia a dia, as massas proletárias se enriquecem de novas vitórias, graças a ação decisiva de seus líderes, sempre prontos aos maiores sacrifícios para conseguirem seus objetivos. O binômio “socialismo e liberdade” só pode defender a democracia porque defende a solidariedade humana, como única força de coesão representativa dos nossos ideais. Em um país onde os grandes partidos são conservadores e os liberais ainda não se aglutinaram, e ainda sofrem com as influências da demagogia trabalhista dos Srs. Getúlio, Borghi e Ademar,

a nós do partido Socialista compete o dever, como força política de base ideológica, de apanhar o nosso povo largado a própria sorte pelas forças capitalistas e guiá-lo para uma luta que é sua, e fundamental para sairmos deste secular atraso e levantarmos as forças da produção nacional, paradas umas, sufocadas outras, pelos tubarões do capitalismo antiprogressista. Um país sem crédito, sem transporte, onde a terra é monopólio de poucos latifundiários, evidentemente não passará de uma colônia dos países imperialistas. E é preciso que o povo saiba sem sobra de dúvida, que os primeiros passos para conseguir sua libertação econômica e política se encontram em uma política de enriquecimento geral, pela industrialização em larga escala que permita um alto padrão de vida para o povo, fator decisivo na criação de um grande mercado interno. Só assim será possível a socialização da produção com a preservação da liberdade democrática, como é do nosso programa.

19 de junho de 1948

Por Orlando Dantas

O dirigente socialista, imbuído dos seus deveres não deve afastar-se dos princípios programados pelo partido, e assim, seguir à risca o que determinaram seus estatutos. A propagação das idéias centrais do programa socialista deve ser feita com o máximo de clareza e realismo sem visos demagógicos, a fim de não imprimir uma falsa mentalidade no povo. Tendo em vista o estado geral de ignorância das massas trabalhadoras e a orientação seguida de oportunismo, carreirismo e outras modalidades adotadas para conseguir posição política rendosa, ou empregos públicos e mesmo vantagens de qualquer ordem pessoal, o Partido Socialista precisa de usar de linguagem clara pra evitar que as suas idéias seja [] por indivíduos com tais diretrizes. E a melhor maneira de se preservar a pureza da nossa conduta está no modo de mostrar os fundamentos doutrinários de nosso programa. O sistema socialista de produção não pode ser adotado em um país de economia semi-feudal como o Brasil, sem primeiro processarem-se reformas que possibilitem modificar a atual fisionomia econômica.

Ora, ante tal dilema, temos de mostrar aos [] que é do seu interesse imediato [] essas modificações a fim de conseguir a sua independência política. Do contrário continuarão eternamente homens assalariados ganhando mal para comer e com possibilidades remotas de participarem da administração como dirigentes. Estabelecidas esta premissas podemos então fazer compreender aquilo o que afirmara-mos em nosso último artigo. Para haver o enriquecimento geral do povo que procura melhorar o seu padrão de vida, é necessário pôr o crédito a serviço da produção, nacionalizando-o, bem assim o transporte. A terra não pode continuar a ser monopólio de meia dúzia que a detém, com o objetivo único de fazer prevalecer a sua força econômica, com intolerância política, produzindo quase nada pelos processos mais rotineiros de trabalho, enquanto não forem estabelecidas suas providências mais primordiais, claro que marcharemos a passo do cágado construindo em cem meses o que poderia ter sido feita em vinte. O povo deve [] sentido que nossos governos, quer nacional, quer estadual, como lídimos representantes de forças econômicas retrógradas, fogem de medidas que tais [] para banqueiros, porque estamos diretamente sujeitos aos interesses mais egoístas desta casta de exploradores e sugadores da nossa parca economia. A produção é encarecida pelos juros altos, comissões, [selos], isto acumulado de maiores despesas

porque contados de três em três meses. Mas o pouco crédito que temos, privativo da classe média-burguesa e jamais dos pequenos, da massa trabalhadora abandonada ao seu próprio destino. Ora a nossa [] é tímida e tem demonstrado incapacidade para acelerar o ritmo do nosso progresso e sentimos essa verdade quando estabelecemos o [] entre nossa estrutura econômica e a da Argentina. No Brasil a média dos juros cobrados pelos nossos Bancos tem sido de 11% ao ano, enquanto na Argentina é de 4,1 []. Não queremos pois, [] aos Estados Unidos da América, que é de 3,1 ao ano. O mesmo raciocínio pode ser [] ao transporte. Demonstrada a [] independente da burguesia de melhorar as condições de vida do nosso povo através dos organismos políticos partidários que representem o [seu pensamento] e [] ao Partido Socialista Brasileiro reservada tarefa tão difícil e sob o []. Então metemos mão à obra. Convoquem a massa trabalhadora e a pequena e média burguesia para tal fim. O Partido Socialista tem [] de acordo com seus méritos []. O seu programa reflete todas estas coisas as suas portas [] abertas a todos [], a todos que compreendam não [ser] possível trilhar os mesmos caminhos já [] algumas gerações cansadas de muito trabalho e pouco resultado.

Partido Socialista Brasileiro – VII

26 de junho de 1948

Por Orlando Dantas

O papel dos representantes socialistas nas Câmaras de Vereadores, nas assembléias Legislativas e no Congresso Federal é da maior responsabilidade partidária.

Sendo o Partido Socialista Brasileiro uma resultante das condições econômica, política e social existentes em nosso país e ainda não dispondo de tempo suficiente para, através de uma propaganda sistemática, penetrar em profundidade às massas trabalhadoras, claro que aos seus representantes eleitos para as diversas câmaras Legislativas cabe o maior esforço em firmar as diretrizes partidárias e estabelecer as diferenças de sua orientação frente aos diversos partidos existente no País. De propósito vem sendo propagado pelas forças contrárias às nossas atividades conceitos errôneos que estabeleceram certas confusões na opinião pública. Nesta primeira fase de atividades democráticas, depois de longas noites da ditadura estadovista quando a histeria comunista ganhou terreno nas hostes governamentais, o Partido Socialista esforçou-se por defender as liberdades de associação partidária e de pensamento, asseguradas pela nossa Constituição Federal e parte integrante da disposição expressa no nosso programa. Defendendo essas liberdades, não fiz mais do que cumprir com o nosso dever e jamais poderia, honestamente, ser confundida a nossa posição como de segunda linha do partido comunista. Evidentemente que seguimos o nosso caminho, estranhos às campanhas soezes, que o tempo se encarregaria de desmoralizá-la, como de fato desmoralizou. Como especialistas e democratas defendemos todas as liberdades constantes na nossa Carta Magna e jamais caímos no oportunismo que é o caminho mais certo para a política personalista, dos bons negócios e dos bons empregos, dos negócios extraordinários e que tanto tem emporcalhado os homens públicos brasileiros. Desprezamos os velhos processos da intriga, usados e abusados pelos partidos, como elementos de desintegração social, desmoralização individual, e arma poderosa para acentuar a descrença popular na democracia. Não somos sistemáticos na oposição, porque defendemos renitentemente uma política de construção econômica e social dentro das condições do sistema capitalista de produção sabemos distinguir o joio do trigo, o certo do errado, e bem do mal. Repudiamos qualquer processo ou norma política que vise impor ao povo governo ditatorial. Somos socialistas e democratas sinceros e sentimos que é a única forma ideológica distinta que o povo brasileiro escolherá para a

renovação de sua ordem econômica, política e social. No momento a nossa força eleitoral no País, excede pouco mais de CEM MIL eleitores, conforme as últimas eleições municipais. Elegemos às câmaras letivos alguns representantes e em Sergipe não ficamos atrás dos outros Estados. Aos representantes do Partido Socialista estão reservadas tarefas pesadas nesta hora. Como deputado tenho feito o que a minha inteligência e estudo vem permitir. Apresentando as proposições mais oportunas para beneficiar o povo sem descuráramos de mostrar que as atividades dos outros partidos, girando em torno de interesses mesquinhos agravam dia a dia a situação econômica do Estado e aniquilam a nossa democracia, trabalhando com afinco e estudando com honestidade os problemas, a nossa agremiação, através da palavra firme dos seus representantes lutará por acelerar o progresso do País, quiçá do Estado com a mor aspiração do seu povo

Partido Socialista Brasileiro – VIII

3 de julho de 1948

Por Orlando Dantas

O que caracteriza a atividade partidária dos Socialistas Brasileiros é a constância na formação de uma mentalidade política nas massas trabalhadoras. Em todos os dias do ano politisa o povo, mostrando os caminhos a seguir e procura organizá-lo em princípios democráticos de debates e franca discussão dos problemas fundamentais da nacionalidade. Sem cair no demagogismo perturbador e oportunista, mas com o senso de realidade esforça-se o Partido Socialista por definir-se perante a opinião pública sobre todos os assuntos que agitam o presente momento. Não tendo da última solução, todavia vive na vanguarda dos movimentos mais sentido do povo brasileiro. No caso do Petróleo, fomos o único partido que oficialmente tomou uma atitude contra a entrega das nossas jazidas aos trustes internacionais, e temos feito com moderação e firmeza suficiente para esclarecer o povo da necessidade de combater a orientação geral seguida, de entrega de tão importante riqueza ao capital estrangeiro. E assim, não fazendo pretensão de monopolizar o povo por que sabemos dos diversos matizes partidários compõem o cenário político brasileiro e achamos que um movimento de unidade não deve ser quebrado pelo sectarismo partidário. Um país de economia semi-feudal geralmente é fechado aos movimentos marcadamente populares e a inteligência dos líderes socialistas deve ser orientada no sentido de por em marcha progressiva a nossa incipiente democracia. Confundir liberais democratas com a reação conservadora e neo-fascista tem sido o maior erro dos comunistas brasileiros e deve ser a maior advertência para as nossas diretrizes políticas. O radicalismo, quanto aos métodos de luta, acentua a tendência aos movimentos sectários e fortalece a reação. É o exemplo observado no mundo inteiro. Reconhecendo a falência do sistema capitalista e o advento do socialismo não perdemos, contudo o senso da realidade sul-americana. Precisamos primeiro assegurar o cumprimento dos dispositivos constitucionais, sabemos que forças poderosas trabalham diuturnamente contra tais propósitos. Os banqueiros, os capitalistas que enriqueceram fabulosamente, á sombra da impunidade e dos favores do Estado Novo, pretendem e conspiram contra a democracia. Todo mundo está sentido e observando as manobras, tanto de superfície, quanto de profundidade. O silêncio das grandes forças eleitorais PSD-UDN frente aos atentados às liberdades e o problema, como o do Petróleo, é bem significativo. Não foi em vão que se processou a coalisão

desses partidos pra apoiar o atual governo. Matando a democracia que está procurando se firmar com tamanha dificuldade, claro, teremos um futuro negro. Mas, as condições internacionais e a existência de forças democráticas no País, indicam que, apesar dos espinhos espalhados pela longa estrada a percorrer, nossos horizontes clareiam. O que é preciso é unir todas as forças democráticas, liberais e socialistas e os conservadores menos obscurantistas para a grande batalha pela implantação da democracia brasileira. A volta a um estado ditatorial pode ser desejada e menos disputada, mas esbarra ante forças também poderosas. Se os eu estão no poder procuram implantar um regime policial, que, pelo -medo- sufoque os movimento da legalidade democrática, um caminho se abre a todas as circunstâncias livres, é o da união. E essa união pode ser argamassada com o sacrifício dos princípios de liberdade que presidem a nossa Carta Magna, nem tão pouco com o desprezo aos direitos mais sagrados do povo - o de subsistência – defender a democracia deixando a Nação entregue a mais torpe exploração, do homem pelo homem, afundando na miséria orgânica, no analfabetismo e assolado pelas endemias, é apenas uma faceta de luta, peculiar aos demagogos, aos reacionários e aos ditatoriais.

A mentalidade oportunista dos políticos brasileiros é causadora dessa terrível confusão que preside a hora em que vivemos e tanto mal tem feito a administração pública. Pensando cada um nos seus próprios interesses, procuram os nossos políticos, fazer dos partidos políticos um instrumento de suas ambições e a melhor arma de que usam é a intriga pessoal, a mentira e o fraseado oco para confundir a opinião pública de antemão preparada pela sua imprensa. Geralmente deturpam os fatos objetivando tirar o máximo de proveito. Depois, da última guerra mundial surgiu um fato que de certo é novo para o nosso cenário político – a presença de representantes socialistas nas diversas câmaras legislativas do país. E com os socialistas têm um programa e lutam em base ideológica, inteiramente livre de [] pessoal, claro que agem acima das paixões de [] com olhos fitos na construção da pátria. Não fazem oposição sistemática. Apóiam os atos certos dos administradores, quer no âmbito federal, estadual e municipal e combatem energicamente os atos errados, os atentados às liberdades, à Constituição e ao povo. Como temos tido uma orientação segura e democrática, os maiores elementos que compõem as maiores forças eleitorais do País, não podendo [] os faros conseqüentes da nossa posição certa, fazem crer que somos utópicos, visionários e que jamais nos firmaremos na opinião pública. O raciocínio que usam é de um primarismo desolador. Dizem eles que o povo é ignorante (grande novidade) e []. Que a força econômica é o maior triunfo dos partidos burgueses, porque às vésperas das eleições, compram o voto, a consciência do eleitor pobre e miserável (de propósito deixado nesse estado por eles). Que dispõe de força policial e de todo o mecanismo administrativo do país, quer público, quer privado para subornar também a classe média e os pequenos burguezes. O primarismo dessa análise se choca com as realidades nacionais, ora vividos. O ex-partido comunista levou em 2 de dezembro cerca de 6000.000 votos apesar dos imensos erros políticos praticados na fase legal, pois bem, o susto que as forças burguezas sofreram foi tão espetacular que levou o Governo Federal a praticar o maior atentado aos princípios consubstanciados em nossa Carta Magna, sem nenhum proveito para a democracia brasileira. Fechamento de partidos políticos, cassação de mandatos só se praticam e países coloniais como o Brasil. Até o presidente Truman negou-se a aprovar semelhante despautério no seu país. Claro que as massas trabalhadoras foram de propósito abandonadas à sorte que o sistema capitalista resigna, porém vitória do

Partido Socialista Brasileiro está justamente me mostrar a essas próprias massas operárias cansadas de ouvir mentiras e ser exploradas estupidamente pelas forças capitalistas, de que não é possível continuar com essa vocação suicida, de pelo voto, entregar aos seus próprios algozes as posições e comando da política e da administração pública. Os socialistas brasileiros sabem o que querem e não vão usar dos processos de agitação demagógica, praticados pelos comunistas e trabalhistas, que obtiveram os desejos de falsos democratas que entopem os vários partidos eleitoreiros do nosso País. Onde houver um dirigente socialista a sorte da burguezia brasileira está lançada, porque sem fugir nossa própria realidade iremos politizando as massas trabalhadoras para a sua libertação. Evidentemente estamos sentindo o despertar do nosso povo para as grandes pugnas que somente o ideal do SOCIALISMO E DA LIBERDADE arrastam.

Partido Socialista Brasileiro X

17 de julho de 1948

Por Orlando Dantas

Quando em nossa primeira convenção nacional, elaboramos o nosso programa, procuramos não perder de vista os fatos de ordem interna e externa, que serviriam de base para nossa luta. Daí nos consideramos o resultado desta ordem política e social dos últimos cem anos, em todo o mundo, ao mesmo tempo expressão particular das aspirações socialistas do povo brasileiro. Tendo em conta o desenvolvimento social, proveniente das transformações econômicas sofridas no mundo, é que procuramos aglutinar o pensamento socialista brasileiro. Esse pensamento é a consequência lógica da cultura universal que se projeta no Brasil, através do intercâmbio comercial da industrialização que se firma com tanto vigor em nosso País e sobretudo, da influência cultural dos centros universitários nacionais expandindo por todos os setores de maior densidade demográfica. As desigualdades sociais profundas, provavelmente da incapacidade do sistema capitalista para solucionar os problemas da humanidade, levaram os povos a lutarem por um sistema econômico de acordo com as aspirações mais sentidas. E o reconhecimento geral, de que somente o SOCIALISMO E A LIBERDADE seriam capazes de satisfazê-las, foi a resultante de cem anos de lutas. E, nós, brasileiros, que há quatrocentos anos amargamos o pão que o diabo amassou não podemos continuar [] sofrendo de todas as formas as consequências lógicas de um regime que se alimenta da miséria que a exploração do homem pelo homem permite. Por todas as partes do mundo a miséria atinge cerca de 90% das populações, enquanto uma pequena minoria, de 10%, vive de tripa forra a desfrutar as vantagens e os privilégios que o capitalismo gera. Mas sendo a vida uma sequência de atos contraditórios, estamos também assistindo nascer das entranhas do capitalismo, o SOCIALISMO, que há de redimir todos os sofrimentos a própria humanidade. Vimos ontem, os povos constituírem riquezas para destituí-las logo após, contanto que se salvasse o “lucro”. O café foi destruído e o povo não bebia café; o açúcar foi armazenado o povo não comia açúcar; o algodão foi empregado para lastrear estradas e o povo vivia nú, sem roupa; os peixes foram pescados e depois destruídos e o povo morria de fome; os carneiros foram criados e engordados e depois foram queimados e o povo continuava a morrendo à fome; as fábricas proibidas de serem montadas e o povo sem roupa, vivia maltrapilho. E por fim veio a guerra em nome da salvação da

humanidade e a vida continua como dantes. O resultado havia de ser o que esperávamos - uma grande transformação econômica e social – às portas de todas as Nações, forçando-as a quebrar as resistências que os privilégios instituíram. Essa é indubitavelmente experiência vivida pelos povos. Mas os fatores psicológicos teriam influência capital ao comportamento geral de todas as lutas. Os esquemas não poderiam ser rígidos, inflexíveis e dentro de princípios abstratos, sob pena de falharem aos objetivos dos grandes movimentos. Mas foram assim mesmo para permitirem as marchas corretoras de desvios e erros profundos. Temos, pois, de respeitar as peculiaridades de cada Nação e aplicar os princípios gerais, sem solução de continuidade na sua história política, e sem violentar os caracteres culturais dos povos. E foi assim pensando e refletindo as nossas realidades que impugnamos os princípios ditatoriais. Amamos a liberdade, até mesmo de morrer de fome, contanto que pudéssemos um dia por amor a todas as liberdades implantar o SOCIALISMO, como único sistema compatível com a dignidade humana.

Partido Socialista Brasileiro- XI

24 de julho de 1948

Por Orlando Dantas

Foram os grandes doutrinários do socialismo, como Carlos Max e Engels quem deram a História bases tão positivas como as ciências físicas e naturais e da química e tiveram influencia para despertar no operariado uma consciência política necessária ao progresso social.

Esses grandes espíritos substituíram as explicações abstratas, “natureza humana” pelos princípios que presidem a evolução histórica hoje reconhecidos como fundamentais aos conhecimentos humanos. Por outro, por outro lado não desapareceram das concepções filosóficas interpretações abstratas e outros tantos representantes do pensamento, nascido do direito natural procuraram formar as suas escolas de influência contrária ao pensamento dos socialistas marxistas. Dentro da mesma corrente socialista houve grandes lutas que provocaram cisões nos vários agrupamentos partidários. Mas o Partido Socialista brasileiro considera superada em grande parte, as cisões existentes entre os diversos agrupamentos porque uma consciência socialista já existe no mundo inteiro, mesmo nos países de economia atrasada, em função do próprio desenvolvimento econômico e social da humanidade. Foi, portanto, partindo desses princípios que elaboramos o nosso programa em bases tão amplas como as consciências socialistas advindas das diversas concepções filosóficas da vida. Espiritualistas e materialistas reconhecem a [] do sistema capitalista pela sua incapacidade de solucionar as flagrantes contradições existentes na economia burguesa e marcham impávidos para o socialismo trabalhando pela supressão da luta de classe, com a sua implantação entre nós. Partindo as duas correntes de origens diversas chegarão ao mesmo fim. Foi assim também que atingimos ao bom termo reunindo o pensamento socialista democrático de várias correntes existentes em nosso país e fundindo-as em nosso Partido.

Atingindo o ponto de intersecção nos choques de várias correntes, não desconhecemos em absoluto como patrimônio da humanidade, as conquistas democráticas liberais, apenas as consideramos como força política, incapaz de processar a eliminação da exploração do homem pelo homem. E por as consideramos como forças insuficientes temos os exemplos dos Países onde o liberalismo atingiu o seu ponto máximo e onde a democracia sempre existiu, como na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, nos países escandinavos e nos Países Baixos e por último na Tchecoslováquia. Dentro do

sistema econômico liberal democrático, vivido desde a Revolução Francesa, esses países progrediram e se devolveram socialmente porém jamais conseguiram eliminara a miséria que assola os lares de milhares de indivíduos e sempre apelaram para a guerra, como última solução, para resolver parte de suas crises periódicas. Guerras, fomes, doenças, resultantes dos privilégios que o próprio sistema atribui aos detentores da economia burguesa e que responde pelas lutas de classe tão acentuadas nestes últimos tempos. Isso bem se vê nos países líderes do progresso econômico e social. Não nos referimos as outras Nações marcadas pelo arbítrio de grupos poderosos onde a liberdade é um mito, os direitos privativos dos detentores das forças econômicas e o estado permanente de miséria a [é] constante no povo. Frente a estes fatos relevantes da história, estamos crentes de que o nosso Partido atende as aspirações mais legítimas do povo brasileiro, porque procura conciliar o socialismo com a democracia, isso é, os frutos do trabalho social pertencendo a trabalhador, e as liberdades de pensar, viver e agir, continuando como um patrimônio inalienável da humanidade. Consideramos pois, superadas para atingirmos o SOCIALISMO, a fórmula da ditadura proletária e que os fatos estes a comprovar.

Partido Socialista Brasileiro – XII

31 de julho de 1948

Por Orlando Dantas

As condições de ordem econômica no país serviram de base para um estudo circunstanciado, por parte da primeira convenção nacional do partido, a fim de elaborar um programa realmente amplo e assim observado, verificamos que a luta pelo SOCIALISMO podia prescindir de uma concepção filosófica de vida e de credos religiosos, contanto que fosse reconhecido aos seus membros o direito de seguirem nesta matéria sua própria consciência. Orientado desta maneira o programa partidário, atendemos a realidade brasileira e não torcemos os princípios da nossa luta política, como fez o comunismo entre nós, que pela boca de seus líderes, procurava convencer o povo de que a rigidez de seu programa marxista-[]-stalinista permitiria todas as concepções filosóficas de vida, quando em verdade os fatos demonstrava o contrário. Indiretamente os comunistas verificaram quanto era difícil a imposição de princípios rígidos a um povo como o brasileiro e nós socialista aproveitamos perfeitamente a experiência dos últimos cem anos política e social e estamos aplicando-a com todos os visos de êxito. Para se lutar pelo SOCIALISMO não devemos trancar as nossas portas aos espiritualistas e em socorro nos valermos da própria dialética marxista, que conclui pelos seus fundamentos, viver a humanidade em constante luta de transformação, até atingir a última etapa de vida onde não haja exploração do homem pelo homem. Cristão e ateus podem perfeitamente com um denominador comum – O SOCIALISMO - lutarem unidos pelo advento de uma nova sociedade sem classe. E usem os processos democráticos de luta, sem nenhum prejuízo da liberdade de organização partidária. Presos a esses princípios, homens de todas as cores filosóficas e de religiões várias, se uniram e formaram o Partido Socialista Brasileiro. E não há debate de ordem filosófica e religiosa que destrua a razão de ser do partido, que é o socialismo democrático, a força de coesão de todos os seus componentes. É o fogo na mata unindo todos os bichos pelo instinto da salvação. Consideramos pois superadas as determinações da filosofia do socialismo científico, que excluía todas as correntes do pensamento humano fora dos quadros, da capacidade de luta pelo advento do regime socialista. E os matizes que salpicam as diversas correntes culturais não representam mais do que maneiras de irem se harmonizando no processo de luta da qual com prestígio uma organização fortalecida pela experiência universal. Com base nestes princípios fundamentais do nosso programa

vamos paulatinamente formando proselitismo. Tarefa sem dúvida pouco fácil, para os descentes e impossível para os oportunistas, os paraquedistas, porém perfeitamente enquadrados nas concepções ideológicas daqueles que ainda não perderam e jamais perderão a confiança na orça do ideal de solidariedade humana, de fraternidade e liberdade. No Brasil existe uma concepção de vida burgueza avassalando todos os setores, mas uma força nova já surgiu organizando o povo para enfrentar o predomínio da burgeuzia. E, evidentemente, da exuberância desta terra tropical, rica e selvagem, haveria de brotar um pensamento, que embora vindo das primeiras eras, em crescendo sofreria influência do meio para poder suportar o peso da última forma de reação imperialista.

Encastelado nas Américas o capitalismo se prepara para poder viver mais alguns anos, uma por sua vez a sua força na Europa. E no Brasil o Partido Socialista Brasileiro será a força popular que irá substituí-lo.

7 de agosto de 1948

Por Orlando Dantas

“O objetivo do Partido, no terreno econômico, é a transformação da estrutura da sociedade, incluída a gradual e progressiva socialização dos meios de produção, que procurará realizar na medida em que as condições do país exigirem”. A nossa sociedade tem as suas bases estruturadas em uma economia semi-feudal (infra-estrutura), onde o primitivismo agrário predomina com seu cortejo de misérias, de explorações do homem pelo homem, dentro dos princípios retrógrados representando um século de atraso. Com uma população de cerca de 45 milhões de habitantes, concentrada na orla marítima, possui o nosso país um mercado interno diminuto, graças ao baixo índice de vida do povo, largado a sua própria sorte, ou melhor, entregue a ganância de um capitalismo feroz e de agiotagem. O sistema político que preside tal estrutura é representado por um juridicismo irreal e uma democracia de fachada, apenas forma, procurando assim, harmonizar as bases da cúpola, isto é a infra-estrutura com a super-estrutura. Em tese essa é a nossa realidade, porém, como das entranhas dessa sociedade é que estão surgindo as próprias contradições que marcam o início das transformações já se constata uma visível desarticulação entre a infra-estrutura e superestrutura. E dessa desarticulação, sentimos os seus efeitos perturbando a vida da própria sociedade. As forças econômicas mais progressivas marchando para a industrialização, enquanto renitentes, fiam as latifundiárias, persistindo numa política agrária insustentável, frente a industrialização que exige um mercado interno capaz de absorver quase toda a produção manufatureira. Do choque entre essas forças surgirá o progresso econômico e social para o país e entraremos assim no verdadeiro sistema capitalista de produção. Será essa a primeira etapa que o povo brasileiro tem enfrentar, e com a devida urgência, sob pena de cair pela pressão das forças imperialistas, num estado completo de anarquia. Ora, as forças burguezas não podendo afastar do cenário político as forças populares, cada dia se entregam ao reacionário demagógico, como único meio de resistir a pressão de uma consciência socialista já existente no país. Pensando em manter a economia atual, procurando se acastelar no getulismo e no ademarismo, auxiliado pelo préstimo. E da colcha de retalho representada pelos partidos majoritários, estranhos às leis econômicas, vivem os partidos políticos brasileiros, numa luta estéril, de intrigas, de suborno, aviltando o caráter o caráter do nosso povo mais ainda, com processos que não

servem, nem mesmo para a defesa da própria sociedade em que vivem. Qualquer estudioso do assunto sente [que] as vigas mestras do edifício brasileiro, sob a pressão de suas próprias contradições e dos fatos exteriores, estão estalando, e daí, a presença do PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO, com seu programa realista, coordenando as classes trabalhadoras e média, para se unirem, no sentido de modificarem a atual estrutura econômica da sociedade. Essa modificação só poderá ser feita gradual e progressivamente por ser democrática. Será o povo bem orientado pelo partido e com o firme propósito de implantar o socialismo que determinará o grau de aceleração tão de tão importante transformação social.

Partido Socialista Brasileiro - XIV

Por Orlando Dantas

14 de agosto de 1948

“No terreno cultural, o objetivo do Partido é a Educação do povo em bases democráticas, visando a fraternidade e a abolição de todos os privilégios de classes e preconceitos de raça. Se bem pensado, verificamos a adoção de tais princípios, como uma evolução completa nos conceitos educacionais sugeridos pelo nosso país, até o presente momento. E não podia deixar de ser assim, porquanto trabalhamos pela substituição do regime capitalista, pelo socialista, muito embora, por processos democráticos de luta política. Por mais que se queira afirmar que a educação que se ministra ao nosso povo é a democrática, os fatos estão contrariando numa inequívoca afirmação, tal assertiva. O ensino no Brasil é privilégio dos ricos, por ser caro e inacessível às classes proletárias. A própria classe média se esbofa por educar alguns de seus filhos mais inteligentes e dentro das piores condições de restrições. Ora, essa orientação é decorrente da estrutura econômica do nosso país, que estabelece privilégios inerentes à burguesia. As poucas exceções não servem senão para comprovar regra geral. Cada dia que se vive, maiores dificuldades maiores dificuldades se anteciparam às classes proletárias, para poderem participar em pé de igualdade, da educação ministrada. O ensino primário atende mal a um quinto da população em idade escolar, e assim mesmo é feito ao sabor da política partidária, de [curral] e campanário. O ensino ginasial, com quanto seja livre, é limitado às possibilidades financeiras dos estados, sempre em regime deficitário, não atende também ao número de escolares carentes de instrução, além de sofrer a enurencia dos alunos vindos da própria classe burguesa que desprezam os ginsios particulares também ao crescente encarecimento do ensino. E paz com tais fatores, trabalham as endemias, a deficiência alimentar qualitativa superior, então, todos os esforços da classe proletária e média são superados pelas constantes barreiras que se contrapõem ao desejo de instrução dos alunos mais capazes intelectualmente. Mesmo assim, a marcha das forças proletárias para o poder continua e as tremendas dificuldades opostas pela burguesia estão sendo bombardeadas pelos socialistas até [que] a bastilha educacional seja totalmente destruída. Ora bem se vê que o problema educacional, como a burguesia coloca é pura demagogia, porque os recursos postos à disposição para tais fins, são pequenos e insuficientes, mesmo para mostrar parte da população escolar da classe média, quanto mais do proletariado. É a burguesia

não age assim, sendo por instinto de casta, para assegurar aos seus diretos de camaradagem a política do país. O espírito de fraternidade humana não existe e aos preconceitos, de raça bem que persistem na cúpola lutando para se impor, não como na América do Norte, mas como entre nós mesmo, econômica e social. Os negros e os mulatos lutam para conquistar “um lugar ao sol”, graças a perseverança e a inteligência de que são possuídos. Para conseguirmos a democratização do ensino no Brasil não é tarefa fácil, como podem a primeira V. S. entender alguns. Temos que partir de reformas econômicas que possibilitem meios financeiros, e destruir a separação que existe no ensino, entre os ricos e os pobres. Entre os estabelecimentos para a granfinagem e os criados pelo poder Público para as vítimas do próprio sistema capitalista. Democratização e igualdade de direitos e deveres, para que todos tenham a mesma oportunidade de se educar, instruir e viver, como seres humanos participem das conquistas da civilização. E no Brasil não existe isso. O socialistas formulando as bases de sua luta, dentro desses princípios, evidentemente querem a democratização da cultura e a abolição dos privilégios e das classes nocivas à humanidade.

abrindo a vista, obrigando-o a uma intervenção cirúrgica, que o fez ficar cego. Rio, 28.

Agradeceu em nome da di- rectoria o deputado Garcez Dória.

hneida a notícia — conside- rável número de amigos e ad- miradores do maior Djenal

nos visitantes foram ofe- recidos pela exma. consorte do destacado oficial, bebidas finas e doces.

daquele órgão, antes da ins- tação dos seus trabalhos. Rio, 28.

Inaugurado no SAME a escola de recuperação dos cegos em Sergipe

Constituiu motivo de júbilo para a sociedade sergipana a instalação da Escola de Re- cuperação dos Cegos de Ser- gipe, que teve lugar em a- noite do último sábado, no Serviço de Assistência à Men- dicância (SAME).

Participaram da solenida- de que se revestiu de grande brilhantismo, autoridades eclesiásticas, civis e milita- res, povo em geral e Direto- ria daquela grande obra de assistência social.

Da mesa, participaram o Exmo. Revmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Távora, Cel. Max Ribeiro, Presidente do SAME, Prof. A. C. de Vas- concelos, Diretor do Depto. de Educação e representante do Sr. Governador; Sr. Emilio Vasconcelos, rep. do sr. Pre- feito; Dr. Carlos de Carva- lho; Dr. Alvaro Santana e outros mais.

Foram convidados todos os nossos estabelecimentos de ensino, a imprensa falada e escrita, e, apenas dignaram- se a comparecer a tão impor- tante solenidade, o Dr. Pedro Braz, Diretor da Esc. Indus- trial, e representantes da "Gazeta Socialista" e "A Cru- zada".

OS ORADORES

Abriu o ato inaugural, ou- zou da palavra o Cel. Max Ribeiro, abnegado Presidente do SAME, que salientou o con- to pessoal e social do cego em Sergipe, através àquele grande empreendimento, na sua reintegração na socieda-

min Constant, e para aqui viera oferecer espontanea- mente os seus préstimos, para ensinar aos cegos da nossa terra a ler e escrever pelo sis- tema Braille, e, somente en- controu acolhida naquela casa de caridade, dada a alta compreensão do Presidente do SAME.

Com a palavra o represen- tante do Sr. Governador do Estado, Prof. Antônio Carlos, dissera dos bons propósitos do Dr. Leandro Maciel em rein- tegrar no cargo de professo- ras primárias a esforçada e grande mestra D. Maria He- lena, que fora aposentada com apenas Cr\$ 450,00, louvável gesto de S. Excia., em as- sim procedendo.

Falou em seguida o ilustre prof. Francisco Silva, envia- do especial para aquele ato, pelo Instituto Benjamin Constant, onde se aperfeiçoou e é professor de Geografia, cego de nascença. Começou o notável mestre sua oração referindo-se aos pioneiros da educação do cego no Brasil, país pioneiro na América do Sul. O orador em apêgo mos- trou ser profundo conhecedor do assunto, exibindo com da- dos históricos a evolução do ensino de recuperação dos ce- gos pelo sistema Braille, o in- signe e imortal francês, um dos grandes bemfeitores da humanidade. Lembrou nomes como D. Pedro II, J. Alva- res de Azevedo e tantos ou- tros que deram integral apoio a essa nobre causa.

O ponto alto da reunião foi o discurso lido em Braille

teem direito? Não!". E ter- minou dizendo: "A Escola muito necessita e espera de todos, unidos num mesmo ideal — governo, igreja e povo, a colaboração e apoio.

O sr. Bispo Diocesano en- cerrando aquela noite festi- va, repassada de emoções e tão comovedora, disse da sua finalidade. E entre outras coisas, disse: — "a cegueira é apenas como um acidente na vida, no momento em que vivemos, mas que obras como esta fazem esquecer esse aci- dente, recuperando social- mente para a vida comum o acidentado". E mais adian- te: "Em todo lugar devem existir obras como essa, capa- zes de seguir o progresso dos tempos".

A ESCOLA

A Escola funcionará três vezes por semana no maior salão do SAME, contando com a cooperação do mesmo e do Depart. de Estradas de Rodagem, cujo Diretor, Dr. Carlos de Carvalho, cedeu transporte para trazer e le- var os alunos, que já conta com o número de oito, já o bastante para uma só profa., pois a aprendizagem é indi- vidual.

Gazeta Socialista que acom- panha par e passo o pro- gresso da nossa terra, em- presta todo o apoio a essa tão grande e dignificante causa.

Sensacionais Declarações do prof. Paulino Jacques

O prof. Paulino Jacques, l- nte de Direito Constitu- cional da Faculdade Na- cional de Direito, entrevis- tado pela imprensa carioca, disse: «Nosso paí s sofre plethora de leis sem execução. Nosso mal não está na falta de leis boas, mas na ausência de deci- são firme para executá-las. As leis de que dispomos para solucionar a questão econômico-social, não são más; o de que precisamos é de homens bons, ou mais exatamente, decididos a pô-las em execução». Rio, 26.

MAIS O PERMI

Ha pouco ma como é do cont- blico, a COAP, concessionário o aumento de ne verde. Nem retalhadores d aumentaram o Cr\$ 35,00 para mos que a rev- gão descont- lechou os olho passada o tal- mais outro a feita de Cr\$ portanto, comp de planca m xarcada de áq tranhas, cujo mo métrico gente é de 900 vado pelo órg — que é a fisca- feitura de Ara O mol disse disse com acê der sindical, nião de uma traordinárias

A verba de 300 mil cruzeiros não dinheiro à Colônia de Pe

Movimentada a úl- tima semana Pau- lista

A reforma do secreta- riado, em função da can- didatura do sr. Carvah- Pinto, a desorientação ri- nante na "Frente Popula- Nacionalista", a reuniã- da Comissão Executiva do CIGP, o Congresso dos

O credor recebeu dois tiros por conta daquele débito

Ler na 2 página A Vida nos Municípios

Ler Detalhes

liderança d- Palácio Tir- de ser escol- para seu li- quentemente, tem como

A Instrução Primária em Sergipe

A instrução primária no Estado tem sido passível de altos e baixos, na conformidade da mentalidade dos seus governantes.

Elevou-se no governo Rodrigues Dória ficando em nível de estabilidade até a revolução de 30, sofrendo nêsse longo período influências benéficas e malélicas.

A revolução não lhe melhorou a estrutura. Os homens influentes, com a mesma mentalidade, pouco lhe acrescentária de salutar.

Mas a presença de um jovem de temperamento introspectivo, porém dedicado ensino, apesar de engenheiro, o dr. José Rolemberg Leite, marcou a sua passagem pelo governo do Estado, com um esforço meritório na recuperação do ensino primário, tanto no sentido horizontal, como no vertical.

Instalando escolas rurais e duas escolas normais, criando grupos escolares, embora com auxílio, federal, dotou materialmente o Estado de uma boa estrutura para uma atuação, a curto e longo prazo.

Procurando acompanhar as instalações empreendidas, instituiu bolsas de estudos, cursos de aperfeiçoamento do professorado, melhorando substancialmente os níveis intelectuais de cada um.

Não satisfeito com o programa em ação, buscou a vinda de técnicos brasileiros e estrangeiros, até nós, objetivando colher frutos de uma melhor técnica pedagógica e de experiência de planejamento. Sem dúvida, na perseguição dêsse desinideratum, esbarrou com muitos obstáculos procedentes de uma estrutura econômica enfeudada e sem condições de auxiliá-lo.

Já o seu sucessor não manteve a mesma "performance" e deixou em declínio o ensino primário, graças a pressão política e ter as vistas voltadas para outros setores.

A presença do governador Leandro Maciel em 55, foi destacada por uma retumbante propaganda.

Mesas redondas foram instituídas para estarrecer o burgues, como dizem os francêses, e assinalar uma era nova em todos os setores administrativos do Estado.

Numa delas, tomaram parte os drs. Marcos Ferreira e Carlos Oliveira, para exporem os

do da transferencia dos lucros ap
para o de 1958 seja aprovada.

Serafim Gonçalves de
José Apostolo de Oñiv
João Rodrigues da Cr

RELATÓRIO apresentado relativo ao exercíci

Senhores Acionistas:

Ao submeter à vossa esclare
preceituum a lei e os nossos estatut
dades da nossa Empresa no ano rec
nalar os seguintes itens.

Jazida

Eletuamos diversos melhoram
estrada de acesso a jazida.

Fabrica

Procedemos a diversos melho
da fábrica.

Vendas

Houve maior volume de ven
exercícios anteriores.

Lucro

Pela primeira vez a nossa Cia
do positivo com um lucro liquido d
centos e quarenta mil seiscentos
centavos o qual sugerimos seja tra
de 1958.

Colocando-nos à disposição
para quaisquer esclarecimentos, sub
ciação e julgamento todos os atos
inclusive a prestação de contas do

Aracaju, 8 de março de

Joaquim Alves de Seabra —
Walter de Assis Ferreira Bap
Jose Afonso — Diretor Industr



ESPI
CII

O povo forçado pelas
greve branca e a car
mercados — Esgôto fa
cidade.

A ganância e a aml
das aváros tubarões do ren
carne verde foi tão grande
te conseguiram o seu intent
sos, graças o integral apôio
vêrno Estadual. O aumento

Instrução Primária: ensino ruim

A população em idade escolar do município de Aracaju, é, calculadamente, de 22.000 crianças, dessas, apenas frequentam escolas 13.000. São 123 escolas primárias, sendo 42 do Estado, 29 da Prefeitura e 52 Particulares. Frequentam as primeiras 6.688 alunos, as segundas 1.499 e as terceiras 4.857, de ambos os sexos.

O ensino primário, como soe ser em todo o País, é ruim, no entender do grande educador Anísio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

— Ruim pela fórmula arcaica do ensino, de exposição oral e reprodução verbal, decorativo de conceitos e nomenclaturas.

Decoram-se regras gramaticais e traduções dadas em aula, mas raramente se consegue lêr ou escrever, qualquer língua, inclusive o português, acrescenta o consagrado pedagogo Anísio Teixeira.

O ensino ruim, preocupado com informações teóricas em qualquer matéria, não tem nada de prático, e por isso, o homem comum, nenhum proveito colhe com os dois ou três anos de curso primário que lhe ministram os poderes públicos.

Afirma o professor Anísio Teixeira: — "o dever do Governo, dever democrático, dever constitucional, dever imprescritível, é a criação de uma escola primária capaz de fornecer ao povo brasileiro uma formação indispensável ao seu trabalho comum".

Aracaju pode, perfeitamente realizar um programa de reformas do ensino primário, preparando as gerações futuras com um ensino básico, que qualifique o trabalhador sergipano para a sua industrialização e a vida democrática moderna.

A escola parque poderá ser uma "Escola Modelo" de ensino prático e eficiente e que o município deverá construí-la com o auxílio do INEP, e que servirá de orientação aos demais municípios do Estado.

natural do termo do Estado de Sergipe, atualmente nesta Conjunto Residência "menon Magalhães" Guilherme Teles de e de D. Maria Eurides.

Apresentaram os atos exigidos pelo Código Civil. Se alber de algum impropria-o na forma

Aracaju, 22 de ma

O Oficial do Reg substit
Eurides de Alme